

EDUCOMUNICAÇÃO: desafio à Família Salesiana



REDE SALESIANA DE ESCOLAS
(Org.)

EDUCOMUNICAÇÃO: desafio à Família Salesiana



E64 Rede Salesiana de Escolas (Org.).
Educomunicação: desafio à família salesiana. 1. ed. Brasília: Cisbrasil - CIB, 2010.
160 p. (Col. Literatura Salesiana - Vol. 5)

ISBN 978-85-7741-131-3

1. Educomunicação – Escola. 2. Educação – Comunicação. 3. Salesianidade. 4. Educador –
Formação.

CDU 37.013: 316.75

Todos os direitos reservados à Editora Cisbrasil – CIB
Endereço: SHCS CR – Quadra 506 – Bloco B – Lojas 65 / 66 – Asa Sul • Brasília – DF – CEP 70350-525
Telefone: (0XX61) 3214-2300 • Fax: (0XX61) 3242-4797 • E-mail: cisbrasil@salesianosdobrasil.org.br

Copyright © 2010: Cisbrasil – CIB

Editor: Prof. Gleuso Damasceno Duarte

Consultora: Ir. Maria Helena Moreira

Coordenador de Arte: Marcos Lourenço

Coordenador Editorial: Hermínio José Casa

Coordenador de Produção: Marcelo Martins

Assessoria Editorial: Clarisse Bruno, Ester Tertuliano Rizzo

Capa e Projeto Gráfico: Lápis Lazúli

Revisão: Seculus Editoração

Diagramação: Sandra Fujii

Fotografias: RSE-BI

Nos casos em que não foi possível contatar os detentores de direitos autorais sobre materiais utilizados como subsídio na produção deste livro, a Editora coloca-se à disposição para eventuais acertos, nos termos da lei 9.610 de 19-2-1998 e demais dispositivos legais pertinentes.

Os pedidos desta obra devem ser encaminhados
ao endereço da Editora Cisbrasil - CIB.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

APRESENTAÇÃO

Em sintonia com as tendências do mundo pós-moderno e atentos a seus desafios, as Filhas de Maria de Auxiliadora e os Salesianos, há muito, têm dedicado estudos, pesquisas e reflexões sobre a comunicação educativa, buscando compreender seu papel, sua relevância e, sobretudo, seu impacto na educação das novas gerações, marcadas pela digitalização, pelas redes de relacionamento globalizadas e por uma sensação de que doutrinas e práticas didáticas consagradas parecem fadadas ao fracasso, à obsolescência e ao esquecimento como peças de museu de tecnologias, num futuro nem um pouco remoto.

Embora possa parecer aos tradicionalistas um simples modismo, entre tantos que surgem a cada dia, a educomunicação consolida-se rapidamente como novo e importante campo de pesquisa teórica e aplicada, uma área do saber que busca responder as prementes indagações decorrentes do impacto das novas tecnologias e avanços científicos nos diferentes espaços do convívio social, particularmente no campo da educação.

A publicação conjunta destas duas obras: *Proposta de educomunicação para a Família Salesiana* da Equipe de Comunicação Social do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora – Ecosam – e *Educomunicação: pequenos passos na nova cultura*, da coletânea GONG, do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora revelam essa trajetória de estudos educacionais e o compromisso de situar a educomunicação como ótica e prática educativa transversal à missão e à atualização do carisma salesiano.

O III Encontro da Escola Salesiana na América – III ESA, realizado em Brasília, em maio de 2008 – propôs à Família Salesiana este grande desafio: favorecer a cultura comunicacional inspirada nos valores do Evangelho, educando-nos para a comunicação interpessoal, a mediação tecnológica, a expressão e arte e a formação para o exercício da cidadania, compreendendo as novas linguagens das culturas juvenis, na ótica da Educomunicação.

O mesmo encontro definiu, entre as **políticas** orientadoras da atuação da Escola Salesiana na América: concentrar-se no compromisso de construir ecossistemas comunicacionais ricos de intencionalidade educativa, como busca de sentidos e ressignificação das relações sociais e a orientação dos processos educativo-pastorais para uma ação comunicativa que gere uma cidadania ativa.

A educomunicação orienta as comunidades educativas a assumirem com maior consciência os aspectos comunicativos do Sistema Preventivo, e transitar com competência na nova cultura digital, para dar um aporte significativo à qualidade da comunicação. As novas linguagens tecnológicas requerem educadores capazes de captar suas potencialidades de humanização.

No empenho de potencializar a comunicação educativa, com o objetivo de tornar cada vez mais eficaz a sua *práxis* educativo-pastoral, a Rede Salesiana de Escolas faz a publicação conjunta destas obras. Com este subsídio, quer promover uma reflexão ampla, uma partilha das múltiplas experiências educacionais das comunidades educativas que revelam a densidade comunicacional da educação salesiana.

Brasília, 31 de janeiro de 2010.

Pe. Nivaldo Luiz Pessinatti
Ir. Ivanette Duncan de Miranda
Diretores da RSE

SUMÁRIO

1ª PARTE: PROPOSTA DE EDUCOMUNICAÇÃO PARA A FAMÍLIA SALESIANA

Apresentação	13
Capítulo 1	
Marco situacional	15
1. Um novo cenário mundial	17
2. Algumas imagens deste novo cenário	19
2.1. Democratização excludente	19
2.2. Redes comunicacionais.....	20
2.3. Imaterialidade dos espaços virtuais	21
3. Singularidade juvenil.....	22
4. Desafios à educação	24
5. Educação-comunicação: longa trajetória	27
Capítulo 2	
Marco teórico	29
1. Apresentação.....	31
2. Aproximação entre educação e comunicação	32
2.1. Breve resumo histórico.....	32
2.2. Contribuições teóricas.....	33
2.3. Pontos de convergência	34
3. Educomunicação.....	36
4. Áreas de intervenção	37
4.1. Educação para a comunicação	37
4.2. Mediação tecnológica	40
4.3. Expressão e Arte	44
4.4. Comunicação para o exercício da cidadania.....	45

5. Eixos transversais	49
5.1. Gestão de processos educacionais	49
5.2. Investigação	52
5.3. Formação-capacitação	53
6. Educomunicação e missão salesiana	55

Capítulo 3

Marco operativo.....	61
1. Apresentação.....	63
2. Educomunicação: mosaico ou campo articulador?	64
2.1. Educar para a incerteza	64
2.2. Educar para o desfrute da vida.....	64
2.3. Educar para a significação	65
2.4. Educar para a convivência	65
2.5. Educar para apropriar-se da história e da cultura	65
2.6. Alguns projetos em execução	67
3. Um ambiente privilegiado.....	70
4. Para criar ecossistemas comunicacionais.....	70
5. Tarefas da gestão da comunicação.....	71
6. Assuntos pendentes	71
Bibliografia	73



2ª PARTE:
EDUCOMUNICAÇÃO PEQUENOS PASSOS NA NOVA CULTURA

Apresentação	77
Introdução	79
1. Educomunicação	81
2. Educação e comunicação no carisma	83
Dom Bosco comunicador	83
Maria Domingas Mazzarello, mulher de relacionamento	84
Aberturas comunicativas, ontem e hoje	86
3. Educação e comunicação: duas realidades de igual valor	88
Uma relação que vai da autonomia à cooperação	88
Outras maneiras de pensar e falar da relação entre educação e comunicação ..	89
Educar e comunicar para construir comunidade	90
4. Passos de um caminho	91
Para atualizar o carisma	92
5. Experiência de um processo de educomunicação	94
Seminários continentais	95
Constantes que afloraram	96
Desafios e perspectivas	97
6. Elementos para projetar caminhos concretos	98
Aspectos essenciais	100
Conclusão	101
Anexo 1	102
Comunicação e educação no pensamento de alguns autores	102
<i>Célestin Freinet</i>	102
<i>Paulo Freire</i>	102
<i>Mario Kaplún</i>	103
<i>Ismar de Oliveira Soares</i>	104
Anexo 2	105
Algumas perspectivas teóricas sobre a inter-relação educação-comunicação	105
<i>A Media Education</i>	105
<i>A Medienpädagogik</i>	107
<i>A proposta multidimensional</i>	108
Bibliografia	110
Textos de aprofundamento	111



3ª PARTE:
NAS PEGADAS DOS FUNDADORES

1. O campo de trabalho... Real e virtual	115
2. Conciliando a terminologia	118
3. Uma civilização em gestação	119
4. Trabalhando em rede.....	120
Bibliografia	126

APÊNDICE

Glossário.....	129
Referências bibliográficas.....	153

Equipe de Comunicação Social do Instituto das Filhas
de Maria Auxiliadora na América – Ecosam

1ª PARTE

PROPOSTA DE EDUCOMUNICAÇÃO PARA A FAMÍLIA SALESIANA

BI-RSE



EDUCOMUNICAÇÃO
SALESIANA



APRESENTAÇÃO

Não se consegue valorizar plenamente o alcance desta revolução, porém, está nascendo o “cidadão eletrônico” que nós devemos ajudar a ser “honrado”, a se abrir a um “mais além” da rede e reconhecer a paternidade de Deus, para que seja um “bom cristão”. (D. Vecchi)

A caminhada paciente, comprometida, livre de espetacularidades, criativa, plena de sonhos e busca de tantas Filhas de Maria Auxiliadora e leigos que, na amplidão do continente, coordenam experiências de comunicação-educação-cidadania, encontra hoje sua referência comum na proposta de educomunicação que a Equipe de Comunicação Social América (Ecosam) apresenta neste documento.

Com esta proposta, conclui-se uma etapa e começa-se outra. É o ponto de chegada de um caminho ação-reflexão-ação que a Ecosam vem tecendo em sua missão de coordenar o trabalho da Comunicação Social nas diferentes regiões da América. E, ao mesmo tempo, um ponto de partida para que as experiências em curso e as que estão por vir, encontrem neste *Plano Continental de Educomunicação* uma referência orientadora e um estímulo para viver esta missão *em diálogo com a cultura contemporânea, trabalhando em rede e expressando uma missão educativa inculturada ao serviço da vida*¹.

Composto de três partes – *Marco situacional, Marco teórico e Marco operativo* – o documento apresenta as razões que tornam inadiável uma proposta desta natureza, as referências em que se apoia e os possíveis caminhos que a tornam viável.

Por ser esta a primeira tentativa continental de articular os projetos de comunicação-educação-cidadania, não é possível oferecer ainda a sistematização das teorias que dão sustentação a esses projetos. Isso requereria um processo de investigação para o qual não houve ainda tempo suficiente, dada a novidade do campo. Este trabalho fica como tarefa e desafio para Ecosam e as coordenações inspetoriais de comunicação.

¹ Cfr. *Actas Del CGXX de las Hijas de María Auxiliadora*. Roma, 1996. p. 99.

Não obstante é oportuno oferecer no *Marco teórico* as reflexões mais recentes acerca deste campo, por ser um suporte valioso e por considerar que as experiências em andamento formam parte do caminho descrito.

O *Marco operativo* apresenta um horizonte aberto, no qual é possível dar início a processos de educomunicação de natureza diversa e em áreas também diferentes, mantendo-se, no entanto, dentro da proposta que a Ecosam oferece. Nesse campo educativo tão recente e que evolui rapidamente, não se pode correr o risco de enquadrar as iniciativas em estruturas pré-estabelecidas. Em muitas comunidades educativas há experiências em curso que estão conseguindo fazer da Nova Matriz Curricular um espaço onde a criação de “ecossistemas comunicacionais” não só é possível, como também é fruto natural do ambiente educacional.

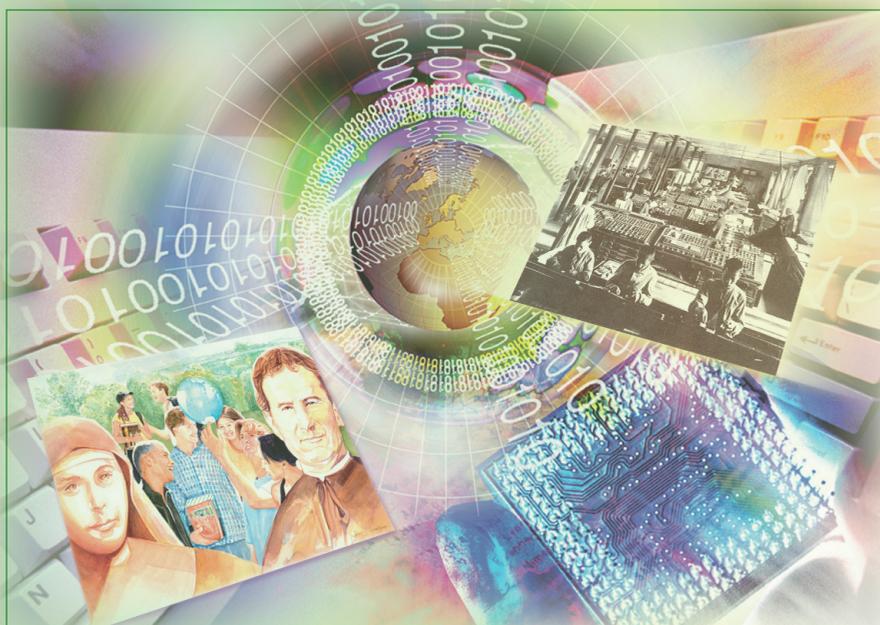
O convite é implementar no âmbito escolar a Proposta e compartilhar, com todos, as descobertas e horizontes que forem surgindo, utilizando para isso as possibilidades comunicacionais que nos dá, precisamente, este universo virtual.

Ecosam
Maio de 2010.

CAPÍTULO 1

MARCO SITUACIONAL

BI-RSE



CAPÍTULO 1

MARCO SITUACIONAL

1. Um novo cenário mundial

Quando o educador *Langdon Winner*², professor de Literatura na escola média, perguntou a seus alunos que livro havia influenciado mais em seu pensamento, um terço deles respondeu em branco, outro terço reconheceu que não lhe ocorria nenhum livro e o restante citou livros escritos por apresentadores de programas televisivos de grande êxito.

Eram todos alunos brilhantes, que haviam obtido excelentes qualificações para ingressar na Universidade, porém, a prova a que se haviam submetido, respondia a critérios de cultura analógicos, outra forma de entender e compreender a informação.

Esses estudantes haviam passado uma parte de sua vida diante do televisor, haviam estado em contato com jogos eletrônicos, com computadores. Seu contexto cultural se articulava a partir de códigos e recursos digitais, virtuais. Entendiam e organizavam a informação de um modo diferente. Seu universo era totalmente distinto do de seus professores.

Winner afirma que os estudantes de hoje sabem tanto ou mais que os de outros tempos, porém, adquirem seu conhecimento em hipertextos, CD-Roms, enciclopédias, páginas *Web*, etc. E têm, portanto, uma forma particular de organizar os dados e uma forma particular de compartilhá-los com os outros.

Esse fato é um simples expoente da realidade cultural que vive grande parte da humanidade e que se distancia notoriamente daquela em que a geração adulta foi educada.

Jacques Delors, no *Relatório* que a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI apresentou à Unesco, no ano de 2000, alude a esta nova sociedade em que os fenômenos se dão em escala planetária, e frente aos quais há que se tomar decisões que manifestem a responsabilidade com a qual se vive o presente momento histórico:

² WINNER, L. *Technological Frontiers and Human Integrity*. In: GOLDMAN, S.L. (Ed) *Research in Technology Studies*. Bethlehem: Lehigh University Press, 1989.

“Hoje em dia, grande parte do destino de cada um de nós, queiramos ou não, acontece num cenário mundial. Imposta pela abertura das fronteiras econômicas e financeiras, impulsionada por teorias de livre comércio, reforçada pela queda do bloco soviético, instrumentalizada pelas novas tecnologias da informação, a interdependência planetária não cessa de aumentar no plano econômico, científico, cultural e político. Experimentada de maneira confusa pelas pessoas como indivíduos, converteu-se para os líderes mundiais em uma fonte de dificuldades. A conscientização generalizada desta “globalização” das relações internacionais constitui ademais, em si mesma, uma dimensão do fenômeno. E, apesar das promessas que encerra, a aparição deste mundo novo, difícil de decifrar e, ainda mais, de prever, cria um clima de incerteza e, inclusive, de apreensão, que torna ainda mais titubeante a busca de uma solução para os problemas que se dão realmente em escala mundial³”.

Essa nova ordem social veio precedida pelas chamadas novas tecnologias. Ainda que a informática, a microeletrônica, a robótica, a inteligência artificial, os supercondutores, a biotecnologia, a microrreprodução, a miniaturização que permite a nanotecnologia e outras inovações, avancem, apliquem-se e se desenvolvam em campos diversos, estão todas caracterizadas pela facilidade de interdependência que lhes dão as chamadas tecnologias da informação e a comunicação.

O investigador brasileiro Ismar de Oliveira afirma que essas mudanças são próprias de uma nova era: a Era da Informação, que impulsiona um novo contexto cultural caracterizado pelo confronto entre o que se entende por “modernidade” e uma ainda indefinida “cultura da pós-modernidade⁴”.

Para Dacal Alonso, da Universidade Ibero-americana do México, a pós-modernidade se caracteriza pelo predomínio da técnica da informação. Com a consolidação da Era da Informação tudo mudou muito rapidamente, desde as cosmovisões que alimentam o imaginário do ser humano até as formas com que as pessoas se relacionam com seus semelhantes. A humanidade está submergida em uma sociedade profundamente midiática. Grande parte das transformações atuais tem como testemunha inquestionável a comunicação massiva. Os meios de comunicação adiantam transformações culturais que incidem na área comunicativa e educativa da sociedade.

“A cultura cotidiana das maiorias, – segundo Martín-Barbero – não só nas cidades como no campo, está cada vez mais moldada pelas propostas, modelos e ofertas culturais dos meios massivos. Por escandaloso que soe, as maiorias latino-americanas estão tendo acesso à modernidade não pela mão do livro, não seguindo o projeto ilustrado, mas a partir dos formatos e dos gêneros das indústrias culturais do audiovisual⁵”.

É a ideia evidente de que os meios estão ministrando às pessoas um “caudal” mínimo de saberes que lhes sirvam para se desenvolverem na vida, no mundo e na

3 Cfr. DELORS, Jacques. *Educação, um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco; MEC, 2000.

4 Cfr. SOARES, Ismar de Oliveira. *La gestión de la comunicación en el espacio educativo*. Lima: DIA-logos de la Comunicación. [s.d.].

5 Citado por BISBAL, M. *Pensar la cultura de los medios*. Clave sobre realidades massmediaticas. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello. 1999, p. 74.

cidade. Tais saberes convertem-se, para aqueles que não alcançam a escolaridade institucionalizada, em constitutivos de sua “ilustração” e em substitutivos da educação. E para os que têm acesso ao aparato educativo formal, em complementos e, às vezes, em substitutivos da própria escolaridade⁶.

2. Algumas imagens deste novo cenário

2.1. Democratização excludente

“Pelos efeitos da revolução tecno-científica se estão produzindo espetaculares transformações que afetam profundamente nossas vidas, nosso contexto físico imediato e nosso ambiente cultural, saturado de informação transmitida pelos cada vez mais sofisticados recursos tecnológicos da comunicação⁷”.

Essa revolução está inserida num projeto econômico de dimensões planetárias, cujo motor são as tecnologias da informação e da comunicação e cuja tendência é a de criar corporações globais. Não chegam a dez as grandes multinacionais das telecomunicações que controlam a produção dos símbolos culturais, as mensagens destinadas ao entretenimento e ao ócio. São também as que possuem a capacidade econômica para concentrar os últimos avanços tecnológicos e as que, por conseguinte, monopolizam o mercado. Afirma Juan Luis Cebrian, em sua obra *La Red*, que “85 por cento do volume mundial no negócio das telecomunicações tem lugar nos Estados Unidos, na União Europeia e no Japão⁸”. Têm este caráter planetário, na América Latina, a mexicana Televisa e a brasileira Globo, seguidas de perto pela venezuelana Organização Diego Cisneros, em sua dimensão comunicacional. O que significa que, apesar de a humanidade ter entrado em sua totalidade nesse processo de globalização, uns puseram as regras e outros, simplesmente, as cumprem.

Este novo poder mundial representado pelas multinacionais, que impossibilitou os governos de estabelecer as regras do jogo, carece de representatividade democrática e tem seu próprio interesse: econômico e de mercado. Não tem, por sua desvinculação do Estado de Direito, compromisso obrigatório com o interesse coletivo.

“Isto não significa que o comportamento das multinacionais esteja necessariamente isento de ética, mas que a própria natureza moral do poder será diferente⁹”.

Tal domínio da informação confere às grandes potências um verdadeiro poder cultural e político, principalmente sobre as populações que não foram preparadas,

6 BISBAL, M. O. *cit.* p. 75.

7 ESPINOZA, Manuel. “Hacia una cultura de la complejidad”. In: *Puntual*. Publicación periódica de la Fundación Polar. Caracas: Octubre, 1995, Año 3, n. 5, p. 6.

8 CEBRIAN, Juan Luis. “Regular el caos”. In: *Debates de El País Digital: Diario Español en la Web*, Junio, 1998.

9 *Idem, Ibidem.*

através de uma educação adequada, para hierarquizar, interpretar e criticar as informações recebidas. O quase monopólio das indústrias culturais por parte de uma minoria de países e a difusão de sua produção pelo mundo inteiro, unida à existência de um público vastíssimo, constituem poderosos fatores de erosão das especificidades culturais. Sendo uniforme, e com frequência de grande pobreza de conteúdo, esta falsa “cultura mundial” não deixa, por isso, de trazer consigo normas implícitas e pode induzir, nos que sofrem seu impacto, um sentimento de expoliação e de perda da identidade.

Se bem que as redes eletrônicas estejam constituindo um novo espaço para a opinião pública, onde o pensamento coletivo possa constituir-se com pontos de vista diferentes e a partir de diferentes lugares, o nível de desigualdade e de desequilíbrio entre o Norte e o Sul do Planeta, aprofunda mais ainda as diferenças entre aqueles que têm acesso à tecnologia e aqueles que não têm possibilidade sequer de frequentar a escola. Numerosas populações empobrecidas vivem ainda distantes dessa evolução, principalmente em zonas desprovidas de eletricidade. Há de se lembrar, também, que mais da metade da família humana carece de serviços oferecidos pela rede telefônica.

Atualmente, menos de 2% da população mundial tem acesso à Internet. O desequilíbrio é extremamente alto em continentes como a África, onde só uma de cada 685 pessoas pode conectar-se à rede. Na Terceira Conferência Mundial sobre Crianças e Adolescentes e Meios de Comunicação, realizada em Tessalônia, na Grécia, de 23 a 27 de maio de 2001, Ellen Wartella, do College Communication, da Universidade do Texas, apresentou alguns dados obtidos por uma investigação realizada nos Estados Unidos. Alguns não necessitam comentários:

“80% das crianças africanas nunca viram em sua vida um programa de televisão. Enquanto, nos Estados Unidos, uma criança de classe média, vive numa casa que possui, em média, 3 aparelhos de TV, 3 videocassetes, 3 rádios, 2 gravadores, 2 equipamentos de CD, 1 videogame e 1 computador pessoal”.

Assim, as tecnologias podem converter-se em abismos que fazem crescer ainda mais as diferenças entre os que podem obter a informação e aqueles que nunca podem adquiri-la.

2.2. Redes comunicacionais

Um dos aspectos mais característicos da sociedade da informação é sua articulação em redes. Aliás, o conceito de “rede” é hoje aplicado a tudo: à tecnologia, à comunicação, à organização, à gestão, à produção, ao poder e à sociedade em geral.

As redes instauram um novo modo de ser cidadãos e de conviver. Convertem as cidades em telecidades, criam um novo ser humano “eletrônico”, portador de múltiplos “sistemas-próteses” agregados a seu corpo, equipa as casas com os aparelhos

multimídia familiares que transformam lares em terminais conectados aos sistemas eletrônicos mundiais, como a telefonia, a televisão, os computadores, a impressora, o fax... A vida cotidiana está totalmente permeada pela eletrônica.

A digitalização do planeta mudou o processo tradicional da comunicação social. O conceito inequívoco de “receptor” já não o é tanto. A eletrônica introduziu um novo modelo de intercâmbio: a interatividade e a possibilidade de produzir comunicações a partir daqueles que antes se chamava “público”. Realizou o que Bertold Brecht idealizava pensando no rádio: o mesmo veículo que agora recebe, possui condições técnicas para emitir um *feedback*.

A “democratização dos meios de comunicação” pode ter muito pouco ou nada a ver com uma situação mais democrática e participativa da sociedade. Em alguns casos, a disputa pelos espaços nas grandes redes, pode significar um acesso efetivo à produção de mensagens em grande escala da indústria da comunicação¹⁰.

A existência de redes se constitui em uma oportunidade para potenciar esforços, para abandonar isolamento e os projetos redutivos, para socializar o conhecimento e para otimizar os recursos.

2.3. Imaterialidade dos espaços virtuais

As novas tecnologias da comunicação nos apresentam, cada vez com mais frequência, universos imaginários com os quais nos relacionamos, não como fazíamos com os “mundos da fantasia” do passado, mas assumindo-os como universos reais.

“A grande revolução pessoa-mundo nas altas esferas da tecnologia consiste em que nossas fantasias, os mundos que povoam nossa imaginação, aquilo que era só nosso e pessoal, é agora *coletivo, real e interativo*.”

É *coletivo* porque a indústria eletrônica está abastecendo o mercado cada vez mais com *softwares* que permitem a navegação por espaços virtuais praticamente infinitos. O mundo fantástico da literatura se dava unicamente dentro da mente. O mundo fantástico do cinema tinha lugar na imaginação, a partir da projeção de fotogramas que, passando ante os olhos do espectador em forma sequencial, produziam a sensação de movimento. O novo mundo do imaterial é acessível a todos os que trabalham com computadores pessoais, com o qual vão se coletivizando.

É *real* porque se trata de um espaço onde efetivamente se dão fatos reais e concretos. O espaço do virtual não é tão só uma projeção mental, imaginativa, inexistente. Constitui-se em uma dimensão possível, onde se dão acontecimentos, onde se pode simular o uso de equipamentos, a experimentação de tecnologias, o treinamento de pilotos... Isso é absolutamente novo. Nunca antes um espaço imaterial, um universo virtualmente montado graças à tecnologia permitiu à pessoa a interferência dentro dele e a obtenção de experiências e conclusões.

É *interativo* porque trabalha com a pessoa, leva em conta suas interferências e se reconstrói a partir delas. Como no jogo, trata-se de um companheiro ao qual se fazem as próprias propostas e o qual as considera suas. Não se trata, portanto, de abstração, de um processo puramente intelectual extrator de dados fenomenológicos concretos, de leis e razões de

ordem teórica. Estamos diante de uma nova relação da pessoa com o mundo, onde o espaço físico-concreto convencional permite sua réplica no campo virtual dos espaços imateriais, onde se dão as reuniões eletrônicas (teleconferências), contatos virtuais, intercâmbios sensitivos e até eróticos”.¹⁰

Algumas empresas já nasceram dentro do campo das redes: não têm sede real em nenhum lugar fixo concreto, geográfico, nem possuem instalações físicas, apenas máquinas e, no entanto, permitem encontros, contatos, reuniões e intercâmbios de toda espécie, “como se fossem reais”, o que de fato são, a seu modo.

Vai-se priorizando, assim, o campo do imaterial, em detrimento das vivências concretas e materiais. As pessoas vão substituindo a experiência “em carne e osso” pela experiência na tela¹¹.

3. Singularidade juvenil

Quem são os jovens do século XXI? Antes de considerar essa pergunta, é importante questionarmos sobre que conceitos pautamos quando falamos em “juventude”.

Não é simples a questão de “definir” essa fase da vida, pois implica uma contextualização histórica, psicológica, social, econômica, política, cultural. E além disso, Mario Angulo¹² nos alerta para alguns códigos que estigmatizam a juventude:

- as imagens juvenis vêm associadas ao sentido de perigo social. E se o jovem pertence às classes menos favorecidas, recai-lhe mais ainda esse estigma;
- outra modalidade de representação juvenil é a de se enquadrá-la como um “problema”, sublinhando os aspectos irregulares e condutas anormais. Essa maneira de perceber a juventude aparece não só nos circuitos *massmediáticos*, como também nos documentos político-institucionais;
- outros arquétipos vêm associados ao hedonismo, narcisismo e consumismo e, por consequência, destituem o jovem do sentido de responsabilidade, do investimento exacerbado na estética corporal e do consumo desenfreado.

Esse último estigma vem sendo utilizado e reforçado pela indústria do entretenimento, do espetáculo e da publicidade¹². Como a educação pode devolver aos jovens sua identidade de sujeitos protagonistas de uma história que já constroem, com sua riqueza peculiar de ser?

Importa ver o fenômeno “juventude” em toda a riqueza de sua expressão, de busca de identidade, de sua carga de heterogeneidade. Segundo Antonio Carlos Gomes da Costa não existe um paradigma hegemônico para se definir a juventude.

10 FILHO, Ciro Marcondes. *Cenários do novo mundo*. São Paulo: NTC, 1998, p. 11.

11 Cfr. FILHO, Ciro Marcondes. *O. cit.* p. 14 ss.

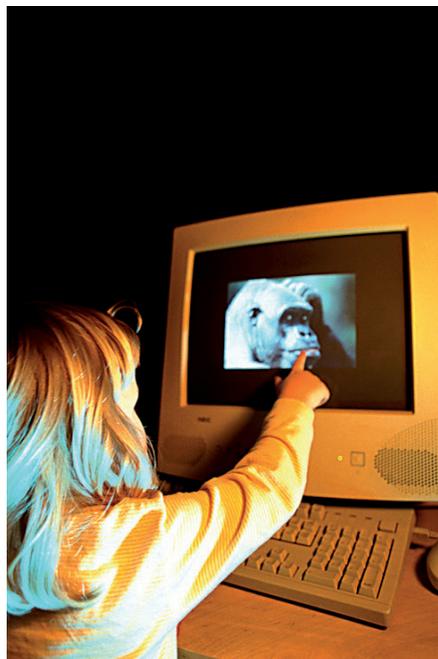
12 ANGULO, Mario. *La juventud venezolana: reto a la frustración y oportunidad al desarrollo*. Ponencia en el Primer Congreso de Juventudes. Caracas, 3-5/2/2000.

Isso impõe a necessidade de conceituar esse sujeito social a partir da consideração de um conjunto de fatores, ou seja, a juventude não pode ser definida por si mesma. Como fenômeno multidimensional, a juventude deve ser considerada a partir de sua significação específica nos diversos contextos da vida social: gerações, educação, trabalho, comunicação, participação ou exclusão no consumo e outros¹³.

Por conseguinte, pensar na juventude requer um esforço de releitura do mundo. Babin fala dos novos modos de compreender que tem a juventude, da sua capacidade de criar uma cultura diversificada, de abordar a realidade de forma alquímica (interação entre som/palavra/imagem) de estarem mais predispostos a desenvolver a inteligência tissular que a inteligência geométrica. A primeira leva a uma confrontação de cada parte do conjunto para compreender sua significação, enquanto a segunda avança a partir de demonstrações¹⁴.

A cosmovisão juvenil cria corpo a partir de pressupostos vivenciais fruto de intercâmbios comunicacionais planetarizados. Os jovens experienciam uma sensação de ubiquidade, transitando por diversas culturas e “geografias” virtuais, entrando em relação com outras línguas, culturas, tecendo um conhecimento híbrido.

Urge levar em consideração as transformações contemporâneas na cultura juvenil porque refletem novas concepções de tempo e de consumo.



BI-RSE

Carlos Feixa considera a juventude hoje como “geração @”, ou seja, geração da era digital. Uma das características do tempo digital é a de se permitir reprogramar constantemente o início, o final, a duração e o ritmo de uma atividade: cria-se um autêntico tempo “virtual”, cuja “realidade” depende do âmbito em que ela é produzida. O jovem “conecta-se” a tempos múltiplos e se move em medidas de tempo relativas, descentradas e ambivalentes¹⁵. Vive em espaços, como centros comerciais, onde tempo e consumo se fundem. Globaliza-se o espaço, virtualiza-se o tempo. Subverte-se a concepção cíclica do tempo e o consumo passa de um espaço local a um espaço global, graças às possibilidades infinitas que abrem as redes de conexão com o planeta.

13 COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000, p. 67-68.

14 BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, M.F. *Novos modos de compreender*. São Paulo: Paulinas, 1988.

15 FEIXA, Carlos. *Generación @ La juventud en la era digital*. In: *Nômadias*, n.13. Bogotá: DIUC, 2000, p. 84.

Sabe-se que esta “geração @” não constitui numericamente a maioria dos jovens no mundo. Mas, certamente, a tecnologia causa um impacto comportamental amplo, diversificado e complexo nos jovens de todos os segmentos sociais. As possibilidades de acesso às novas tecnologias chega até as favelas, produzindo saberes diferenciados e provocando mutações culturais. A capacidade de comunicação torna-se um imperativo e condição de sobrevivência e a apropriação das novas tecnologias e códigos linguísticos fazem dos jovens novos atores sociais.

Sem dúvida, a globalização – para os jovens de classe econômica desfavorecida – aprofundará ainda mais o fosso de sua exclusão social.

“O impacto da globalização econômica, das radicais transformações tecnológicas e organizacionais do mundo do trabalho e o preço social das políticas de reestruturação produtiva geram circunstâncias novas e terríveis para esses jovens: aumento dos riscos de exclusão social e de obsolescência profissional, máquinas inteligentes substituindo o uso da força e da inteligência humana no mundo do trabalho; desmaterialização do trabalho, fazendo da informação e do conhecimento requisitos fundamentais para a sobrevivência profissional¹⁶”.

Entrar na dinâmica da singularidade juvenil torna-se um desafio porque coloca a família, os educadores, a sociedade em estado de permanente atenção às mutações culturais, produzidas pelos jovens em contato com seus grupos “reais” de pertença, com os grupos “virtuais” que se estabelecem na rede, em telecidades, gerando uma telecidadania, muitas vezes oposta à cidadania requerida no meio social onde transcorrem grande parte do seu tempo.

Importa considerar os espaços onde se movem os jovens, considerá-los nômades, com enorme capacidade de transitar por diversos mundos ao mesmo tempo. Importa dar-lhes possibilidades de construir seu próprio projeto de vida, dentro de seus horizontes. Importa acreditar que os jovens buscam espaços onde possam formar a própria identidade, onde possam exercer seu protagonismo social e uma cidadania que os remeta à vivência de valores tais como liberdade, convivência, solidariedade, democracia, compromisso com a transformação social, ética nas relações.

4. Desafios à educação

A religiosa salesiana brasileira Maria Helena Moreira, educadora e pesquisadora neste campo, propõe alguns questionamentos que impulsionam a reflexão crítica diante da nova situação:

Do mundo criado por estas tecnologias nascem novas linguagens, novas relações entre as pessoas, modificando o tempo e o espaço tradicionais. O importante é questionar-se: como são estas novas relações entre as pessoas? A facilidade de comunicar-se com alguém

¹⁶ COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *O. cit.* p. 101.

que está em outro continente não é o que garante a qualidade da comunicação. Como administramos as diferenças, as heterogeneidades culturais? O conceito de cidadania se estendeu e falamos de “cidadãos do mundo”. Como atuar, então, neste mundo articulado em redes de comunicação? Já não pertencemos somente a uma sociedade local, senão a uma sociedade mundial. Estabelecem-se novos modos contemporâneos de ver, perceber e interagir nesta realidade. O conceito de “espaço” é amplo, dando origem aos *cyberspaces*, com “cidadãos das redes” que partilham informações, conhecimentos, ideias, sonhos, comportamentos. E essa troca se dá, não em um território real e, sim, virtual. Desaparece o concreto, o espaço físico, o que se pode tocar, o contato; e surge outra dimensão de percepção das relações interpessoais e sociais. O “eu” que entra em contato com o outro “eu” está des-territorializado. Propõe-se, então, o desafio de como resgatar as raízes culturais. Como não perder a identidade? São perguntas que exigem uma resposta que abra caminhos de nova cidadania capaz de circular pelas redes virtuais de informação e comunicação¹⁷.

O sistema tradicional de educação, nesse cenário e, sobretudo, diante da realidade juvenil, tem deixado de ser referência para ler e dar significado à realidade e à existência. O novo rosto da escola passa por afrontar a redescoberta de sua identidade; passa pela abertura ao diálogo entre pedagogos e teóricos da cultura e da comunicação.

As múltiplas trocas provenientes do mundo da comunicação desencadeiam transformações culturais e abrem espaço para gerar novas formas de conhecimento.

Que desafios propõe o mundo da comunicação à educação? Como assumir os processos de trocas culturais gerados por uma desigualdade de acesso a projetos e estratégias educativas? Como conhecer e trabalhar nos imaginários juvenis, dentro da instituição educativa, para instaurar espaços afetivos que permitam exercer a cidadania? Que trocas organizacionais se requerem para a construção de ecossistemas comunicativos que possibilitem o intercâmbio, a solidariedade entre os atores sociais da escola e da sociedade?

À educação impõe-se uma responsabilidade ética e social diante da hegemonia econômica mundial, cujo suporte são as tecnologias de informação e da comunicação. Considerando que os jovens povoam o universo das comunicações, em que se dão trocas culturais radicais, que desafios enfrenta o sistema educativo?

- educar para uma sociedade de produção que seja justa, equitativa e democrática;
- formar para uma cidadania local, nacional e mundial;
- educar para uma convivência solidária e ética;
- formar para a cooperação e a tolerância;
- tornar viável a aquisição de habilidades de compreensão, análise, reflexão, crítica e criatividade;

17 Cfr. MOREIRA, M.H. *Lendo o mundo da comunicação*. Artigo elaborado para a *homepage* da Comissão Escola América, das Filhas de Maria Auxiliadora: <<http://barrioperu.terra.com.pe/ispmaux.index.htm>>.

- oferecer instrumentos para reforçar a identidade cultural, aberta ao pluralismo e às trocas culturais;
- levar em consideração a cultura digital e virtual da comunicação;
- instaurar novas relações pedagógicas comunicacionais;
- educar para cosmovisões diferenciadas e visões múltiplas;
- capacitar para a identificação do pensamento único que se instaura com a hegemonia das empresas de telecomunicações;
- formar para a capacidade de negociação de sentido das diferentes instâncias de informação;
- trabalhar representações e conceitos tais como ciberespaço, telepresença, liberdade de expressão, democracia, participação criativa, cultura da visualização eletrônica, mediações tecnológicas, simulacros, hipertexto... em relação ao mundo da informação, que se consolida cada vez mais;
- partir de uma matriz pedagógica que propicie estratégias, metodologias, procedimentos, em vista do desenvolvimento de competências comunicativas;
- propor metodologias para analisar os discursos do ciberespaço, da ubiquidade e da atemporalidade;
- desenvolver teorias e paradigmas inerentes ao contexto informacional e comunicacional;
- criar metodologias para alfabetização multimedial (tecnológica e informacional);
- adquirir competências para uma interlocução real, dentro de um processo de múltiplos fluxos comunicativos;
- educar para apropriação da estética, do sentido harmônico do universo, das expressões da arte e da cultura.

Educar, na era da informação, segundo Francisco Gutiérrez, é colocar o sistema educativo em contato com a cultura pós-moderna, orientando-se mais à sensibilidade que à racionalidade abstrata. Ele propõe que se eduque para a incerteza, para o desfrute da vida, para a significação, para a convivência, para a apropriação da história e da cultura¹⁸.

O que falta efetivamente, no momento atual, segundo Ismar de Oliveira, é dar – à penetração das tecnologias da comunicação na escola – o sentido político exigido pelas experiências históricas da humanidade no século XXI. O que falta à maioria das escolas é uma reflexão contextualizada sobre a realidade conformada pela presença

18 GUTIÉRREZ, Francisco. "La mediación pedagógica y la tecnología educativa". In: *Tecnología Educativa*, v.5 (132/133), Rio de Janeiro, set/dic. 1996, p. 11-19.

da comunicação na sociedade contemporânea. Uma reflexão que supere o ingênuo deslumbramento ante as novas e sempre mutantes tecnologias¹⁹.

A educação, em questionamento permanente sobre sua identidade, encontrará sua razão de ser em sua missão de formar cidadãos solidários, capazes de conviver e de conferir encanto à vida.

A formação dos docentes no campo da comunicação constitui uma urgência. Emerge, no cenário educacional, a figura do educador. Segundo Ismar de Oliveira, trata-se de um agente cultural especialista em educação e comunicação, capaz de criar, de dar vida e sentido à tecnologia. Sua missão é gerar os processos comunicacionais: fazer nascer e gerenciar projetos e produtos na área da comunicação, dentro do espaço de educação formal e não formal.

5. Educação-comunicação: longa trajetória

O caminho de relação entre essas duas áreas já tem mais de 40 anos de tradição. Recebeu diferentes enfoques, de acordo com a sensibilidade de seus autores e das escolas de investigação que representavam. Alguns métodos colocavam ênfase no ensino da comunicação, outros no ensino **dos e com os** meios, outros em chaves de leitura audiovisual ou na recepção crítica das mensagens.

Existe um documento da Unesco, elaborado em meados dos anos 70, que pode ser considerado fundacional: *A educação em matéria de comunicação*. Especialistas de diversos países ali expressam as relações entre o mundo da educação e o da comunicação.

Foram numerosas as iniciativas nesse campo. Posteriormente enriquecidas com as contribuições das teorias dos meios de comunicação social, da semiótica, da análise crítica das mensagens, da produção e indústria dos meios, da estética... O tema gerou polêmica e tomadas de posições antagônicas no público em geral: alguns, *a priori*, consideram as novas tecnologias multimidiáticas como absolutamente boas, positivas, e outros – no extremo oposto – as consideram pouco menos que demoníacas. Outros, ainda, mais realistas, admitem os benefícios da tecnologia e reconhecem igualmente que a reflexão ética sobre sua utilização tem estado frequentemente ausente deste debate.

Apesar dos inumeráveis esforços educativos em torno do tema dos meios, não se definiu um método de consenso. Ao contrário: há manifestação de uma grande incerteza em torno dos procedimentos adotados. Até agora tem havido esforços isolados, partilhados em congressos e seminários, mas são tantos os desafios, tão inovadoras e rápidas as mudanças da comunicação que é preciso desenvolver novas

¹⁹ SOARES, Ismar de Oliveira. "Tecnologia da informação e novos atores sociais". In: *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo: USP; Moderna, a. II, n. 4, set./dez. 1995.

teorias e práticas na área da educação-comunicação. São realizados muitíssimos e bons esforços, mas na situação atual são, sem dúvida, insuficientes, e estão, ademais, desarticulados²⁰.

No entanto, graças a estas experiências, vai surgindo, numa forma inequívoca, um novo campo que integra essas duas áreas e que se torna conhecido com o nome da Educomunicação.

No Encontro da Equipe de Comunicação Social – América, das Filhas de Maria Auxiliadora, realizado em Caracas, em setembro de 2000, analisaram-se 53 projetos concretos de Educação-Comunicação-Cidadania, que estão em desenvolvimento, entre outros, nas diferentes obras das Salesianas no continente. Estudando a natureza e a prática desses projetos, estabelecendo relações entre uns e outros, concretizou-se sua articulação e a formação de grupos em áreas de intervenção educativa, possibilitando-se, assim, a elaboração de um *Plano Continental de Educomunicação*.

²⁰ VICENTE, J. *Relación de la comunicación social y la dimensión educativa de la presencia Salesiana*. Ponencia en el Encuentro de SDBs responsables de la Comunicación en América Latina y El Caribe, Octubre, 1998.

CAPÍTULO 2

MARCO TEÓRICO



BI-RSE



1. Apresentação

O presente marco teórico fundamenta-se nas investigações realizadas pelo NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da USP (Universidade de São Paulo – Brasil) sob a coordenação do Professor Dr. Ismar de Oliveira Soares²¹.

Utiliza-se a referida investigação por se tratar de um dos estudos mais recentes e documentados no campo da Comunicação-Educação, abordando com maior consistência este referencial teórico.

A investigação realizou-se entre 1997 e 1998, tomando como base inicial, para a coleta de dados, o Diretório Latino-americano de Investigadores e Especialistas em Comunicação e Educação, formado ao longo dos anos 80 e 90 e que inclui um total de 1.200 nomes de produtores culturais, educadores de arte, tecnólogos, professores, investigadores e profissionais de comunicação e educação de toda a América Latina.

A amostra da investigação está constituída por 178 especialistas que, efetivamente, responderam ao questionário que indagava sobre a natureza da inter-relação em estudo, sobre as diversas áreas de atividades que se derivam dela, e sobre o perfil dos trabalhadores dedicados à área. Deles, 67,66% são brasileiros e 32,29% são latino-americanos e espanhóis.

A investigação teve como ponto de partida os indicadores das profundas transformações que vêm ocorrendo no campo constituído pelas ciências, sobretudo humanísticas, além das fronteiras, autonomias e especializações.

O objetivo das investigações foi identificar o confronto, no mundo atual, entre espaços transdisciplinares do saber. Nesse caso, são espaços que aproximam, teórica e praticamente, os tradicionais campos da Educação e da Comunicação.

A conclusão que se depreende das investigações é a de que um novo campo do saber emerge e adquire identidade própria, pensando-se a si mesmo, construindo

²¹ SOARES, Ismar de Oliveira. "Comunicação/Educação. A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais". In: *Contato*. Brasília. ano 1, n. 2, jan/mar. 1999, p. 19-74.

uma metalinguagem, elemento imprescindível para sua identificação como objeto autônomo do conhecimento: o campo da inter-relação comunicação-educação.

2. Aproximação entre educação e comunicação

2.1. Breve resumo histórico

O estudo sobre a aproximação dos campos da Educação e da Comunicação já aparece no começo do século XX, ainda que com visão moralizante, por parte, sobretudo, de religiosos e educadores que se mostravam reacionários ante as manifestações dos meios de comunicação social.

Em meados do século, tomavam-se como desafios, sobretudo os conteúdos que os meios veiculavam. A preocupação era a ideologia e os conteúdos políticos explícitos e subliminares na culta de massas. A Escola de Frankfurt contribuiu para que as reações diante dos meios massivos de comunicação fossem de explícita desconfiança. A aproximação entre os campos partia do pressuposto de que os instrumentos de comunicação detinham todo o poder de manipulação das consciências e de decisão político-econômica.

A partir da segunda metade do século XX, o foco se deslocou para a dimensão audiovisual, incrementando-se a leitura crítica do cinema e da televisão. Tanto na Europa quanto na América Latina, cresceram os cine-clubes com o objetivo de estimular a análise crítica das mensagens dos meios²².

A partir dessa época, houve sensível incremento na literatura destinada a alertar os usuários sobre os perigos provenientes da exposição às mensagens, assim como para chamar a atenção sobre a necessidade de organizar-se para enfrentar o processo de manipulação exercido pelos meios.

Nos anos 70, a atenção se deslocou para o campo de análise dos discursos²³, e as práticas eram orientadas à formação crítica da consciência do público. Algumas instituições, vinculadas às igrejas cristãs e católicas – como a Associação Mundial para as Comunicações Cristãs (Londres) e as Organizações Internacionais Católicas de Comunicação (Quito)²⁴ – exerceram um protagonismo para os meios na América Latina que constituem os antecedentes mais recentes da Educomunicação.

22 Ver MATTELART, Armand. *Comunicación masiva en el proceso de liberación*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973 y ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Elementos para una teoría dos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Tempo Presente, 1979, referendados por MELO, José Marques de. *Comunicação e Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 62-66.

23 MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Comunicación masiva: discurso y poder*. Quito: Editorial Epoca-CIESPAL, 1978.

24 Luis Ramiro Beltrán, em seu estudo *Neoliberalismo y comunicación democrática en Latinoamérica: plataformas e banderas para el tercer milenio, publicado em Nuevos rostros para una comunicación solidaria* (Quito: SCC, 1994, p. 45-135), garante que a Uclap – Unión Católica Latinoamericana de Prensa, a OCIC-AL – Asociación Católica Latinoamericana para la Radio, la Television y los Medios Afines representaram, em seu conjunto, as instituições que mais se envolveram, no continente, com a discussão em torno de uma nova política de comunicação, nela incluindo a educação dos receptores para uma recepção ativa e crítica das mensagens dos meios.

A Unesco foi uma referência para o desenvolvimento de projetos de “leitura crítica dos meios”. Neles se analisava e denunciava a concentração dos meios de informação no hemisfério norte, nas mãos dos países ricos, retendo o poder decisório sobre a produção da informação e de outros bens simbólicos. O *Relatório McBride*, sobre a Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (Nomic), reforçou o caráter ideológico dos programas de educação para os meios, especialmente na América Latina²⁵.

Na década de 80, a Unesco, sem abandonar a reflexão sobre a influência do Primeiro Mundo sobre o Terceiro, provocou, através de suas publicações, uma forte discussão acerca da relação existente entre a educação formal (escola) e os meios de informação.

No mundo ibero-americano, o investigador espanhol radicado na Colômbia, Martín-Barbero, introduziu uma nova linha de reflexão ao explicar a “Teoria das Mediações”. Isso permitiu uma visão mais aguda e lúcida dos processos de recepção e produziu uma mudança importante na pedagogia da educação para os meios.

Da finalidade de formar para defender-se da ameaça que constituíam as mensagens dos meios, latente na maior parte dos programas educativos que se desenvolviam, passou-se a conceber a relação entre comunicação e educação como possibilidade de construir ecossistemas comunicativos, a partir da realidade midiática em que todos estamos imersos.

Na segunda metade da década de 90, o acelerado desenvolvimento dos meios eletrônicos, especialmente das redes mundiais de comunicação, colocou em evidência a necessidade de constituir um novo ponto que aproximasse, de maneira crítica e construtiva, as áreas da “educação dos meios” e do “uso das tecnologias no ensino”.

2.2. Contribuições teóricas

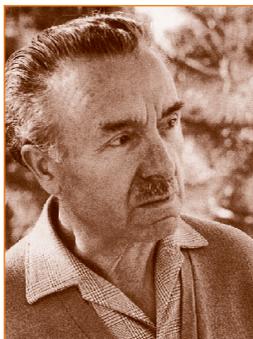


Burrhus Skinner

Burrhus Skinner (1904-1990), Célestin Freinet (1896-1966) e Paulo Freire (1925-1997) contribuíram para a formação de conceitos básicos que deram suporte à ação dos educadores e “comunicadores educativos”, segundo a expressão de Mário Kaplún.

Com sua teoria do reforço e da recompensa, Skinner está na origem das experiências de ensino por objetivos, através do uso de processos e recursos tecnológicos controláveis. Essa teoria serviu de apoio, por muito tempo, à idéia de que – no uso das tecnologias de informação na educação presencial e à distância – residia toda e qualquer possibilidade de convivência entre os dois campos.

²⁵ NEOTTI, Clarêncio. *Nova ordem mundial da informação e da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1966.



Freinet

Para Freinet, a educação é sinônimo de “expressão”, razão pela qual não é possível sem interlocutores. Ele instaurou na escola uma metodologia que permitia aos alunos o uso do jornal, capacitando-os para reconhecerem-se como “sujeitos”, como produtores de conhecimento, como comunicadores.

Ao revisar as teorias da comunicação vigentes até a década de 70, Paulo Freire colocou as bases para uma nova pedagogia, dando relevância à concepção de “educação para os meios” como atividade inerente aos programas de alfabetização e de educação popular.

Para ele, a comunicação é fundamental não só nas relações humanas, e a inter-relação de seus elementos básicos permite certa autonomia ao processo educativo. Na relação educador-educando, o esquema comunicativo necessita ser uma relação social igualitária e dialógica que produza conhecimento²⁶.



Paulo Freire

A comunicação é a relação que se torna afetiva pela co-participação dos sujeitos no ato de conhecer, sendo prioritário o uso dos meios de informação. É fundamental conhecer o contexto do processo de comunicação no qual a leitura e a escrita se produzem. Para tanto, requer-se a formação de “competências específicas” para compreender os novos e emergentes meios comunicacionais.

2.3. Pontos de convergência

Na relação comunicação-educação, dão-se alguns pontos de convergência:

- Em ambos os campos, o discurso aponta para a necessidade de “transformações” e de mudanças diante dos processos sociais desencadeados pela sociedade contemporânea. A educação está chamada a se revisar em seus métodos, em seus enfoques, na necessidade de preparar e formar seus agentes. A comunicação, sujeita às regras do mercado, se contrapõe aos valores éticos sustentados pelos educadores.
- Há um esforço conjunto de instituições, entidades sociais e agências internacionais em torno de um discurso sobre a inter-relação comunicação-educação, postulando uma maior aproximação.
- Outras áreas do conhecimento, tais como a Antropologia e a Sociologia, oferecem suportes teóricos e metodológicos à Comunicação-Educação. Isso se torna evidente quando detectamos a presença de sub-áreas orientadas à cultura, ao desenvolvimento e estudos de assuntos relacionados com a

²⁶ FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971, p. 81.

hegemonia e dependência nas relações político-sociais potenciadas pela comunicação social.

- Constata-se a preocupação com identificar e descrever a inter-relação Comunicação-Educação como um campo autônomo de intervenção social e de investigação acadêmica. As hipóteses propostas no trabalho investigativo são consideradas coerentes e plausíveis pela maioria absoluta dos entrevistados.

2.3.1. Hipóteses

Hipótese central

A hipótese central é a de que, efetivamente, já se formou, conquistou autonomia e se encontra em processo de consolidação um novo campo de intervenção social que se denomina “inter-relação Comunicação-Educação”.

Primeira hipótese

A inter-relação Comunicação-Educação, ou Educomunicação, não se entende tão só como uma nova disciplina para se integrar à matriz curricular. Ela inaugura um novo paradigma discursivo transversal constituído por conceitos transdisciplinares como novas categorias analíticas.

Segunda hipótese

O novo campo, por sua natureza relacional, estrutura-se de maneira processual, midiática, transdisciplinar e interdiscursiva, atuada na prática pelos atores sociais, através de áreas concretas de intervenção social.

A interdiscursividade, ou seja, o diálogo com outros discursos, é a garantia da sobrevivência do novo campo, permitindo simultaneamente sua construção e sua especificidade. Este interdiscurso é multivocal e seu elemento estruturante é a polifonia. A alteridade é a dimensão constitutiva deste cenário de vozes que polemizam entre si, dialogam e se complementam.

Terceira hipótese

Refere-se à divisão do campo em áreas específicas de atuação profissional como possíveis concretizações de intervenção social, tais como:

- *Área de educação para a comunicação*: constituída pelas reflexões em torno à relação entre os polos vivos do processo de comunicação, assim como pelos programas de formação de interlocutores autônomos, críticos diante dos meios.
- *Área de mediação tecnológica na educação*: constituída pelos processos e reflexões em relação à presença e aos múltiplos usos das tecnologias da informação na educação.
- *Área de gestão comunicativa*: orientada ao planejamento, implementação e desenvolvimento dos processos e procedimentos que se articulam no âmbito da

comunicação-cultura-comunicação, criando ecossistemas comunicacionais. O conceito de *ecossistema comunicacional* refere-se à organização do ambiente, à disponibilidade dos recursos, ao *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e ao conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional. Por exemplo, a família, a comunidade educativa ou uma emissora de rádio criam, respectivamente, ecossistemas comunicacionais. Os indivíduos e as instituições podem, simultaneamente, pertencer e agir em diferentes ecossistemas comunicacionais, influenciando uns sobre os outros.

- *Área de reflexão epistemológica*: entende a inter-relação comunicação-educação como fenômeno cultural emergente, o que, no campo acadêmico, corresponde ao conjunto de estudos sobre a natureza do próprio fenômeno constituído pela inter-relação em questão.

A confirmação das hipóteses segundo a qual o campo da educomunicação possa estar ajustado pela aproximação das quatro áreas, a partir de um substrato comum, que é a ação comunicativa no espaço educativo, representa o primeiro resultado da investigação.

Subentende-se que essas quatro áreas não são excludentes nem as únicas possíveis. Representam um esforço de síntese, toda vez que se aglutinam como diversas ações possíveis no espaço da inter-relação comunicação-educação.

Cada uma delas tem sido assumida como espaço vinculado ao domínio tanto da educação como da comunicação. O que se pretende é que cada uma delas se pense e se promova a partir da perspectiva da educomunicação.

3. Educomunicação

Já não há dúvida de que se vai consolidando, principalmente na América Latina, uma teoria de referência que sustenta a inter-relação comunicação-educação como um campo de diálogo, espaço para o conhecimento crítico e criativo, para a cidadania e a solidariedade.

Essa inter-relação vai tomando forma como um campo de intervenção social específico, dando origem à educomunicação, que pode ser definida como toda ação comunicativa no espaço educativo, ou seja, a comunicação interpessoal, grupal, organizacional e massiva, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas educacionais.

Como afirma uma das hipóteses surgidas nas investigações coordenadas pelo professor Ismar Soares, não se trata de uma nova disciplina, mas do surgimento de um novo paradigma discursivo transversal, constituído por conceitos transdisciplinares com novas categorias analíticas.

É importante criar configurações entre comunicação e educação, reduzindo o “imperialismo” pedagógico e comunicativo, quer dizer, o olhar unilateral, a voz uní-

voca que associa a comunicação tão só à reflexão sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação.

Nesse campo, como diz Nadia Lauriti, investigadora do NCE, se está diante de um processo, diante de um *modus operandi* capaz de inaugurar posturas teóricas e práticas que se situam além das paredes paradigmáticas, reconceituando a relação entre educação-comunicação e orientando-a para uma “educação cidadã emancipatória”, suficientemente forte para romper com o discurso dominante de uma cidadania as sociada ao consumo, a partir da prática e do inter-discurso da educomunicação, que se apoia na concepção de um novo sujeito, de uma nova especialidade, de uma nova temporalidade e de uma nova construção de significado e práxis.

4. Áreas de intervenção

A investigação apresentada no marco teórico distingue quatro possíveis áreas de ação profissional dos educomunicadores. No seminário que a Equipe de Comunicação Social América, das Filhas de Maria Auxiliadora, realizou em Caracas (setembro de 2000), com a assessoria do Professor Ismar de Oliveira, surgiram também quatro áreas de intervenção com características próprias, ligadas à prática educativa das irmãs Salesianas neste campo.

Com efeito, essas quatro áreas surgiram da análise dos Projetos de Educomunicação que estão em andamento no continente. Focalizaram-se características que permitiam ubicá-las em uma outra área, segundo sua natureza. Certamente, muitos dos projetos têm características das quatro áreas, dado que o processo educativo, na prática, trata de responder, de forma harmônica, à totalidade da pessoa. A classificação responde mais à necessidade de compreender o processo da educomunicação de forma orgânica e clara.

4.1. Educação para a comunicação

Compreende programas e ações orientadas, dentro ou fora da educação formal, ao estudo e à compreensão dos processos da educação humana e do fenômeno da comunicação social: o lugar que ocupam na sociedade, seu impacto e as implicações que se derivam da comunicação mediatizada.

Esse estudo de caráter teórico-prático, busca a formação de interlocutores sociais responsáveis, críticos e criativos, promotores do acesso a todos os recursos da comunicação e sua utilização como meio de expressão dos indivíduos e grupos sociais.



BI-RSE



Essa área, que tem sido mais desenvolvida na América Latina, reúne múltiplas experiências provenientes de teorias que, às vezes, se contrapõem entre si. Até bem pouco, a educação para os meios se identificava com a educomunicação. A análise da investigação que serve de referência a este documento indica com clareza que, na atualidade, a educomunicação tem alcance maior.

Ao longo dos últimos 40 anos, em diferentes partes do mundo, têm-se implementado sucessivos programas de educação para os meios, com enfoques diferentes: de cunho moralista (campanha contra a sensualidade no cinema, durante os anos 30 a 60), de cunho ideológico (os projetos de “leitura crítica” da comunicação, nos anos 70), de cunho construtivista (os projetos orientados à ressignificação das mensagens dos meios, nos anos 80).

Nos últimos 30 anos, vários governos, especialmente na América do Norte e na Europa, estabeleceram políticas educativas com a finalidade de minimizar os efeitos dos meios sobre crianças e adolescentes.

Em meados dos anos 70, a Unesco reuniu especialistas de diferentes países com a finalidade de estudar as relações entre os mundos da educação e da comunicação. Como resultado, publicou-se o documento *A educação em matéria de comunicação*, texto considerado fundamental na educação para os meios. Esse mesmo organismo, naquela época, estimulou os Estados a criarem políticas nacionais e regionais de comunicação, oferecendo princípios para a difusão de práticas educativas nessa área.

No Simpósio Internacional sobre a Educação para os Meios, que a Unesco organizou em 1982, na Alemanha, do qual participaram representantes de 19 países, definiu-se esta prática pedagógica como o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes que estimulam o crescimento de uma consciência crítica e, consequentemente, de mais competência entre os usuários dos meios eletrônicos e impressos.

A Unesco foi também a promotora de vários seminários latino-americanos de educação para a televisão, em diferentes países da América Latina, durante a segunda metade dos anos 80. Neles consolidou-se o princípio de que o ideal seria que os programas de educação para a recepção incluíssem a análise das produções dos meios, o uso dos mesmos como instrumentos de expressão criativa, tendo como objetivo último o fortalecimento da democratização da comunicação em todo o continente²⁷.

Apesar de inúmeros esforços notórios nessa área, especialmente relativos a investigações e publicações de resultados em revistas especializadas e na Internet, o sistema educativo não integrou ainda, de forma definitiva e adequada em suas metas e práticas, a educação para os meios. Há quem considere o tema pertinente para a escola e há outros que afirmam que a atitude crítica dos receptores dos meios, diante das mensagens, ocorre de forma natural e, por isso, não necessita de nenhuma intervenção educativa a respeito.

27 MIRANDA, M. *Educación para la Comunicación. Manual Latinoamericano*. Santiago: Ceneca; Unesco, 1982.

Len Masterman, um dos mais conhecidos investigadores ingleses sobre o tema, defende um processo de educação sistemática na área da *Media Education*, tendo como finalidade não só uma “inteligência crítica” como também uma “autonomia crítica”: para fora da escola, para o futuro, para a vida.

Nos Estados Unidos, a *Media Literacy*, apesar de ter surgido nos anos 70, despertou vivacidade e movimento só na última década do século passado. Mais de 15 Estados americanos já introduziram, de alguma forma, essa prática nos currículos de suas escolas.

Outro fato relevante, nesse país, é a preocupação em capacitar os educadores para desenvolver programas nessa área. A Universidade de Harvard se propôs a capacitar anualmente cerca de cem especialistas na inter-relação comunicação-educação.

William Thorn, em sua intervenção no *International Congress on Media and Education*, afirmou que as investigações mostram a tendência norte-americana em se dirigir mais ao desenvolvimento de teorias e práticas educativas que expliquem o contexto civilizatório próprio da Era da Informação do que à compreensão dos meios em si mesmos. Do mesmo modo, o âmbito mais restrito da educação para os meios vai se transformando paulatinamente, também nos Estados Unidos, em âmbito mais amplo da comunicação-educação, coincidindo, nesse aspecto, com o que está acontecendo na América Latina, nas últimas duas décadas.

A denominada “leitura crítica dos meios” fez caminho na América Latina como consequência da contribuição pedagógica de Paulo Freire e na raiz da teoria da dependência, como parte da estratégia de alguns grupos de educadores interessados em promover a consciência crítica das audiências frente ao que, na época, se denominava “invasão cultural” dos produtos do Norte. Esses programas de educação para a recepção se davam, quase sempre, fora da educação formal: nos bairros, nas periferias, nas comunidades rurais, patrocinados por instituições envolvidas na educação e na cultura popular. As investigações de Maria Elena Hermosilla e Valério Fuenzalida, no Chile; Maria Teresa Quiroz, no Peru; José Manuel Moran, no Brasil confirmam essa tendência²⁸.

Tem havido um deslocamento nos objetivos dos projetos desenvolvidos na América Latina. O investigador brasileiro, Pedro Gilberto Gomes, ao analisar muitos desses projetos, descobriu que, embora possuam pedagogias diversas, têm em comum o esforço em transferir o problema dos “meios” para o “processo comunicativo”. É nesse deslocamento de polo que reside o grande avanço que a América Latina está dando à equação do problema. Deixa-se falar tão só da “educação do sentido crítico” para se referir agora a uma “educação para a comunicação”, entendida como processo.

Jesús Martín-Barbero contribuiu muito para a mudança das práticas que, neste campo, se desenvolvem na América Latina. Suas contribuições acerca da *teoria das*

28 Cfr. SOARES, Ismar de Oliveira. *Comunicação/Educação*. O. cit.

mediações ajudam a compreender que os *media* exercem uma função intermediária na produção da cultura porquanto o próprio fenômeno da recepção está mediado por instâncias sociais, tais como a família, a escola, os grupos de iguais, a igreja... como consequência de não reconhecer-se já uma influência direta dos meios sobre os usuários, faz-se necessário trabalhar educativamente com os mediadores desta influência, especialmente com as famílias²⁹.

O *Plano de Educomunicação das Filhas de Maria Auxiliadora na América* concebe a área da educação para a comunicação de forma mais ampla que as experiências das quais se tem falado anteriormente. Inclui a dimensão da comunicação interpessoal. Suas autoras consideram que a dimensão relacional pertence à natureza mesma da educação salesiana e está na raiz de qualquer processo de comunicação social. Os meios não criam a comunicação, simplesmente potencializam esta característica inerente à natureza humana.

À medida que a relação educativa cotidiana responda a critérios de igualdade, responsabilidade, entrega, liberdade, aceitação e respeito, os processos de educação para os meios poderão tornar possível uma comunicação social mais solidária e inclusiva.

4.2. Mediação tecnológica

As novas tecnologias dão passo a uma nova cultura que requer ser reconhecida e compreendida. Penetraram na escola, e demandam atualização constante dos educadores.



A mediação tecnológica na educação compreende os procedimentos e as reflexões em torno da presença e dos múltiplos usos das novas tecnologias da informação na educação.

Propõe à comunidade educativa a utilização dos recursos tecnológicos a partir de uma perspectiva cidadã, o que implica a democratização do uso das tecnologias em torno de projetos solidários, como exercício de uma autêntica prática comunicacional.

29 Cfr. OROZCO, G. *Manual para los medios: una propuesta integral para maestros, padres y niños*. Mexico: ILCE, 1982, p. 21.

O investigador e educador Alfonso Gutiérrez, em sua obra *Educación multimedia y nuevas tecnologías*, aponta para uma educação multimídia que, fazendo uso das tecnologias predominantes na sociedade atual, permita ao aluno alcançar os conhecimentos, destrezas e atitudes necessários para:

- comunicar-se (interpretar e produzir mensagens) utilizando distintas linguagens e meios;
- desenvolver a autonomia pessoal e o espírito crítico, que os capacitariam para formar uma sociedade justa e multicultural, convivendo com as inovações tecnológicas próprias de cada época³⁰.

Gutiérrez Martín considera necessário que a educação multimídia se dirija não só aos educandos como também aos educadores, estejam em formação ou no serviço ativo.

A Unesco publicou em 1992 *The State of the Art and Beyond*, uma reflexão sobre a evolução da Informática no contexto educativo. No segundo capítulo, Bernard Levrat assinala alguns temas fundamentais de reflexão sobre as tecnologias nas escolas:

- a inovação tecnológica é uma realidade que preocupa a todos: empresas, indústrias e universidades; portanto, não é um problema exclusivo do sistema educativo;
- os computadores devem chegar aos professores e alunos juntamente com o treinamento e as estruturas adequados para seu uso;
- as estratégias de utilização de novas tecnologias devem ter como ponto de partida a realidade de quem as utiliza;
- é imprescindível a promoção de experiências-piloto.

Tal documento reconhece que a presença das novas tecnologias na educação pode causar novos problemas na relação educador/educando e, por isso, o autor se pergunta: por que utilizar, então, as novas tecnologias? E ele mesmo responde: primeiro, porque o imenso desenvolvimento dessa área e de suas aplicações na sociedade faz com que a educação não possa ignorá-las por mais tempo. Em segundo lugar, a informática traz consigo uma infinidade de possibilidades de solução para problemas que a educação enfrenta.

Em janeiro de 2001, realizou-se na Espanha o *I Congresso Internacional de Educared*. Nele, aflorou com força o tema da introdução das novas tecnologias na educação. O jornal *El País* publicou a respeito:

“A preocupação de introduzir as novas tecnologias com fins pedagógicos nos centros escolares é praticamente unânime entre o professorado. A pressa para encontrar uma resposta sobre como se pode levá-la a cabo, faz com que a Rede tenha entrado na educação, sem dar-lhe tempo para reagir, através do grande fluxo de informação a que têm acesso os alunos. Os especialistas asseguram que é imprescindível a Internet dentro das salas

30 GUTIERREZ, M.A. *Educación Multimedia y nuevas tecnologías*. Proyecto Didático Quirón. Madrid: Ediciones de la Torre, 1997, p. 12-13.

de aula para poder desenvolver uma nova pedagogia adaptada a esta ferramenta. Por outro lado, o catedrático de Psicologia da Educação da Universidade Complutense, Jesús Beltrán advertiu que toda tecnologia e, especialmente, a Internet tem um grande poder, porém, não é mais que um instrumento, e o importante é que professor e aluno saibam o que fazer com ela³¹.

As novas tecnologias podem supor uma mudança na estrutura da educação ocidental. Certamente, hoje há outros espaços, além da escola, onde se pode adquirir conhecimentos, passando menos tempo em salas de aula, traçando-se objetivos mais ambiciosos em vista do desenvolvimento humano, não só em termos de utilidade econômica, como também, de satisfação e enriquecimento.

Esta reflexão remete a uma das tarefas educativas dentro dessa área: a desmitificação das novas tecnologias como salvadoras da educação e a focalização do “que fazer” educativo, pondo essas tecnologias a serviço do crescimento da pessoa.

Levrat faz emergir um problema próprio da novidade do campo: a falta de recursos que proporcionem aos educadores orientações seguras no trabalho educativo com novas tecnologias. E propõe o autor a possibilidade de utilizar esses recursos como meio de integração, centralizando e compartilhando informações entre grupos, regiões e países, propiciando recursos pedagógicos aos alunos e meios de capacitação aos docentes. Não obstante, reconhece que não existe ainda material suficiente para ser compartilhado. E, com frequência, o material disponível é analítico ou crítico.

A Unesco reconhece que são poucos os países que deram passos apropriados para capacitar os educadores nas áreas das novas tecnologias. A maior parte dos investimentos se reduz à aquisição de equipamentos. Há um fato indiscutível que vem melhorar a situação: a utilização da informática vem criando, como consequência natural, “investigadores” no campo, e esse hábito de investigar influi positivamente no modo como os conteúdos são explorados e ensinados.

Também Henri Dieuzeide, ex-coordenador do *Centre de Liaison de l'Enseignement et des Moyens d'Information* (França), propõe seu ponto de vista sobre a relação entre tecnologia e educação. Define as novas tecnologias de comunicação e informação (NTCI) como o conjunto de “tecnologias portáteis” que reúnem instrumentos de apresentação audiovisual e a microinformática capaz de promover o desenvolvimento de novas relações com as fontes do conhecimento, caracterizadas pela interatividade.

Segundo esse autor, as tecnologias associadas às telecomunicações estariam abrindo ao educador um novo universo de possibilidades. O conceito de “novo” refere-se à possibilidade de contínua renovação, que certas tecnologias engendram, unida à grande capacidade de armazenamento de dados e à possibilidade de sua utilização imediata.

A importância do educador-mediador (educador) reside, segundo Dieuzeide, no fato de que qualquer uso das NTCI situa-se justamente no eixo entre a “pedagogia” (racionalização e otimização os processos de aprendizagem) e a “didática”

31 “La Red entra en la Educación”. In: *El País Digital, Educación*, 22-01-01. <<http://www.elpais.es>>.

(que assegura a transmissão dos conhecimentos definidos pelos objetivos de cada disciplina). Sustenta o autor que o que importa para alcançar o saber é o desenvolvimento da capacidade de seleção interpretativa, que torna possível a comunicação, entendida por ele não como transmissão passiva de dados mensuráveis, mas como informação em ação, manejada e difundida e, especialmente, compartilhada.

Os dados provenientes da investigação, em que se apoia o presente marco teórico, revelam pontos de vista contraditórios. Dov Shinar afirma que *o computador vai revolucionar a comunicação e o conhecimento por ser multilíngue, não linear, por estabelecer outro tipo de distância entre as pessoas, por criar a telepresença. Em função disso, a escola terá novas funções: favorecer o contato humano, identificar problemas, processar informações, propiciar controle técnico e distinguir a realidade da ficção.* Também a investigadora argentina Beatriz Fainholc se mostra otimista: *as tecnologias educativas aplicadas constituem um meio útil para obter correta, fiel e equilibrada representação das sub-culturas. Podem tornar o ensino mais científico e mais ajustado a pessoas e grupos. Integram pessoas e povos, dando maior flexibilidade à educação, fortalecendo o contexto total da aprendizagem e favorecendo a compreensão internacional. No campo do conhecimento, levam ao desenvolvimento das mais variadas estratégias cognitivas, das habilidades intelectuais, das atitudes flexíveis através da combinação das diversas especificidades de cada meio, redundando em uma potenciação mais precisa do que aquilo que caracteriza o ser humano: seu cérebro, suas emoções e seus atos.*

Terry Winograd, matemático especializado em informática é mais cauteloso e relativiza a presença e o impacto civilizatório das tecnologias: *nenhuma técnica pode ser utilizada de qualquer maneira, e cada meio permite só uma certa gama de aplicações. Por exemplo, os computadores podem ser muito eficientes para promover a comunicação em uma sociedade descentralizada, porém – simultaneamente – podem ser também utilizados por um censor governamental para analisar todas as informações divulgadas e impedir, assim, que se comunique livremente.*

Não é nada depreciável o dado que provém de um estudo recente do projeto *Virtual Society* (analistas sociólogos das novas comunicações) sobre o uso das novas tecnologias. Inclui-se nele a categoria de “ex-usuário” de Internet para os entrevistados. A projeção dos resultados indicava que quase 28 milhões de pessoas nos Estados Unidos de declaram “ex-usuários” da rede.

Dentro desse grupo de “desencantados”, a maioria é constituída por adolescentes, principal alvo de muitos dos conteúdos da Rede. O único precedente é ainda mais estranho. Em 1995, em seus primeiros anos, outro estudo no Reino Unido quantificou em 8% a população com acesso à Internet. Porém, surpreendentemente, outros 8% se auto-qualificaram como “ex-usuários”, uma categoria de cuja existência os sociólogos nem sequer suspeitavam. Quer dizer, que encontraram, então, um perfil de pessoas que simplesmente tomaram conhecimento da Internet e decidiram que aquilo não lhes interessava³².

32 SANDOVAL, P. Giménez de. “Internet, la hora del desencanto”. In: *El País Digital, Sociedad*. 24-02-00. <<http://elpais.es>>.

Com todas as suas potencialidades e contradições, a área da mediação tecnológica na educação, está sendo assumida pouco a pouco por universidades e governos, como âmbito estratégico de suas políticas educativas.

Ismar de Oliveira Soares finaliza sua reflexão sobre essa área considerando que as possibilidades tecnológicas são muito diversificadas. É evidente que não é possível dominar todas as tecnologias. No entanto, uma vez compreendidas as necessidades da educação, um bom educador saberá fazer-se assessorar por especialistas na área. O importante é que se garanta, através das tecnologias, a ampliação do campo expressivo para educadores e educandos. Se isso acontecer, estaremos no campo da inter-relação entre comunicação-educação.

4.3. Expressão e Arte

O ser humano necessitou sempre expressar seu ser e seu pensamento através da arte em todas as suas manifestações. O mundo ocidental, se bem que tenha valorizado sempre tais manifestações, difundiu-as e estudou-as, mas dificilmente as introduziu como prática no processo educativo. Por um lado, a aproximação ao mundo da arte era teórica e se circunscrevia às manifestações de alto nível, reconhecidas universalmente. Por outro, ficavam as expressões culturais autóctones, populares, espontâneas: folclore, caricaturas, grafites, narrações populares, contos, dramatizações mitológicas, movimentos musicais, expressão corporal...



Duas dimensões devem levar em conta essa área: a primeira é a educação à harmonia, à beleza, à estética, como parte constituinte da pessoa, da sociedade e da convivência; e a segunda é a reflexão, a valorização e o acompanhamento de todas aquelas expressões próprias de um novo modo de compreender o mundo e de se relacionar consigo mesmo, com os demais, com o ambiente, inerente aos adolescentes e jovens.

Pierre Babin reconhece um novo modo de compreender os mais jovens. Sua exposição ao mundo multimidiático cria neles uma experiência global; à inteligência geométrica, própria dos processos educativos tradicionais, se une a inteligência tísica, pela qual a realidade se percebe de maneira multidimensional e muito ligada às emoções. Zubiri falava da necessidade de cultivar, no âmbito educativo, a “inteligência do sentir”, no intento de valorizar a razão e a sensibilidade, já que o ser humano aprende tanto pela percepção afetiva que tem da realidade como pela capacidade de traduzi-la em conceitos abstratos.

“Um jovem brasileiro faz esta confissão: um aspecto central para poder construir sonhos, para poder mudarmos a nós mesmos e a realidade que nos circunda é a capacidade de sentir, de tocar, de amar e de conhecer. Se não se tem estas capacidades de conexão com o meio e com o outro, não se é capaz de tomar decisões, de ver a realidade a partir da perspectiva que nos leve à construção de nossos sonhos pessoais e sociais”³³.

A área de Expressão e Arte dentro da educomunicação deve cuidar especialmente dos espaços de protagonismo juvenil em que crianças, adolescentes e jovens possam ser eles mesmos, possam expressar-se com espontaneidade, descobrir a própria palavra e sua maneira particular de dizê-la aos outros; é eloquente como o protagonismo vivido na experiência grupal contribui para isso:

“no grupo me senti reconhecida e valorizada. Percebi que as pessoas estavam vendo em mim uma dirigente. O mundo se abriu. Eu podia conquistá-lo e transformar minha comunidade”³⁴.

Tony Blair considera que o jovem é um ator privilegiado no processo de desenvolvimento, pois só ele é capaz de decifrar os novos códigos e conteúdos que estão emergindo no atual modelo de sociedade. A área de Expressão e Arte se complementa com as demais áreas da educomunicação para favorecer com que as crianças, adolescentes, jovens e educadores se apropriem da cultura atual e a recriem e a expressem em novos símbolos culturais.

Corresponde a essa área descobrir e potencializar todas aquelas manifestações artísticas presentes na comunidade a que a escola pertence, criar canais para que possam ser expressas e permitam às pessoas, em especial aos educandos, descobrirem-se e narrarem-se a si mesmos e à sua comunidade. Isso tem particular importância nos setores populares, onde há uma enorme e expressiva vivacidade cultural.

É através da expressão artística que os meios trabalham as emoções, a estética, a beleza, o desfrute da vida, a alegria. E tudo isso contribui para construir sentidos que impulsionam para a ação política na sociedade.

4.4. Comunicação para o exercício da cidadania

Esta área se constitui pela reflexão sobre o papel da comunicação na formação dos valores da participação, responsabilidade, solidariedade, democracia e paz. Con-

33 AMADEO, Eduardo. Citado por COSTA, Antonio Gomes da. *O. cit.* p. 149.

34 ALVES, Ezilleuza. Citada por COSTA, Antonio Gomes da. *O. cit.* p. 147.

duz ao compromisso responsável de transformação do ambiente em que se vive, como exercício da cidadania. Propõe à comunidade a participação na análise e na formulação de políticas públicas de comunicação para o ambiente mais próximo, para a região e para o país.

A partir do momento em que educadores e educandos dominam os meios de comunicação, se constituem em cidadãos ativos, conscientes e participativos, capazes de escolher a informação que desejam em um universo sempre em mudança.

O desafio educacional para os educadores é compreender quem são os padrões da produção, distribuição, consumo da informação e dos meios de comunicação e seu impacto social e cultural. A educação busca caminhos que lhes permitam interagir com os jovens “on-line” e “off-line” para formar cidadãos globais informados, cultos, criativos, críticos, compassivos, solidários, que possam ser capazes de lutar pela justiça social nesta nova paisagem cultural³⁵.

Em uma entrevista que a revista *Comunicação & Educação* fez com o comunicólogo Armand Mattelart e que foi publicada no número de setembro/dezembro de 1999, ele afirmava a necessidade de se utilizar a tecnologia em favor do exercício da cidadania. Evocava o tempo em que se considerava que a Internet constituiria uma ágora que resolveria os desequilíbrios sociais e constatava a virada que seriam as superautopistas da informação, constituindo-se em lógicas mercantis. Enfatizava o papel protagônico da educação, uma vez que em nossas sociedades existem cada vez mais excluídos e só na medida em que todos podem aceder ao conhecimento proveniente dessas tecnologias que criam uma nova cultura se poderá sonhar colocá-las a serviço de todos. E afirmou:

“esta problemática dever ser transformada em problemática cidadã. De outro modo, nunca poderemos reformar o sistema. Creio que será um trabalho longo, porém, me parece fundamental. Nada se auto-regulamentará. Isto é completamente falso. A auto-regulamentação não se dá se não existir uma intervenção de cidadania contra interesses privados³⁶”.

As motivações que levam os profissionais a estabelecerem vínculos entre comunicação-educação estão permeadas por utopias sociais. Os educadores acreditam na mediação da comunicação **com** e **para** a educação, enquanto ação política de intervenção no social fragmentado e complexo da pós-modernidade, estruturado sobre a lógica do poder econômico financeiro internacional e do fenômeno da globalização.

A educação tem um compromisso político na formação de um cidadão integral e há necessidade de se manter uma reflexão permanente sobre o significado de “ser cidadão”. É oportuno questionar-se acerca de como instaurar uma coesão política num cenário social multicultural, polissêmico, diferenciado, no qual surgem novos atores sociais na participação política.

35 KENWAY, Jane. “Backlash in Cyberspace, and “Why Girls need Modems”. In: *Roman, Leslie and Eyre, Linda Dangerous Territories*. New Cork: Routledge, 1997.

36 MATTELART, Armand. “Comunicação e interesse público”. In: *Comunicação & Educação*. São Paulo, n. 16, p. 72.

“Como repensar a cidadania como um espaço em que os cidadãos ressignifiquem criticamente determinadas linguagens e práticas, reorganizem criativamente a memória dos símbolos, signos, ritos, mitos que tornam possível o sentido de pertença e participação?”³⁷

As intervenções político-sociais da educomunicação se orientam à formação de uma consciência ética e a uma prática encaminhada para a transformação da sociedade. O que dá suporte à ação educacional é uma releitura das utopias sociais. Essa ação política se faz concreta na formação de cidadãos críticos, participativos, criativos, interlocutores, interagindo e transformando o contexto em que estão inseridos. Requer uma comunicação que proponha a credibilidade no ser humano, sua sede permanente de relações solidárias e humanizadoras. Cidadania promotora de consciência ética e de valores estéticos. Cidadania que encontra no rosto do outro a marca indelével da subjetividade, da originalidade do ser humano que dá sua contribuição para fazer deste mundo uma casa habitável.

A comunicação considera essas novas subjetividades, sobretudo dos jovens, com sua capacidade de expressão multicultural, seu conhecimento híbrido, globalizador, penetrado pela cultura da oralidade e da imagem, por um novo modo de construir a memória histórica informatizada. Como formar esses jovens cidadãos, como sujeitos autônomos, sem fugir à necessidade de uma mudança de gestão comunicativa no mundo da educação?

A concepção de “cidadania” hoje é itinerante e processual no que concerne à sua identidade. O conceito tradicional de cidadania já não responde aos imperativos do mundo pós-moderno. O mundo em que nos movemos nos faz passar do local ao mundial, de experiências únicas a experiências múltiplas, do racional ao tissular, do compacto ao fragmentado, de comunidades reais a comunidades virtuais, do singular ao plural, das tradições à diversidade cultural. Esse transitar de um polo a outro constitui a realidade vivencial da juventude.

O tópico “cidadania” nas relações comunicacionais dentro da *pólis* nos remete a ressignificar o conceito de espacial. A “ciberpólis” nos remete a outra reflexão: formação de “cibercidadãos”. Que significa educar os jovens para e sobre a superautopista da informação, a Internet, o ciberespaço? Formar para a cidadania implica tornar possíveis novas alfabetizações: a escrita, a multimodal, a multimídia que utiliza uma gama de formas tecnológicas de comunicação. É necessário apropriar-se de habilidades de análise semiótica, de análise do discurso, da desconstrução e da contra-leitura crítica. A ressignificação é um dos aspectos desenvolvidos na aproximação crítica e cultural dos ciberalfabetismos.

A Internet passa a ser também espaço para o exercício político. Surgem novas comunidades democráticas em que a liberdade de expressão e criação são mais amplas. As redes de internet criam também centros de poder, capazes de produzir significados múltiplos e transformadores: fluidez, heterogeneidade, interatividade,

³⁷ “Educación y ciudadanía: perspectivas e interrogantes”. In: *Nómadas*. Bogotá: DIUC, septiembre 1998, n. 9, p. 6.

interconexão, reciprocidade. Estabelece-se um contrato social que procura o equilíbrio entre liberdade pessoal e harmonia social³⁸.

Len Masterman, professor da Universidade de Liverpool, considera que a consciência dos educadores sobre a contínua erosão por que vem passando o sistema democrático dos meios, e que põe em risco a democracia no mundo, é um fato capaz de motivá-los a trabalhar na área de cidadania. E alerta sobre o perigo que supõe:

- a) a camuflagem ideológica sustentada pelo neoliberalismo, que oculta o perigo para a democracia representado pela concentração dos meios nas mãos de uns poucos; efetivamente, a filosofia de mercado se torna “cortina de fumaça” que dificulta o olhar crítico até a tendência da crescente centralização da propriedade dos meios, com a conseqüente redução do espaço para a manifestação pública do pensamento;
- b) a deterioração dos sistemas públicos dos meios de comunicação, com um Estado que vai deixando de assumir obrigações fundamentais neste campo, como a de dar suporte e programas educativos e culturais, através do uso das novas tecnologias. Ainda que Masterman não se mostre a favor do controle governamental dos meios, defende a responsabilidade do Estado nessa área, especialmente nos países que necessitam da existência de um sistema de comunicação eficiente no campo educacional.
- c) a escandalosa convergência de interesses entre a política e a publicidade, produzindo uma espécie de simulacro de democracia virtual, em que os candidatos já não são eleitos por seus programas de governo e, sim, pela imagem que deles produzem os meios de massa. É conhecido por todos o montante publicitário que se maneja nas campanhas políticas. As imagens dos candidatos e as estratégias dos partidos, são trabalhadas por grandes agências publicitárias.

Ao comentar o pensamento de Len Masterman, Ismar de Oliveira evidencia que a educomunicação promove hoje uma formação sociopolítica que antes não existia. Nas décadas de 1960 e 1970, os motivos psicológicos eram os que orientavam a educação para os meios. Temia-se a influência negativa nos meninos e adolescentes. Se bem que esta linha ainda mantivesse sua vigência, na década de 1980 apareceu uma tendência cultural, na educação midiática, trabalhando-se muito os projetos baseados no fato de que “comunicação é cultura”. Atualmente, a essas duas correntes, soma-se a que aponta para educar para defender e impulsionar a democratização dos recursos e instrumentos de comunicação e a necessidade de intervir nas ações que contribuem em criar políticas nacionais na área da comunicação e do uso de novas tecnologias. Isto é, sem dúvida, educação para a cidadania³⁹.

38 NELLY, U.A. *Schooling Desire: Literacy, Cultural Politics and Pedagogy*. New York: Routledge, 1997.

39 Cfr. SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da informação ou da comunicação?* São Paulo: Cidade Nova, 1996. p. 56 ss.

5. Eixos transversais

5.1. Gestão de processos educacionais

5.1.1. Gestão da comunicação nos espaços educativos

Por sua complexidade, os atos comunicativos necessitam ser coordenados e articulados. Não se trata somente de administrar e, sim, de ter a habilidade de gerir processos comunicacionais.

O conceito de gestão utilizado aqui designa todo processo articulado e orgânico orientado, desde uma clara intencionalidade educativa, para a planificação, execução e avaliação de atividades dirigidas a criar e manter ecossistemas comunicacionais, quer dizer, ambientes movidos pelo princípio da ação e do diálogo comunicativos⁴⁰.

Nasce uma nova demanda no exercício profissional da comunicação: a gestão de processos comunicacionais. Por “gestão de processos comunicacionais” se entende a administração do ecossistema comunicacional. Garantir a interconexão sem setorização; gerar interdiscursos entre as áreas de ação, e potencializar o coeficiente comunicacional dos processos culturais. Isso requer que, em todas as etapas do processo, haja projetos que garantam a convergência das áreas de intervenção em um mesmo objetivo.

Os conceitos de gestão e gestor, têm-se difundido nos meios empresariais e educativos, indicando uma maneira globalizante de administrar com qualidade, eficiência e plena satisfação de todos os segmentos envolvidos no processo de produção cultural ou mercantil.

Aplicado à informação, o conceito de gestão aponta para uma nova visão da comunicação como mediação educativa, pois a comunicação está se convertendo em um espaço privilegiado de educação.

⁴⁰ SOARES, Ismar de Oliveira. *Comunicação & Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. O. cit. p. 40.



Entende-se por gestão da comunicação o conjunto de ações orientadas a:

- Descobrir o coeficiente comunicacional de cada uma das ações educativas, levando a cabo uma avaliação contínua das inter-relações comunicacionais que se estabelecem no espaço educativo, à luz da perspectiva teórica da educomunicação;
- Planejar e implementar ações educativas no espaço da educação presencial e a distância;
- Produzir na prática pedagógica análises do sistema massivo de meios de comunicação. Utilizando metodologias adequadas, educando para o consumo e para a convivência ativa e autônoma.
- Colaborar para que os educadores e os educandos se apropriem conceitual e praticamente dos recursos da comunicação, de modo que se transformem em produtores de cultura, utilizando as novas linguagens e meios.

Ante o novo paradigma gerencial, cabe às instituições educativas um questionamento sobre a concepção que fundamenta sua organização interna e suas relações com a sociedade. Como converter a escola em um espaço de comunicação total e de cultura mediatizada pela comunicação? Como converter o espaço físico-administrativo em organizações que:

- Sejam capazes de redefinir a cultura comunicacional que rege as relações entre administração, coordenação, corpo docente e alunos, democratizando-as, através da prática efetiva e cotidiana, com olhar voltado para a cidadania?
- Sejam capazes de redefinir a cultura comunicacional que orienta suas inter-relações com o mundo que as rodeia – a comunidade e os próprios meios massivos de informação – responsabilizando-se por seus atos, socializando suas conquistas culturais, intervindo diretamente na realidade socioeconômica e cultural do bairro, da cidade, do país?

Urge analisar se o espaço curricular – enquanto estrutura que coloca a produção e difusão do saber em função de uma leitura da realidade – propicia autonomia aos educandos na construção de suas cosmovisões e possibilita que sejam capazes de receber, com igual autonomia, a estrutura e a intencionalidade da produção cultural gerada pelos meios massivos.

A formação de cidadãos críticos, se não é favorecida pela família, pela escola, pelas instituições sociais, dificilmente o será pelo sistema dos meios, regido pela ótica de mercado⁴¹.

A gestão comunicativa surge de uma maior consciência da universalidade, do direito de todos a acessar os bens e recursos da comunicação. À gestão comunicativa corresponde ser geradora de mundos de sentido.

41 SOARES, Ismar de Oliveira. "La gestión de la comunicación educativa". In: *Chasqui*, n. 58, junio 1997, p. 7-11.

Ao assumir a perspectiva de gestão comunicativa, entende-se que, nela e a partir dela, será gerada uma nova produção simbólica e uma nova prática comunicativa.

O novo âmbito aparece, pois, como o domínio das ações que mobilizam comunicadores-educadores e educadores-educandos para o exercício de uma produção processual, aberta e rica de comunicação no interior dos espaços educativos e nas relações desses com os meios de comunicação e com a própria sociedade.

O processo de gestão comunicativa se converte em suporte de um projeto cultural. Para tanto, ao administrar estas instâncias (animação cultural, produção cultural, mercado educacional), estar-se-á promovendo uma cultura específica.

5.1.2. Perfil do gestor

Entre os valores educativos que servem de referência ao trabalho articulado do gestor, destacam-se:

- opção por aprender a trabalhar de forma cooperativa, em equipe, respeitando as diferenças;
- valorização da experiência, do erro, como parte do processo de aprendizagem;
- animação de projetos orientados à transformação social.

No campo da atuação junto a públicos específicos, assumem importância:

- Os programas destinados a todos os níveis de idade;
- Os programas no âmbito da educação formal (tanto com os educandos quanto com os educadores, em um esforço por formar-se em uma pedagogia da comunicação);
- As ações no âmbito da educação não formal, promovidas, tanto pelos grandes meios – através das programações de emissoras educativas de rádio e TV – quanto pelas organizações não governamentais e, inclusive, por consultores.

A atuação do agente cultural ou profissional da comunicação no espaço educativo – gestor da comunicação – é considerada mais como um trabalho de natureza didática do que como um serviço multidisciplinar e multimidiático, destinado a toda a comunidade.

O gestor, portanto, deve estar preparado para enfrentar as contradições inerentes a um campo ainda em formação, atuando em todas as atividades humanas em que se faça necessária a utilização dos processos e recursos da comunicação, a partir de uma perspectiva pedagógica adequada ao momento histórico.

A gestão dos processos comunicacionais no espaço educativo não é atribuição de um único profissional, mas de toda a comunidade educativa. Portanto, a gestão da comunicação deve ser assessorada, animada e avaliada por um especialista da área.

5.2. Investigação

É o motor do processo educomunicacional. Procura dar-lhe suporte técnico à prática e legitima a educação no campo cultural. A reflexão permanente sobre os processos que são levados a cabo permite a evolução do campo e o identifica como sujeito autônomo do conhecimento.

Dada a rápida evolução neste campo, urge que cada uma de suas áreas desenvolva práticas permanentes de investigação e avaliação, utilizando metodologias participativas.

Atualmente, as investigações procedem, sobretudo, do campo da educação para os meios. O Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação (São Paulo – maio de 1998), colocou em evidência quatro grandes temas de investigação que estão se desenvolvendo na América Latina, Europa, África e América do Norte:

1. *Projeto Base de Dados de Experiências de Educação para a Comunicação na América Latina*, coordenado pelo Departamento de Comunicação Social da Conferência Episcopal Latinoamericana. Está orientado à formação de bancos de dados sobre o tema e a motivação-capacitação de educadores para a área, em todo o continente.
2. *Projeto Southern Media Education Research Network*, que envolve universidades da Inglaterra, dos Estados Unidos e da África do Sul, sob a coordenação de Andrew Hart, da Universidade de Southampton (Reino Unido). Pretende identificar as metodologias de trabalho em torno da área.
3. *Projeto Cleringhouse Year Book about Children and Media-Participacion and Education*, desenvolvido pela Unesco e coordenado por Cecília von Felitzen (Suécia). Através da publicação anual do volume dedicado ao tema, a instituição pretende continuar influenciando mundialmente nos debates em torno dele.
4. *Projeto Media Education Leaders and Teachers in English speaking Countries*, a cargo da Association for Media Literacy (Toronto-Canadá) e coordenado por Christopher Worsnop. Propõe-se a trabalhar com as histórias das práticas pedagógicas e procurar os protagonistas da educação para os meios.

Os resultados da investigação, a que se tem feito referência, consideram uma conquista as principais hipóteses formuladas no início da investigação. Essas hipóteses que se enunciam, neste momento, constituem um horizonte para onde se deve dirigir a investigação:

- o novo campo da intervenção social chamado “inter-relação comunicação-educação” tem conseguido sua autonomia e se encontra em processo de consolidação;
- a partir desta inter-relação comunicação-educação, inaugurou-se um novo paradigma discursivo transversal que se estrutura de maneira processual, midiática,

transdisciplinar e interdiscursiva, sendo atuado na prática pelos atores sociais das áreas concretas de intervenção social;

- novas possibilidades de mediação surgem nesses âmbitos de intervenção. A comunicação midiática exerce uma função histórica e a tecnologia vai configurando novos espaços comunicativos.
- são características constitutivas do âmbito da educomunicação as utopias sociais, as práticas inclusivas e a valorização das diferenças culturais das comunidades;
- é importante não só conhecer o processo de configurações de saberes polifônicos, mas também compreender e diferenciar as redes e os níveis aos quais pertencem⁴²;
- o mecanismo da comunicação estrutura um novo *ethos*, forma de vida e de relação com o tempo. Regida pela velocidade como fator determinante de poder e pelas novas configurações do espaço virtual, a comunicação assume um papel estratégico na definição e composição dos diferentes interesses e objetivos sociais⁴³.

O Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora se mantém atento às investigações mais significativas que se dão no campo da inter-relação Comunicação-Educação. E procura, dentro do carisma educativo salesiano, a razão comunicativa que dê solidez e sentido à sua presença no mundo juvenil.

5.3. Formação-capacitação

O novo campo de educomunicação requer, por sua complexidade e transformação constante, por sua novidade, um esforço apoiado de formação contínua. Não só dos educadores, mas sim de toda a comunidade educativa envolvida no processo de crescimento dos educandos. Porém, é indiscutível que os educadores tenham um papel protagônico.

A formação-capacitação apresenta-se como um eixo transversal em todo o processo educativo. Constitui-se uma prática permanente dos educadores, seja qual for a área de educomunicação em que intervenha. E deve ser uma formação orientada a capacitar o educador a:

- manter uma inequívoca atitude de abertura à sociedade e uma capacidade crítica que permita estender sua visão de mundo e romper as fronteiras estreitas de seus próprios pontos de vista;
- revisar o próprio sistema comunicativo nas relações interpessoais dentro da organização a que pertença;
- conhecer os fenômenos culturais para saber educar a partir da convivência com as diferenças e o respeito à diversidade;

⁴² FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

⁴³ Segundo Adriano Duarte Rodrigues, 1997, p. 152.

- adotar novas políticas pedagógico-comunicacionais. Trata-se de unir a riqueza do diálogo pedagógico ao tecnicismo midiático para abrir um espaço de criação, de expressão, de apropriação dos novos meios tecnológicos, de maneira que se ampliem os conhecimentos e a igualdade de oportunidades para toda a infância e adolescência;
- educar a pessoa como um todo: aprender a direcionar o conhecimento com profundidade e a estabelecer inter-relações com o universo; aprender a trabalhar em equipe, qualificando-se para intervir nas situações concretas da vida; aprender a conviver, desenvolver as próprias capacidades e compartilhá-las com os demais, realizando projetos comuns que propiciem a solidariedade, o humanismo, o pluralismo, a paz; aprender a ser pessoa em liberdade, autonomia, responsabilidade pessoal e social, a comunicar-se oferecendo a verdade de si mesmo e acolhendo a verdade do outro;
- manter um diálogo permanente com a sociedade e com as novas tecnologias da comunicação para resgatar o espírito humanista e formar cidadãos atentos para a solidariedade planetária, para a cooperação e para a ética da responsabilidade social⁴⁴.



<www.funai.gov.br>

Cada vez mais os educadores buscam capacitar-se, nessa área, para ressignificar seu papel protagonista no processo educativo, criando condições e habilitando-se

para compreender, conviver e utilizar o novo *modus comunicandi* próprio das novas tecnologias e inerente à natureza das comunidades reais e virtuais.

A comunicação-educação vem adquirindo consistência como aquele campo que torna vigente uma “comunicação midiática, carregada de intencionalidade educativa”. Deste novo profissional – o educador – requer-se que desenvolva sua capacidade de percepção com o objetivo de:

- inserir-se em um momento pluricultural, pleno de negociações de sentidos;
- conhecer os mecanismos que regem a recepção e o consumo de produtos e de bens simbólicos;
- ter a capacidade de expressar saberes prévios e entrar em negociação com novos saberes, especialmente no que se refere a projetos tecnológicos da sociedade emergente;

⁴⁴ Cfr. MOREIRA, M.H. O. *cit.*

- adotar o diálogo e a escuta do outro como atitude política básica;
- manter-se disponível para a construção de um novo espaço público.

Dentro dessa pedagogia de ação multiforme e dos valores que orientam os educadores que trabalham na escola, na empresa, nos meios de comunicação, nos movimentos populares, descobre-se um motor propulsor: a formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos em seu meio social.

Esses educadores acreditam e trabalham pela construção de relações sociais mais humanizantes. Para eles, a inter-relação comunicação-educação permite submergir-se no dia-a-dia e construir pontes para o descobrimento de novos caminhos e a criação do olhar diferenciado sobre o cotidiano.

No campo da formação-capacitação, é urgente que a educação superior se abra para as novas necessidades de formar profissionais capazes de articular as diversas áreas de intervenção da educomunicação, ou seja, a formação de um gestor de processos comunicacionais no espaço educativo.

6. Educomunicação e missão salesiana

No primeiro número de *Il Gong*⁴⁵, “Mulheres em rede”, Carta-proposta às FMA na era da Comunicação, se afirma:

“Nossos interlocutores privilegiados nos interpelam hoje com suas linguagens. A nós nos corresponde uma resposta educativa, tendo em conta sua nova identidade e a cultura em que todos estamos imersos”.

O Congresso que reuniu em Roma, no mês de dezembro de 2000, os delegados inspetoriais e nacionais de comunicação social, tinha como título: *Dom Bosco, comunicador*. O encontro analisava o compromisso da comunicação social como fidelidade a Dom Bosco e aos jovens. Dom Antonio Martinelli, responsável pelo Dicastério Salesiano de Comunicação Social, insistia na necessidade de voltar às origens, recordar que fomos enviados aos jovens, os quais fazem da informação o pão nosso de cada dia e a expressão habitual da vida. A fidelidade a Dom Bosco e a fidelidade aos jovens exigem o compromisso e a qualificação na comunicação⁴⁶.

A atenção, dentro da Família Salesiana, ao fenômeno da comunicação se apoia na própria natureza do carisma. Don Juan Vecchi, em sua carta sobre *A comunicação social na missão salesiana*, nos lembra: “Denominamo-nos, com convicção e satisfação interior, filhos de um Santo que soube escutar as muitas vozes que chegavam dos jovens e da cultura de seu tempo, e que conseguiu comunicar com

⁴⁵ *Il Gong* é uma coleção de pequenos folhetos publicados pelo Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora com a finalidade de acompanhar o trabalho cotidiano das comunidades, usando um estilo de vida específico da era da comunicação.

⁴⁶ MARTINELLI, A. Entrevista. In: *Ansmag. Publicación periódica para la comunidad salesiana*, n. 68, 15-1-2001, p. 8.

o gesto, com a palavra e com a mesma estrutura que ele havia criado. Esta, com efeito, se fez “mensagem” precisamente porque expressava com clareza a finalidade e o espírito de sua missão⁴⁷.

A Família Salesiana tem dado passos ininterruptos nos últimos anos neste campo, fruto de sua compreensão e preocupação diante dos desafios pastorais que derivam de um mundo globalizado e midiático. A Congregação Salesiana e o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, os dois ramos mais numerosos da Família, têm se dedicado a reflexões em torno do tema, reflexões que foram compilando os *Atos dos Capítulos Gerais* e que encontram também sua fundamentação nas *Constituições* e outros documentos institucionais.

fsc.unisal.it



Comunica Responsabilmente

La Comunicazione è sociale.

I bambini ci guardano. Non sappiamo cosa pensano, ma vediamo come agiscono. Spesso condizionati da fragilità e solitudine.

Crediamo in una società capace di comunicare con i giovani, avendone rispetto e cura. Perché il loro futuro è il nostro futuro.

FSC
Facoltà di Scienze della Comunicazione sociale
La Comunicazione educa. L'Educazione comunica.

Università Pontificia Salesiana - Piazza Ateneo Salesiano, 1 - 00139 Roma
Informazioni e contatti: 06.87290.331 - <http://fsc.unisal.it> - fsc@unsal.it

Cartaz da Università Pontificia Salesiana-Roma

A convivência com os jovens e o contato com seu mundo são um estímulo para encontrar continuamente novos caminhos de acompanhamento.

Se examinarmos a vida dos jovens de nosso tempo, surgem em nós dois sentimentos: descobrimos com pesar que sua linguagem, aprendida através dos meios, corre o perigo de ser incompreensível para nós; e sentimos a urgência de recuperar terreno no uso da comunicação, como resposta à nossa vocação de salesianos.

Trata-se, de nos colocarmos em dia, o quanto antes, de manter o passo com uma realidade que está em evolução contínua e que, por sua vez, se converte em motor de uma ininterrupta mudança global⁴⁸.

Quando, no Capítulo Geral XIX (1990), as Filhas de Maria Auxiliadora criaram o Dicastério para a Comunicação Social, responderam a uma clara e sentida exigência de compromisso no campo da comunicação. Dois questionamentos estiveram como pano de fundo ao longo do Capítulo: Como afrontar a cultura atual? Como traduzir hoje as instituições das origens?

47 VECCHI, Juan. *Actas del Consejo General*, n. 370, 8-12-1999.

48 VECCHI, Juan. *O. cit.*

Se a criação do novo dicastério ia de encontro a essas perguntas, originava outras novas: Como organizar um Dicastério para a Comunicação Social? Como operacionalizar o compromisso através da coordenação inspetorial? A resposta a estas outras perguntas encontra-se no primeiro número de *// Gong*, ao qual seguiram-se outros dois fascículos, sempre num esforço por acompanhar as comunidades educativas neste caminho em que não havia antecedentes que pudessem servir de referência, dada a novidade do campo. Não se tratava tanto de fazer coisas, quanto de criar sensibilidade ante o fenómeno; de gerar uma mentalidade de mudança⁴⁹.

O número de *Ansmag* ao qual se fez alusão anteriormente, convoca os irmãos a esta mudança de mentalidade, a sentir o chamado a ser comunicadores para acompanhar o jovem e a jovem na busca de sentido da própria vida.

“Hoje, a navegação eletrônica ameaça perder a estrela que nos dirige. Para onde conduz a comunicação salesiana? Para reconhecer a própria identidade diante das propostas que chegam da cultura da comunicação”⁵⁰.

Três são as áreas operativas que canalizam a programação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora nesses dez anos:

- Animação – Formação,
- Informação e
- Produção

Por meio delas, foram sendo criadas condições para que nas diferentes inspetorias das FMA, no mundo, surgissem numerosas iniciativas que possam, pouco a pouco, estruturar uma rede de ação cada vez melhor articulada e com um crescente poder de convocação à participação na tarefa que nos compete a todas e a todos.

O Capítulo Geral XX (1996) propunha ao Instituto uma linha de orientação que resumia algumas convicções presentes ao longo do mesmo e oferecia pontos fundamentais para o futuro imediato das inspetorias. Há nela três modalidades que traçam as linhas do que poderia ser um plano de educomunicação:

“... em diálogo com a cultura contemporânea...”

É uma chamada a uma cultura aberta, de diálogo recíproco, de mútuo enriquecimento ante as características, possibilidades e limites dessa cultura contemporânea. Um convite a uma educação para a comunicação que aproveite os recursos tecnológicos de hoje, que capacite para apropriar-se das chaves de leitura da cultura atual e para criar novas expressões e sínteses culturais.

49 CURTI, M.G.; CHINELLO, M.A. *Ámbito per la Comunicazione Sociale. Un pò di storia*. Informe presentado en el Encuentro de Ecosam en Caracas, Septiembre de 2000.

50 Editorial de *Ansmag*. O. cit. p. 3.

“capazes de expressar a profecia do ‘insieme’...”

É um irrecusável convite a trabalhar em conjunto, unidos, compartilhando objetivos e realizações. Uma exigência de criar REDES e mecanismos de animação que o tornem possível.

“... em uma missão educativa inculturada a serviço da vida”.

Apresenta a partir de onde se desenvolverá o programa: a partir de um processo educativo inculturado, descobrindo e dinamizando as mútuas implicações entre comunicação e educação, valorizando e aproveitando os elementos da própria cultura para fazer da comunicação educativa um processo significativo que beneficie a comunidade e a ajude a autocompreender-se e autoexpressar-se⁵¹.

A reflexão sobre esses documentos e outros muitos provenientes de outras fontes, e seu confronto com a realidade das jovens e dos jovens que vivem no mundo de hoje, tem levado as comunidades educativas salesianas a interpelarem-se sobre a responsabilidade que têm neste momento histórico. Citando Don Vecchi:

“Formamos parte, consciente ou inconscientemente, de uma grande rede que nos envolve. Podemos permanecer alheios ou podemos inserir-nos, oferecendo, também neste campo, os dons que temos como educadores e evangelizadores. Não há que considerar de pouca importância o fato de poder difundir instantaneamente, em todo o mundo, informações e comunicados. Muitas vezes comentamos mais os perigos que os valores de tal situação. Mas se queremos que o mundo da comunicação continue modificado pelo fermento evangélico, devemos sentir-nos interpelados para intervir e interagir com os que vão à praça ou aos areópagos para falar e ouvir falar⁵²”.

É nessa mesma linha de reflexão e sentido de responsabilidade que expôs o desafio que a Ecosam assumiu em sua reunião de Costa Rica, em novembro de 1998:

Nossa missão de educadores no continente americano, onde a sociedade globalizada e mediatizada marginaliza e exclui grandes maiorias, requer interlocutores capacitados para assegurar a relação educação-comunicação-cidadania, a partir de uma ética comunicacional baseada no Evangelho.

O desejo e a necessidade de sistematizar as experiências que vão nascendo para responder ao desafio formulado deram origem à elaboração do *Plano de Educomunicação* no Encontro da Ecosam em Caracas – Los Teques (setembro, 2000). Seu conteúdo é o objeto deste documento e as políticas de ação que lhe servem de referência são aquelas que o Instituto tem reformulado para o âmbito da comunicação:

1. Passar de uma visão instrumental a uma concepção cultural da comunicação.

51 Cfr. VICENTE, J. *Anteproyecto de Investigación para Maestría en Comunicación Organizacional*. Caracas: Universidade Católica Andrés Bello, 2000, p. 11.

52 VECCHI, Juan. *O. cit.*

2. Assumir a comunicação a partir de uma ótica da missão e uma prática educativa transversais, na atualidade do carisma.
3. Favorecer uma comunicação organizacional que se baseie na mentalidade de trabalho em rede e incida em opiniões políticas que favoreçam a vida e a quem a sociedade exclui.
4. Dialogar com o mundo contemporâneo para contribuir com a criação de uma nova cultura da solidariedade por uma cidadania ativa.
5. Passar de uma informação unidirecional a uma comunicação recíproca de qualidade, para que todos tenham voz.
6. Realizar uma mediação tecnológica através do uso educativo das novas tecnologias.

O Reitor Mor dos salesianos, em sua carta sobre a *Comunicação social na missão salesiana*, estabelece alguns desafios e propostas que se constituem em referência obrigatória para levar a cabo este ou qualquer outro plano de educomunicação em chave salesiana. É oportuno escolher alguns parágrafos da Carta:

Para responder ao desafio da comunicação atual se faz necessário um caminho formativo adequado. (...) Notamos que, enquanto a técnica se desenvolve com extrema rapidez, o desenvolvimento das competências individuais, de aprendizagem e uso das novas técnicas é mais lento e desigual. (...) O que fazer? O único caminho útil que se deve seguir é o da formação. A nova alfabetização, ou seja, a capacidade de ler e escrever na cultura dos meios, afeta a todas as pessoas e, pelo que se refere à fé, a todos os crentes. Quanto mais deverá interessar a educadores e evangelizadores! É verdade que não somos chamados a ser todos especialistas em comunicação social. Mas temos a obrigação de ser bons comunicadores.

Não nos contentemos com a crítica fácil sobre o que nos leva à comunicação de massas. Percorramos com decisão e sistematização, um caminho de preparação de jovens e adultos, para uma responsabilidade e um conhecimento dos meios que respondam a seu crescimento.

Com invejável lucidez, Don Vecchi lê, na situação de novas pobreza, a oportunidade que propõe encontro à Família Salesiana:

Há uma nova pobreza no mundo: a dos excluídos dos circuitos da informação. Os desníveis já são evidentes, e sociólogos e educadores os preveem cada vez maiores. Uma instituição educativa como a nossa pode considerar missão própria o estabelecer espaços de comunicação, inclusive com meios alternativos para as pessoas mais sensíveis: encontros de grupos, associações e famílias, acontecimentos festivos e culturais. Assim também se pode propiciar a competência, no campo dos meios, aos jovens e aos ambientes nos quais a exclusão está mais difundida, como em outros tempos se fez para alfabetizar e instruir através das escolas. Se a instituição pública não está em condições, por diversos motivos, de oferecer “terminais” acessíveis a todos, a comunidade salesiana deverá considerar o modo de acreditar em tais possibilidades. Se não considerarmos as novas técnicas como um luxo, mas como condição importante para a educação, faz parte de nosso compromisso facilitar seu acesso aos jovens pobres e às pessoas marginalizadas.



CAPÍTULO 3

MARCO OPERATIVO



"É melhor deixar algumas janelas fechadas". (Anúncio da Symantec - USA).



CAPÍTULO 3 MARCO OPERATIVO

1. Apresentação

Num *Workshop*, o Dr. Jacques Marcovitch⁵³, Reitor da Universidade de São Paulo, narrou a seguinte fábula:

Um passarinho estava a ponto de morrer congelado no inverno europeu e foi consultar a coruja – velho símbolo da sabedoria – sobre a melhor maneira de se resolver a situação. “Transforma-te em um urso e te salvarás”, sentenciou a coruja do alto do galho. “Como, porém?” – insistiu o passarinho. E a coruja, concluindo o assunto, respondeu: “Bem, isso é problema teu. Meu campo é o dos conceitos e não convém que eu saia dele. Os problemas práticos tens que resolver tu”.

Essa pequena fábula nos mostra o desafio que supõe sempre o converter em planos operativos os objetivos que se deseja alcançar e que sejam claramente expressos.

Expôs-se aqui amplamente os novos cenários desta sociedade mediatizada, marcada profundamente pela presença das novas tecnologias da informação; apresentaram-se os desafios que se referem à educação, levando em conta também a singularidade juvenil atual. Aprofundou-se o tema da educomunicação como novo campo que aproxima a comunicação e a educação, com a tarefa de criar ecossistemas comunicacionais facilitadores da aprendizagem e do pleno exercício da cidadania. Apresentaram-se as quatro áreas de intervenção que, completando-se entre si, tornariam possível essa tarefa. Porém, quais são, na prática, os passos a serem dados?

Diante de um campo em permanente transformação é fácil entender a necessidade de se enfrentar as contradições inerentes a uma área ainda em formação. Não existe, porém, um corpo de objetivos específicos, metas, experiências e procedimentos que tenha sido construído como proposta de provada eficácia. Está quase tudo por fazer. Existem muitas experiências concretas de educomunicação em todo o continente, cada uma delas representando teorias diversas. O estudo e a avaliação permanentes dessas práticas irão tornando possível a construção de um marco ope-

⁵³ Discurso de abertura do *Workshop* “Educação a distância: “compartilhando experiências”, organizado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Epusp), 29-3-1999.

rativo que sirva de referência válida a novas experiências. E este caminho está apenas começando.

Um ponto está fora de questão: os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, presentes já na escola, serão parte de um processo de educomunicação, só se estiverem a serviço de um projeto pedagógico com objetivos claros. Os mitos criados acerca da tecnologia educativa, não são mais que isto: mitos. Esses novos recursos são só instrumentos, com um alto nível de potenciação de nossas possibilidades, porém, não podem mudar a educação por si mesmos.

A seguir, serão apresentadas algumas propostas que podem servir como referência articuladora para aquelas experiências de educomunicação que já estão em andamento ou como caminho por construir, para quem decidiu envolver-se nesse processo.

2. Educomunicação: mosaico ou campo articulador?

Quando, em páginas anteriores, delineavam-se os desafios que a educação enfrenta, aludia-se à proposta de Francisco Gutiérrez para educar na Era da Informação. Os caminhos que ele propõe se aproximam notoriamente dos eixos transversais do novo desenho curricular de muitos dos planos da educação oficial no continente e facilitam a criação de um campo articulador das áreas de intervenção que propõe o *Plano de Educomunicação das Filhas de Maria Auxiliadora na América*. Gutiérrez sustenta que, para fazer frente aos desequilíbrios produzidos pela globalização e à filosofia pós-modernista, a escola contemporânea deve se encaminhar mais à sensibilidade humana que à racionalidade abstrata e distante. E, por isso, propõe a necessidade de:

2.1. Educar para a incerteza

Significa:

- Educar para questionar de forma permanente a realidade de cada dia;
- Educar para localizar, reconhecer, processar e utilizar informações;
- Educar para resolver problemas;
- Educar para saber reconhecer e desmitificar as propostas mágicas de certezas que nos chegam por numerosos canais de informação;
- Educar para criar, recriar e utilizar os recursos tecnológicos em escala humana.

2.2. Educar para o desfrute da vida

Nestes tempos caracterizados pela ausência de certezas, ajustes estruturais, desequilíbrios, relativizações, as grandes majorias se veem condenadas a viver com enor-

mes carências. De acordo com isso, os meios de comunicação se convertem em “palhaços” destinados a divertir e entreter as pessoas. Gutiérrez propõe que o educador responda para si mesmo estas perguntas:

- Em que grau educando e educadores estão sofrendo ou desfrutando da vida?
- Que grau de entusiasmo levam dentro de si mesmos?
- Em que grau se sentem úteis e valorizados?
- Em que grau se sentem importantes diante dos demais, na participação, na convivência, nas expressões de vida?

Uma escola que não entusiasma diante da vida não responde às necessidades atuais. E é igualmente importante analisar cuidadosamente o papel que jogam neste sentido as tecnologias e os meios de comunicação especializados – muitos deles – precisamente para convidar ao desfrute da vida à sua maneira, e com seus próprios objetivos.

2.3. Educar para a significação

Aos meios costuma-se atribuir a capacidade de dar sentido e significado aos acontecimentos. Papel que reivindica a educação para si mesma. Educar para a significação não é tão somente mostrar o sentido dos significados já construídos, mas criar mecanismos que permitam às pessoas – educandos e educadores – produzir significados.

Requisito indispensável é que os projetos educativos sejam elaborados pela comunidade e não impostos por uma ou várias pessoas. É uma maneira de formar pessoas autônomas e críticas diante das frequentes tentativas de manipulação por parte de instituições diversas.

2.4. Educar para a convivência

Os meios de comunicação favorecem o consumo massivo de mensagens, em forma isolada, acrítica, ainda que muito ativa. A sociedade, pelo contrário, necessita da solidariedade que só a convivência é capaz de convencer. Não é suficiente falar da solidariedade, rompendo estereótipos e preconceitos muito presentes nos meios, particularmente na publicidade. Isso implica também educar para o consumo.

2.5. Educar para apropriar-se da história e da cultura

Gutiérrez, entre inúmeros autores, sustenta que o ser humano não é espectador da história, mas seu construtor. O sistema educativo que elabora propostas que permitem às pessoas descobrir e desenvolver diferentes modos de apropriação de sua experiência cultural está respondendo às necessidades de seu contexto.

Essa educação se dá no âmbito do comportamento, quando se abre caminho para a criatividade, a imaginação, a intuição... Um exercício que sempre construiu história.

No campo sociocultural isso só é possível se os participantes têm a possibilidade de se apropriar dos instrumentos que permitem a manifestação da produção da cultura. Em nosso momento histórico: os meios e tecnologias da comunicação⁵⁴.

Partindo do esquema que Ismar de Oliveira apresentou no Congresso *Summit 2000* (Toronto, 2000), pode-se visualizar a articulação possível entre essa proposta de Francisco Gutiérrez e as áreas de intervenção que propõe o *Plano de Educomunicação da Ecosam*:



O gráfico nos indica a estreita relação que existe entre as dimensões que, segundo Gutiérrez, a educação deveria levar em conta, e entre estas e as áreas que a educomunicação propõe como âmbitos operativos para chegar, precisamente, ao que também ele considera fundamental: apropriar-se das chaves de leitura da cultura atual, apropriar-se de seus códigos, para criar novos símbolos que permitam expressar a nova cultura, a nova forma de ser e viver a globalização como solidariedade local e universal, o surgimento de interlocutores que, conhecendo as razões e os códigos que reforçam a exclusão social, sejam capazes de servir-se deles, competentemente, para reverter essa tendência e orientar a construção social para:

- A utilização consciente, criativa e humanizadora dos dados contingentes da realidade, através da educação para a comunicação;
- A capacidade de dar sentido ao “quefazer” humano, descobrir o significado dos acontecimentos e orientar o uso da tecnologia em benefício de todos, através da *educação para a mediação tecnológica*;

54 GUTIÉRREZ, F. Citado por SOARES, Ismar de Oliveira. “Gestión de la comunicación en el espacio educativo”. In: GUTIÉRREZ M., (Coord.) *Formación del Profesorado en la Sociedad de la Información*. Escuela Universitaria de Magisterio. Universidad de Valladolid. Segovia: 1998, p. 39 ss.

- O desfrute da vida e das relações humanas, da harmonia e da beleza, através da *educação para a comunicação na expressão e na arte*;
- A convivência sem exclusões, a casa habitável para todos, através da *educação na comunicação para a cidadania*.

2.6. Alguns projetos em execução

Nem todos os 53 projetos de educomunicação que deram origem ao *Plano de Educomunicação das FMA na América* se desenvolvem nesse campo. Há outras realizações que seus promotores nem sequer associam ao campo da educomunicação e que surgiram do inquieto coração do educador e educadora salesianos como resposta criativa às necessidades concretas dos jovens.

Esses projetos, que aqui são elencados, surgiram do mesmo modo e, no intento de categorizá-los, muitos deles não se ajustam a uma só área, mas transitam por várias áreas de interação. Não obstante, apresentamo-los agora associados às áreas de intervenção, como testemunho eloquente de que é possível operacionalizar a proposta de Educomunicação através delas. A tarefa urgente consiste em seguir analisando o trabalho que se leva a termo em nosso continente para descobrir o rosto particular salesiano que têm os projetos em andamento e a teoria própria que lhes serve de referência.

PROJETO	PAÍSES EM QUE ESTÁ PRESENTE
Área: Educação à comunicação	
1. Educação multimedial	USA
2. Educação à comunicação (Escola)	Peru, Venezuela, Uruguai, Chile
3. Mãos à paz	Colômbia
4. Ética, comunicação, literatura	Costa Rica
5. Formação à educomunicação	Brasil (Belo Horizonte)
6. Dentro da tela (Publicidade)	Brasil (Belo Horizonte)
7. Centro de Capacitação Popular	Costa Rica, Nicarágua, Panamá
8. Educação- comunicação na marginalidade	USA
Área: Mediação tecnológica	
9. Evangelização eletrônica	Brasil (Rio de Janeiro)
10. Escola 24 horas, na Internet	Brasil
11. Democratização do uso da computação e da Internet na escola	USA
12. Lideranças no uso das tecnologias	USA, Canadá
13. Gerência em informática	Brasil (Belo Horizonte)

14. Ondas de paz (Projeto de informática com alunos)	Brasil (Campo Grande)
15. Novas tecnologias em áreas indígenas	Venezuela
16. Emissoras radiofônicas no meio rural e popular	Bolívia
17. Redes comunicacionais indígenas	Paraguai (Chaco)
18. O mestre em casa (educação radiofônica)	Honduras
19. Emissoras juvenis escolares	Colômbia, Chile, Venezuela
20. Rádio escolar "Em sintonia"	Brasil (Belo Horizonte)
21. Comunicação educativa por rádio	Brasil (Manaus)
22. Produção juvenil televisiva	Peru
Área: Expressão e Artes	
23. 361º Que nadie se quede fuera	Venezuela
24. Produção juvenil televisiva	Peru
25. Escuela, cenário de la palabra	Colômbia
26. Educação multimedial	USA
27. Mãos à paz	Colômbia
28. Dentro da tela (Publicidade)	Brasil (Belo Horizonte)
29. Emissoras juvenis escolares	Colômbia, Chile, Venezuela
Área: Comunicação para a cidadania	
30. Mobilização em favor de causas sociais	USA, Canadá
31. Participação juvenil na cidadania	Canadá, Costa Rica
32. Escola de formação para a cidadania	Brasil
33. 361º Que nadie se quede fuera	Venezuela
34. Escuela, cenário de la palabra	Colômbia
Área: Gestão – Comunicação organizacional	
35. Centros de recursos de comunicação	Argentina (Buenos Aires), Antilhas, Brasil, Venezuela, Equador, Chile, Peru
36. Equipes locais de comunicação	Argentina, Brasil, Chile
37. Apoio a processos de ensino-aprendizagem	Chile
38. Informativos provinciais	Onde estão presentes as FMA
39. Imprensa escola	Colômbia, Chile

40. Produção de material eletrônico para FMA e cibernautas	Brasil
41. Boletim <i>En Red</i> para as coordenadoras de comunicação de América (FMA)	Ecosam
42. Revista <i>Primavera</i>	Colômbia
43. Assessoria em comunicação	Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Venezuela
44. Espacio, tiempo de comunicación	Argentina
45. <i>Home pages</i> provinciais	Brasil, USA, Uruguai
46. <i>Sites</i> na <i>web</i> (locais)	Brasil
47. Marketing da filosofia da escola	Brasil (Rio de Janeiro)
48. Produção de material didático para informática-computação	Brasil (Belo Horizonte)
49. Abra o olho! diário popular de comunicação alternativa	Brasil (Cuiabá)
50. Boletim Salesiano SDB-FMA	Brasil
51. ECOS@R Boletim intercongregacional	Argentina
Área: Investigação	
52. Investigação comunicação-cultura	Colômbia, Venezuela
Área: Formação-Capacitação	
53. Capacitação para docentes	USA
54. Formação das comunidades educativas em educomunicação	Colômbia, Costa Rica, México, Venezuela
55. Capacitação (FMA, docentes, famílias) para o exercício da cidadania	USA
56. Escola com orientação em comunicação	Colômbia, Bolívia
57. Formação para a comunicação em nível intercongregacional	Argentina, Brasil (Belo Horizonte), Venezuela
58. Formação das FMA em comunicação	Argentina, Antilhas, Brasil, Colômbia, Costa Rica
59. Educação para a comunicação na formação inicial FMA	Antilhas, Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador
60. Rede eletrônica de formação inicial	Brasil

3. Um ambiente privilegiado

Como Família Salesiana, encontramos-nos nas melhores condições para poder acompanhar processos educativos que permitam aos jovens apropriarem-se das chaves de leitura da cultura atual e criar novas expressões e sínteses culturais:

- Vivemos entre os jovens, partilhando espaço e tempo, estabelecendo relações de família cálidas e próximas que favorecem a comunicação e o conhecimento das inquietudes juvenis e as novas linguagens com as quais os jovens se expressam.
- Consideramos de vital importância o protagonismo juvenil que permite a expressão aberta dos códigos com que os jovens intercambiam significados, das sínteses que vão tecendo a partir da própria compreensão de si mesmos, de seu ambiente, de seu momento histórico, de seus sonhos e temores.
- Temos espaços privilegiados que permitem que isso aconteça: centros juvenis, processos grupais, Articulação da Juventude Salesiana (AJS), escolas, projetos de voluntariado...

4. Para criar ecossistemas comunicacionais

Ismar de Oliveira considera *o âmbito educativo como o mais propício para se constituir em um espaço de comunicação livre, sem manipulação, onde cada professor e cada aluno sejam motivados e mobilizados a comunicarem-se, utilizando, inclusive, todos os recursos colocados à disposição pela modernidade tecnológica:*

- A educação se apresenta à sociedade como organização completa, onde se movem pessoas que cumprem funções, emitem e reelaboram símbolos, se relacionam institucionalmente – bem ou mal – com o público externo e, muitas vezes, com os meios de comunicação.
- A educação trabalha a informação, sistematizado-a e divulgando-a; trabalha o lúdico, mobilizando sentimentos, emoções; cultiva e difunde valores.
- A educação representa um espaço comunicacional único, capaz de dar à criança, ao adolescente e, inclusive, ao jovem universitário, condições ímpares para se expressar, desenvolvendo sua capacidade de ter e usar a palavra, uma palavra que, com frequência, lhe será negada pelo sistema massivo dos meios de comunicação.
- A educação é um espaço onde a leitura e a crítica da comunicação – da própria comunicação e da comunicação massiva – podem ser feitas, sempre que o sistema formal ou não formal de ensino tenha como meta a preparação de cidadãos autônomos frente às reais possibilidades de manipulação exercidas pelos sistemas dos meios⁵⁵.

55 Cfr. SOARES, Ismar de Oliveira. "La gestión de la comunicación educativa". *O. cit.* p. 7ss.

5. Tarefas da gestão da comunicação

No âmbito escolar, além das funções de manter a “saúde” da informação e seu livre fluxo na instituição e entre esta e a sociedade, e mais além de modernizar e ativar os serviços multimídiais, a equipe de gestão dos processos educacionais, tem como tarefa:

- Elaborar diagnósticos no campo das inter-relações da comunicação em todos os âmbitos possíveis, planejando, executando e avaliando os processos comunicacionais. A elaboração de diagnósticos exige uma visão de conjunto dos processos de educação, conhecimentos técnicos específicos e se aplica tanto aos macrosistemas quanto àqueles espaços das atividades humanas mais restritas. A tarefa da gestão comunicativa alcança também os processos de relações interpessoais, que se dão entre os membros da comunidade educativa. Por isso, são válidos e úteis os conhecimentos e procedimentos relacionados à comunicação organizacional.
- Assessorar os educadores no uso adequado dos recursos da comunicação e promover a utilização das tecnologias, não só como recursos didáticos, mas também como meios de expressão dos cidadãos imersos no processo educativo, dando ênfase aos aspectos essenciais da interação comunicativa: o espaço, o corpo, o discurso. É necessário trabalhar levando em conta a “desterritorialização” e a “destemporalização” em função da formação para o exercício da cidadania global.
- Exercer o papel de “ombudsman” da comunicação interna, quer dizer, velar pelos direitos de todos a uma comunicação transparente e fluida.
- Promover um alto grau de comunicação e criatividade no espaço educativo, valendo-se de todos os meios possíveis, como o teatro, o jornal, a música, outras expressões artísticas, a produção audiovisual, como meios de expressão de cidadania no âmbito educativo.
- Implementar programas de “educação por e para os meios”, levando-se em conta as reflexões sobre recepção e as práticas que se levam adiante nos diferentes contextos sociais.
- Refletir sobre o novo campo, sistematizando informações que permitam maior conhecimento sobre as demandas da sociedade no que se refere à inter-relação comunicação-educação.

6. Assuntos pendentes

A Equipe de Comunicação Social América tem pela frente, entre outras, a tarefa de animar, no continente, não só as experiências em andamento e as que forem surgindo, mas também a reflexão sobre elas, de modo que se possa ir descobrindo a teoria que as sustenta e se torne explícita a dimensão carismática subjacente a todas elas.

Um dos desafios é caminhar rumo à elaboração de uma teoria própria, de acordo com as especificidades provenientes da pedagogia salesiana e presentes nas experiências de educomunicação.

Uma segunda tarefa, já iniciada, é a de integrar as experiências de educomunicação nos projetos educativos que orientam a missão das comunidades educativas em cada lugar. Como afirma Don Vecchi,

“que se insira a comunicação no projeto educativo e pastoral, considerando todos os seus aspectos, possibilidades e riscos; isso não significa outra coisa que pedir às comunidades salesianas e educativas que adquiram competências em relação à cultura em que estamos todos imersos e à sociedade em que devemos viver⁵⁶.”

A criação de ecossistemas comunicacionais não é tarefa de franco-atiradores, mas de toda a comunidade, como já foi mencionado neste documento, ainda que a coordenação recaia sobre aqueles aos quais compete gerir os processos educomunicacionais.

Em terceiro lugar, estão pendentes as tarefas de informar sobre possibilidades formativas neste campo, em nível continental e mundial, e de esboçar uma proposta formativa própria que leve em conta, não só os elementos comuns inerentes à formação para a gestão da educomunicação, mas também outros provenientes da riqueza do carisma salesiano e das características culturais de nosso povo. As ofertas de capacitação constituíram uma gama ampla: desde cursos curtos de atualização para educadores até cursos de especialização e mestrado respaldados por universidades com trajetória conhecida na área da comunicação-educação.

Neste caminho de amplos horizontes, constituem um estímulo muito significativo as palavras de Don Vecchi aos salesianos:

“A comunicação social abarca toda a presença salesiana, comprometida na educação e na evangelização, tanto através de obras específicas, quanto através de outras formas de ação que influenciam na cultura popular e na promoção de formas sociais adequadas. A comunicação se entende, desse modo, como “via mestra” para a realização das diversas áreas da missão. Emerge como uma competência necessária que penetra na identidade do salesiano educador, pastor, evangelizador, promotor vocacional. Ele realiza esses aspectos de sua missão, sobretudo com a comunicação social. A comunicação social – mensagens, instrumentos, cultura – abre ou fecha caminhos para interpretar e forjar a vida. Dela, com frequência se recebem a visão de mundo e os modelos de conduta. A qualidade de vida está, de fato, vinculada ao que os meios de comunicação apresentam, direta ou indiretamente⁵⁷.”

⁵⁶ VECCHI, Juan. *Actas del Consejo General*, n. 370, 8/12/1999.

⁵⁷ VECCHI, Juan. *O. cit.*

BIBLIOGRAFIA

- Actas del CGXX de las Hijas de Maria Auxiliadora. Roma, 1996.
- AMADEO, Eduardo, citado por COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- ANGULO, Mario. "La juventud venezolana: reto a La frustración y oportunidad al desarrollo". *Ponencia en el Primer Congreso de Juventudes* (Caracas, 3-5/2/2000).
- ANSMAG *Publicación periódica para la comunidad salesiana*, n. 68, 15-1-2001.
- BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, M.F. *Novos modos de compreender*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- BELTRÁN, L. R. "Neoliberalismo y comunicación democrática en Latinoamérica: plataformas e banderas para el tercer milenio". In: *Nuevos rostros para una comunicación solidaria*. Quito: SCC, 1994.
- BISBAL, M. *Pensar la cultura de los medios. Claves sobre realidades massmediáticas*. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 1999.
- CEBRIÁN, Juan Luis. "Regular el caos." In: *Debates de El País Digital*. (Diario Español en la Web). Junio, 1998.
- Chaqi*, Revista Latinoamericana de Comunicación (Ecuador) n. 58, junio 1997.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- CURTI, M.G; CHINELLO, M.A. *Ambito per la Comunicazione Sociale. Un pò di storia*. Informe presentado no Encontro de Ecosam de Caracas, SET. 2000.
- DELORS, Jacques (Org.). *Educação, um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco; MEC, 2000.
- El País Digital*, "Educación". *La Red entra en la educación*. 22-1-2001. In: <<http://elpais.es>>.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Tempo Presente, 1979, citado por MELO, José Marques de. *Comunicação e libertação*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- ESPINOZA, Manuel. "Hacia una cultura de la complejidad." In: *Puntual. Publicación periódica de la Fundación Polar* (Octubre, 1995, A. 3, n. 5, Caracas).
- FEIXA, Carlos. "Generación @: La juventud en la era digital." In: *Nómadas*, n. 13, 2000, DIUC, Bogotá.
- FILHO, Ciro M. *Cenários do novo mundo*. São Paulo: Edições NTC, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- GUTIÉRREZ, M. A. (Coord). *Formación del Profesorado en la Sociedad de la Información*. Segovia: Escuela Universitaria de Magisterio; Universidade de Valladolid, 1998.
- _____. *Educación multimedia y nuevas tecnologías*. Proyecto didáctico Quirón. Madrid: Ediciones de la Torre, 1997.

_____. "La mediación pedagógica y la tecnología educativa." In: *Tecnología educacional*, v. 5, 132/133. Rio de Janeiro, set./dic., 1996.

KELLY, U.A. *Schooling Desire: Literacy, Cultural Politics and Pedagogy*. Nova Cork: Routledge, 1997.

KENWAY, Jane. *Backlash in Cyberspace and Why Girls Need Modems, ein Roman, Leslie and Eyre, Linda Dangerous Territories*. Nova Cork: Routledge, 1997.

MATTELART, Armand. *Comunicación masiva en el proceso de liberación*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973.

_____. "Comunicação e interesse público". In: *Comunicação & Educação*. São Paulo, n. 16.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Comunicación masiva: discurso y poder*. Quito: Época-CIESPAL, 1978.

MIRANDA, M. *Educación para la Comunicación*. Manual latinoamericano. Santiago: Ceneca/Unesco, 1992.

MOREIRA, M. H. *Lendo o mundo da Comunicação*. Artículo elaborado para el *home site* de la Comisión Escuela América, de las Hijas de María Auxiliadora. In: <<http://barrioperu.terra.com.pe/ispmaux/index.htm>>.

NEOTTI, Clarencio. *Nova ordem mundial da informação e da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1966.

NÓMADAS. *Educación y Ciudadanía: perspectivas e interrogantes*. Bogotá: DIUC, septiembre, 1998.

OROZCO, G. *El Manual para los medios. Una propuesta integral para Maestros, Padre y Niños*. México: ILCE, 1992.

SOARES, Ismar de Oliveira. "La gestión de la comunicación en el espacio educativo." *DIA-logos de la Comunicación*, Lima, [s. d.]

_____. *Sociedade da informação ou da Comunicação?* São Paulo: Cidade Nova, 1996.

_____. "Comunicação/Educação. A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais." In: *Contato*. Brasília, a. 1, n. 2, jan/mar. 1999.

_____. "Tecnologias da informação e novos atores sociais." In: *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo: USP; Ed. Moderna, a. II, n. 4, set./dez. 1995.

VECCHI, Juan. *Actas del Consejo General*. n. 370, 8-12-1999.

VICENTE, J. *Anteproyecto de Investigación para Maestría en Comunicación Organizacional*. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 2000.

_____. "Relación de la Comunicación Social y la dimensión educativa de la presencia salesiana." *Ponencia en el Encuentro de SDB responsables de la Comunicación en América Latina y el Caribe*. Octubre, 1998.

WINNER, L. "Technological Frontiers and Human Integrity". In: GOLDMAN, S.L. (Ed.). *Research in technology Studies*. Bethlehem: Lehigh University Press, 1989.

XIMENEZ, P. "Internet, la hora del desencanto." In: *El País digital* (Sociedad, 24-12-00) <<http://www.elpais.es>>.

Instituto Filhas de Maria Auxiliadora - Roma
Âmbitos Comunicação Social e Pastoral Juvenil

2ª PARTE

EDUCOMUNICAÇÃO PEQUENOS PASSOS NA NOVA CULTURA



EDUCOMUNICAÇÃO
SALESIANA

“Desde o rádio-relógio que nos desperta ao amanhecer até quando adormecemos depois do *talk show* da noite, estamos expostos a centenas – ou melhor, milhares – de imagens e de ideias.

Não só da televisão, mas agora também das manchetes dos jornais, das capas das revistas, dos filmes, dos *web-sites*, dos *videogames*, dos *outdoors* das publicidades.

Os meios não modelam mais a nossa cultura.

Eles SÃO a nossa cultura.”

Media & Values 57

APRESENTAÇÃO

Desde 1990, quando por decisão do XIX Capítulo Geral das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) surgiu o Âmbito da Comunicação Social, vem sendo realizada uma progressiva partilha de conteúdos, ideias e orientações para a animação inspetorial e local, referente à realidade comunicativa. Um dos canais de conhecimento é *Il Gong*, uma coletânea de publicações que lançou quatro volumes.

Este quarto fascículo da série traz novidades! Não somente em relação ao tema específico: a *educomunicação*, termo ainda pouco comum. Mas, principalmente, porque é fruto da reflexão e dos processos realizados entre os âmbitos. De acordo com o que já se tornou *práxis* no Instituto, oferecer instrumentos de animação e documentos elaborados em conjunto – como o *Projeto formativo*, as *Linhas orientadoras da missão educativa das FMA*, *Cooperação para o desenvolvimento* – também este volume exigiu a pesquisa e a reflexão, em particular, dos âmbitos da Comunicação Social e da Pastoral Juvenil. O processo realizado conjuntamente amadureceu no confronto frequente com o Conselho Geral, com as Assessoras, com as coordenadoras de CS e PJ de cada inspetoria.

A investigação cognitiva sobre a relação entre comunicação e educação, base do conceito de *educomunicação*, e sua aplicação prática, não nasceram no ambiente salesiano.

Para nós, entretanto, é importante ver nesse novo paradigma cultural uma expressão atual do carisma salesiano e identificar nele aspectos que prolongam, no hoje, o estilo comunicativo de Dom Bosco e de Maria Domingas Mazzarello.

Com este subsídio, desejamos oferecer às comunidades educativas salesianas, em particular a cada FMA, uma reflexão articulada e uma proposta viável para iniciar ou promover a continuidade de processos educacionais como modalidade concreta de viver, hoje, a missão.

Esta iniciativa pode ser um primeiro passo para sensibilizar as comunidades, socializar experiências, encorajar ulteriores caminhos inspetoriais e locais. Tem a intenção, especialmente, de ser uma contribuição à pesquisa já iniciada sobre a atualização e o aprofundamento do Sistema Preventivo.

Roma, 8 de setembro de 2008

Ir. Maria del Carmen Canales Calzadilla
Âmbito da Pastoral Juvenil e Educação

Ir. Giuseppina Teruggi
Âmbito da Comunicação Social



INTRODUÇÃO

Neste caderno 4 da coleção *O Gong* apresentamos alguns pontos significativos, fruto do caminho de aprofundamento da *educomunicação*: ótica e prática educativa transversal à missão, que nos permite considerar o contexto em que vivemos e formular, junto com os jovens¹, os percursos mais adequados ao seu projeto de vida e nos possibilita, portanto, a atualização do carisma.²

Os seminários de Pastoral Juvenil e Comunicação Social – *Educação – Comunicação – Evangelização* – realizados entre 2003 e 2008 nos fizeram, de fato, constatar os passos dados nas diversas inspetorias, as dificuldades encontradas e as metas a serem atingidas.

O horizonte juvenil em que atuamos e para o qual existimos é prioridade absoluta. Os nossos interlocutores privilegiados nos interpelam, hoje como sempre, com as suas linguagens. A nós cabe a resposta educativa, considerando a nova identidade deles e da cultura na qual todos estamos inseridos.³ O percurso realizado exprime o empenho de agir na missão educativa em sintonia com a nova cultura, conscientes de que *acompanhar os jovens quer dizer não só conhecer as suas potencialidades e carências, os contextos de vida, mas aceitar mudar com eles*.⁴

Hoje, fala-se muito de emergência educativa e, por consequência, se busca uma modalidade que sirva de elo na relação interpessoal, linguagens que permitam comunicar, especialmente com as novas gerações. Sabemos que na raiz da comunicação está a acolhida amável do pensamento, dos afetos, da vida do outro. Por isso, Dom Bosco dizia que, para estabelecer o contato educativo, era necessário “gostar do que os jovens gostam”. No nosso tempo, por causa da revolução tecnológica e da aceleração das mudanças, faltam as referências simbólicas e culturais de sempre. É necessário identificar novas estradas para comunicar com o outro nesse novo cenário em que estamos imersos. Isso comporta, especialmente para os educadores, flexibilidade e capacidade de aprender continuamente, a partir da experiência.

Entrar no mundo das novas gerações é um grande desafio para todos os educadores⁵, e as questões por eles levantadas são idênticas, mesmo que os contextos sócio-geográficos sejam diferentes:

1 Usaremos “jovens” independentemente de gênero, para mais fluência na leitura.

2 Cfr. INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. *Para que tenham vida e vida em abundância: Linhas orientadoras da missão das FMA*. Turim: Leumann; Elledici, 2005, n. 14.

3 Cfr. DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL FMA. *Mulheres em rede. [Il Gong 1]*. Roma: Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, 1994. n. 5.

4 INSTITUTO FMA, *Para que tenham vida e vida em abundância*, n. 15.

5 Para facilitar a fluência da leitura usaremos educador e professor independentemente do gênero.

- Qual conceito de pessoa emerge da cultura contemporânea?
- Que tipo de pessoa queremos educar?
- Como acompanhar os jovens de hoje, filhos de uma sociedade em contínua mudança?
- Quais os desafios que os cenários culturais oferecem para continuar a anunciar Jesus Cristo com a paixão do *Da mihi animas*?

O Instituto FMA, com o seu carisma educativo, possui recursos para responder a esses desafios. Atualizar Valdocco e Mornese é entrar com inteligência e competência na cultura caracterizada pelas velhas e novas mídias e oferecer uma contribuição significativa através da *educomunicação* que, estabelecendo relação entre educação e comunicação, permite o anúncio explícito de Cristo, capaz de atravessar a vida dos jovens do nosso tempo.⁶ As novas gerações, nos diversos contextos, se defrontam com as influências positivas e negativas da globalização, com sociedades cada vez mais multiculturais, com as culturas fluidas, em contínuo movimento, cada vez mais digitais e virtuais. A partir desses horizontes e em confronto com o mundo juvenil surge fortemente a necessidade de escuta, de orientação e de identidade.

Em toda parte, os jovens procuram quem saiba escutá-los, porque se alguém escuta, isso significa que existe acolhida, atenção, reconhecimento.⁷ É forte nos jovens a necessidade de se sentirem aceitos, reconhecidos por aquilo que são, como pessoas. A missão educativa não pode ser reduzida à socialização, à fruição crítica das novas tecnologias. Hoje, educar, comunicar, evangelizar, implica assegurar às novas gerações um acompanhamento na vida cotidiana que permita a superação da solidão e do isolamento, facilite a comunicação e a expressão criativa.

Às vezes, os jovens manifestam inquietudes, inseguranças, incertezas, desorientação, procuram uma bússola para encontrar a rota que os conduza no mar da complexidade, buscam um horizonte de sentido para abrir-se à esperança do futuro. À necessidade de identidade, pedem respostas personalizadas, não genéricas, capazes de ajudá-los a confrontarem-se de modo crítico com as influências do consumismo, niilismo, relativismo e fundamentalismo.

Saber ouvir as perguntas, também as que não são feitas, significa criar a possibilidade de um caminho comum na busca de uma resposta, que jamais será categórica e definitiva, mas suscetível à abertura e ao aprofundamento. A educação, a comunicação, o acompanhamento têm início nesta atenção silenciosa e cheia de amor.⁸

6 Cfr. DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL FMA, *Mulheres em rede*. [Gong 1]. Roma, Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora 1994, n. 56.

7 Cfr. FUCECCHI, Antonio; NANNI, Antonio. "Generazione Y." In: *CEM Mondialità* 39 (2008) 2, 29.

8 Cfr. INSTITUTO FMA. *Para que tenham vida*. O. cit. n. 24.

1. Educomunicação

A educomunicação orienta as comunidades educativas a assumirem com maior consciência os aspectos comunicativos do Sistema Preventivo, a entrarem com competência na nova cultura digital. Sabemos, de fato, que *“a tarefa da comunicação é de decisiva importância no anúncio explícito de Cristo. O contexto cultural em que nos encontramos requer, é verdade, uma fé robusta, uma adesão convicta ao Evangelho, mas também uma especial capacidade comunicativa. A pretensão de ser educadoras ou educadores, descuidando as modalidades com as quais a sociedade se exprime hoje, as categorias através das quais as pessoas elaboram os próprios juízos sobre a realidade, os principais nós existenciais no tecido da vida cotidiana, pode levar a não dar total destaque à beleza da mensagem que desejamos comunicar, isto é, o evangelho”*.⁹

Por *educomunicação* se entende um novo campo de intervenção cultural e social autônomo, cujo núcleo constitutivo é a relação transversal entre educação e comunicação. É um campo jamais definido, mas em permanente construção, influenciado pelo contínuo processo de mudança social e de inovação tecnológica.¹⁰

A educomunicação explicita a relação educação-comunicação e, em nível conceitual, representa a superação das barreiras impostas por visões funcionalistas das relações sociais, que têm mantido por décadas as duas ciências em posição de suspeita recíproca e de incomunicabilidade.

O termo *educomunicação* é utilizado para exprimir vários conceitos, cada um com uma matriz própria: educação para a comunicação, educação pela comunicação, educação na comunicação.

A educomunicação se fundamenta na convicção de que a pessoa humana é um ser em relação e na constatação de que, hoje, em termos de educação, se está diante de um novo sujeito, com uma nova percepção de espaço, de tempo e de ação. A comunicação é compreendida como um componente do processo educativo, uma modalidade dialógica, uma forma de relação estratégica que se estabelece entre a educação e a própria comunicação.

No processo de educomunicação, a educação é assumida como um percurso comunicativo que precisa ser construído, analisado e avaliado permanentemente, para



⁹ INSTITUTO FMA. *Para que tenham vida. O. cit.*

¹⁰ Cfr. (Eds.) OLIVEIRA, Ismar Soares de. *Educomunicação. In: LEVER, Franco; RIVOLTELLA, Pier Cesare; ZANACCHI, Adriano. La comunicazione. Il Dizionario di scienze e tecniche. Torino: Elledici; Rai Eri; LAS, 2002, 418-421.*

que as pessoas se descubram como produtoras de cultura a partir da apropriação crítica dos recursos da informação e da comunicação social.

Daí a natureza essencialmente relacional da educomunicação, que implica a construção de ecossistemas comunicativos abertos, colaborativos, democráticos, que favoreçam a comunhão, facilitem a aprendizagem e o pleno exercício da cidadania.

A educomunicação, nessa ótica, é toda ação comunicativa no espaço educativo, realizada com a intenção de formar e desenvolver ecossistemas comunicativos.¹¹ É um novo âmbito de intervenção social com uma finalidade muito clara: colocar a educação e a comunicação a serviço do desenvolvimento social e individual do ser humano, para construir, em conjunto, um mundo mais habitável e solidário para todos. A educomunicação se caracteriza pela busca permanente de respostas teóricas e práticas às complexas questões presentes nas condições de vida da sociedade contemporânea.

Em uma resolução da Unesco, nos anos 80, a educomunicação se apresenta como educação à comunicação o que inclui todas as formas de estudo, aprendizagem, ensino, em todos os níveis e em cada circunstância, da história, da criação, do uso e da avaliação dos meios de comunicação como arte e técnica; assim como o papel destes na sociedade, a sua repercussão social, as consequências de uma comunicação mediatizada, a participação, as mudanças que produzem na percepção, as regras do trabalho produtivo e o acesso aos próprios meios de comunicação.¹²

Em síntese, podemos afirmar que a educomunicação procura melhorar e fortalecer a qualidade comunicativa das ações humanas. Os pressupostos são: a comunicação dialógica; a ética da responsabilidade social na produção de cultura; a escuta ativa e criativa por parte dos destinatários; a política que propõe a utilização dos meios de informação a favor de quem intervém no processo de comunicação, com o objetivo de alargar os espaços de expressão. Assim concebida, a educomunicação assume as características fundamentais tanto dos campos tradicionais da educação e da comunicação, quanto de outros campos das ciências humanas e das artes.¹³

Na reflexão conduzida pelas FMA da América Latina, no fim dos anos 90, com a assessoria de Ismar de Oliveira Soares, estudioso brasileiro, se amplia o conceito e se identificam quatro áreas de intervenção¹⁴ da educomunicação, as quais, por como-

11 Cfr. OLIVEIRA, Ismar Soares de. *From Media Education to Educommunication*. Symposium on Media Education Experiences from the World. Roma, nov. 2003, p. 10-16.

12 AAVV. *Educación en materia de Comunicación*. Paris: Unesco, 1984.

13 Cfr. OLIVEIRA, Ismar Soares de. *Entrevista: L'Educomunicazione*. In: <www.net-one.org>.

14 Cfr. EQUIPE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA NA AMÉRICA. *Proposta de Educomunicação para a Família Salesiana*. Caracas: Publicações Monfort, 2002, 38-40. Resultado da pesquisa-ação sobre projetos realizados por diversas inspetorias da América Latina.

didade, são consideradas como se fossem distintas, mas que, geralmente, na ação se sobrepõem e coexistem.

– **Educação em comunicação:** compreende o estudo da comunicação humana, dos fundamentos teóricos e do fenômeno da comunicação social. Tem por objetivo formar interlocutores sociais responsáveis, participativos, críticos e criativos, para tornar possível uma comunicação social mais solidária, e para todos, e ajudar a estabelecer relações interpessoais humanizantes;

– **Mediação tecnológica:** analisa os processos e as reflexões em torno da “presença” e dos múltiplos usos das novas mídias na educação, para que as novas tecnologias construam uma cultura “diferente” e uma racionalidade que reclamam ser incluídas e reconhecidas na prática educativa;

– **Expressão e arte:** refere-se à educação à beleza, ao reconhecimento das formas estéticas como parte constitutiva da pessoa humana, da sociedade e da convivência; cuida dos espaços de protagonismo e de expressão para redescobrir a palavra e as modalidades para comunicá-la aos outros;

– **Comunicação para a cidadania:** exprime-se na constante atenção, por parte da comunidade educativa, às mudanças, às situações e às problemáticas da cultura hodierna, de modo a agir e transformar o contexto no qual se está inserido. Para melhor compreender a natureza e a finalidade da educomunicação é importante fazer referência a alguns estudiosos, que buscaram o diálogo entre comunicação e educação na sua atividade pedagógica, em contextos e períodos históricos diferentes. Célestin Freinet, com a sua concepção de saber como construção social; Paulo Freire, com a teorização da educação libertadora; Mario Kaplún, com a contribuição inovadora e criativa, que facilita o encontro entre educação e comunicação; Ismar de Oliveira Soares, que introduz o conceito de ecossistema comunicativo enquanto processo educativo e comunicativo que advém inserido num contexto de relações.¹⁵

2. Educação e comunicação no carisma

Na tradição salesiana, educação e comunicação estão radicadas e profundamente unidas na vida concreta dos nossos fundadores. Portanto, é significativo explorar brevemente essa interconexão, do ponto de vista histórico.

Dom Bosco comunicador

No coração do carisma está Dom Bosco: um educador que era “um comunicador nato”. Jamais, na história da pedagogia salesiana, educação, comunicação e evangelização estiveram separadas.

¹⁵ Sobre os autores citados, veja o Anexo 1.

Lendo as *Memórias do Oratório* é possível entrever que o processo de comunicação suscitado por Dom Bosco não tinha limites, envolvia tudo: pessoas, objetos, o espaço que os continha, do campo à cidade; aquele espetáculo de comunicação levava tempo, terminava por estender-se durante todo o dia, reclamando também a noite.¹⁶ Portanto, um envolvimento pleno, de toda a vida.

Dom Bosco tinha capacidades extraordinárias e gerava ao redor de si, em função da educação evangelizadora, um círculo sempre mais vasto de colaboradores com os quais partilhava os seus projetos. Interlocutor atento, sobretudo dos jovens e totalmente dedicado à sua formação, ele sabia conquistar com habilidade as pessoas para si.

A casa de Valdocco era uma instituição educativa aberta, numa interação dinâmica com o ambiente circunvizinho, com o qual estabelecia um intercâmbio contínuo não somente de informações, de valores, mas também de energias, de bens, de pessoas.

Também internamente, a comunidade de Valdocco se apresentava como uma grande família na qual as formalidades eram reduzidas ao mínimo. Cada um se sentia “em casa”, acolhido e tratado de modo personalizado, em um clima de confiança e de benevolência construtiva.

Na mentalidade de Dom Bosco e no seu estilo de convivência manifesta-se a convicção de que é indispensável encontrar as vias comunicativas mais eficazes, condescender o quanto for possível, com atitudes de flexibilidade e de abertura crítica. “Ganhar o coração”, “fazer-se amar e aceitar” são – em nível metodológico – as melhores estratégias para orientar o jovem no consenso sobre os valores.

Dom Bosco intui, desde o início da sua obra, não somente a exigência de encontrar as modalidades mais eficazes para interagir com os jovens, mas também a necessidade quase irrenunciável de gerar opinião na sociedade. Publica, por isso, uma série de obras de sólidos conteúdos formativos – *As Leituras católicas* – e, apenas é possível, edita o *Boletim Salesiano* para estabelecer com os seus colaboradores e benfeitores uma sistemática rede de intercâmbios recíprocos, tanto informativos quanto afetivos e econômicos.

Maria Domingas Mazzarello, mulher de relacionamento

Como em Dom Bosco, também em Maria Domingas Mazzarello, pedra angular do Instituto das FMA, descobrimos uma forte e acentuada necessidade de comunicação e uma rara habilidade para estabelecer autênticas relações. A sua capacidade de compreender pessoas e situações vem de uma consciente atitude de participação afetivo-emotiva que a torna intuitiva e perspicaz.¹⁷

16 Cfr. BONGIOVANNI, Marco. *Sacerdote Giovanni Bosco. Comunicatore educatore. Una personalità teatrale*. Roma: SDB, 1989, p. 9.

17 CAVAGLIÀ, Piera. *A comunicação educativa na tradição do Instituto das FMA, em Da mihi animas. Revista das Filhas de Maria Auxiliadora*, 4 (1995), p. 28-37.

A primeira comunidade de Mornese tinha a marca de um estilo familiar, simples e sereno. Isso favoreceu a criação de relações autênticas e predispôs as jovens à escuta e à simpatia. Cada educadora vivia uma relação de reciprocidade com as meninas, dando o melhor de si e de suas competências humanas e profissionais. A valorização do aporte de cada uma facilitava a convergência dos procedimentos educativos, que tendiam a favorecer a maturação das jovens como cristãs e cidadãs.¹⁸

Deve-se reconhecer, todavia, que, em comparação com o estilo comunicativo de Dom Bosco, se está em presença de uma rede de relações mais restrita, mas não menos intensa, profunda, atenta aos detalhes, que não descuida as menores nuances da vida. As condições nas quais surge o Instituto são diversas daquelas da Congregação Salesiana, fundada em uma cidade às portas do processo de industrialização. As primeiras FMA são mulheres do interior, crescidas em um contexto de “pequenos horizontes”. Entretanto, tal situação não bloqueia a possibilidade de desenvolvimento e de abertura a perspectivas educativas e missionárias mais amplas. A condição existencial de mulheres e de trabalhadoras rurais, fechadas em um mundo de comunicações circunscritas, provoca nelas desejos opostos de universalidade e de mobilidade.¹⁹

Maria Domingas não somente escreve e chega às Irmãs, mas deseja receber suas notícias. O *Epistolário* é atravessado por insistentes solicitações de correspondência. As cartas recebidas encurtam as distâncias e fortalecem a comunhão fraterna. Às irmãs de Villa Colón e de Las Piedras, na Argentina, escrevia:

É sempre motivo de prazer para mim, receber cartas das Irmãs das diversas casas, mas as cartas que recebo da América me fazem experimentar um certo não sei o quê, que não sei explicar; parece que o tempo e a distância, ao invés de diminuir, tenham aumentado o santo e verdadeiro afeto que eu tinha por cada uma de vocês. Imaginem quanto foi agradável, para mim, receber os afetuosos augúrios de vocês.²⁰

Em um olhar atento, o Instituto se apresenta no seu desenvolvimento como uma rede de relações sempre mais abrangentes, intensas, envolventes, com a finalidade não apenas de transmitir conteúdos, mas de instaurar uma série de vínculos, tendo em vista o alcance de objetivos educativos em perspectiva missionária. Sendo, pois uma realidade cujo fim é a educação cristã dos jovens, no curso da sua história, o Instituto não somente fez uso de instrumentos da comunicação, mas amadureceu pouco a pouco uma cultura comunicativa.

18 INSTITUTO FMA. *Para que tenham vida*. O. cit. n. 33.

19 CAVAGLIÀ, Piera. *A comunicação educativa na tradição do Instituto das FMA*, em *Da mihi animas*. O. cit. p. 28-37.

20 POSADA, María Esther; COSTA, Anna; CAVAGLIÀ, Piera [Eds.]. *La sapienza della vita. Lettere di Maria Domenica Mazzarello*. Roma: Istituto FMA, 2004, Lettera 40,1.

Aberturas comunicativas, ontem e hoje

O Instituto, ao longo da sua história, procurou formar mulheres capazes de inserir-se no ambiente público e de trabalhar nele com discernimento e audácia. É inegável que alguns instrumentos como o *Noticiário*,²¹ as revistas *União*,²² *Primavera mundo jovem*²³ e *Da mihi animas, (DMA)*²⁴ com características e modalidades diferentes, tenham ajudado a manter vivo o vínculo da comunhão através de uma informação de qualidade. Ainda hoje esses instrumentos contribuem para manter viva a atenção das FMA sobre a cultura em geral, particularmente a educativa, e sobre os fenômenos da comunicação – informação que influencia o cotidiano das novas gerações. Também significativa é a contribuição do *website*, criado como um espaço de comunicação e de interação para todo o Instituto.

Lendo atentamente o *Projeto Formativo*, percebemos duas dimensões da comunicação ali propostas: a comunicação receptiva através da leitura dos sinais e das mediações, e a comunicação ativa, na perspectiva da reciprocidade e do diálogo. Nele, encontramos até mesmo orientações de tipo comunicativo como a atenção e a promoção da comunicação intercultural e inter-religiosa, a abertura crítica e construtiva à globalização comunicativa e econômica.²⁵

Um papel de relevo, pelo seu caráter formativo, é reconhecido à revista *Da mihi animas* que, a partir de 1964, estimula as leitoras a adquirirem competências no âmbito da comunicação social, para orientar a ação educativa de modo construtivo e adequado aos tempos. A revista tem ajudado não só as FMAs a compreenderem a cultura, mas de fato, nos diferentes períodos históricos e com modalidades sempre mais convincentes e atualizadas, tem fornecido elementos necessários para elaborar uma cultura comunicativa.²⁶

21 Entre as várias propostas que chegaram à Casa-Mãe, por ocasião do cinquentenário de fundação do Instituto, estava a sugestão de iniciar um “folheto”, um noticiário que, juntamente com a circular mensal das superiores, difundisse em todas as casas as notícias mais significativas sobre a vitalidade das obras e do Instituto. A proposta verbalizava uma exigência bastante sentida, isto é, intensificar o contato e a comunicação entre uma Inspeção e outra, antes, entre um continente e outro, de modo a servir de estímulo e de encorajamento recíproco na missão comum educativa. Madre Caterina Daghero acolheu de boa vontade a proposta e, anexo à circular de 24 de dezembro de 1921, enviou o primeiro número desse modesto periódico.

22 O primeiro Congresso Internacional das ex-alunas, em 1920, deu início ao periódico *União*, que tinha por objetivo manter as ex-alunas unidas ao centro, através de artigos formativos e informativos.

23 A revista foi uma solicitação do Capítulo Geral XI para a formação das alunas das escolas secundárias. O primeiro número foi publicado no dia 31 de janeiro de 1950. A publicação em italiano encerrou-se com o número 20 de 2000. Atualmente existe uma edição em espanhol, publicada na Colômbia, que chega a diversas nações da América Latina.

24 DMA nasce como subsídio de apoio à ação educativa das FMA para um ambiente preciso: o oratório. O primeiro número foi publicado em 1952. No curso dos anos, a revista sofreu várias transformações, mas manteve sempre constante a sua característica formativa.

25 Cfr. INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. *Nos sulcos da aliança: Projeto formativo do Instituto das FMA*. Turim: Leumann; Elledici, 2000, p. 40-41.

26 Cfr. BORSI, Mara. *Un laboratorio di formazione: la rivista “Da Mihi Animas”. Profilo storico e modelli emergenti (1953-1996)*. Orizzonti 21. Roma: LAS, 2006.

Nestes últimos anos, DMA, de acordo com as solicitações dos Capítulos Gerais XX e XXI, favorece a reflexão sobre as novas tecnologias e sobre a *educomunicação*, como expressão da atenção à relação sempre mais estreita entre educação e comunicação como âmbitos da ação pastoral.

Na experiência das Filhas de Maria Auxiliadora, o estilo de relação *se enraíza no sentido cristão da vida e na visão globalmente otimista do ser humano. Nele, a abertura ao amor tem um lugar de destaque, porque Deus nos criou à sua imagem, no amor e por amor.*²⁷ *Dele deriva a arte de educar ao positivo através da síntese de educação, comunicação e evangelização própria do Sistema Preventivo. Este, enfim, conjuga «razão, religião e amorevolezza», princípios que indicam uma visão harmônica da pessoa dotada de razão, afetividade, vontade, abertura ao Transcendente. Neste sentido, o Sistema Preventivo é um exemplo de humanismo pedagógico cristão, onde a centralidade da fé está indissolivelmente unida à apreciação dos valores presentes na história.*²⁸

Percorrer os caminhos da educação preventiva, sobretudo hoje, significa dar atenção às exigências comunicativas das novas gerações, educá-las para o diálogo interpessoal, à abertura para o outro, no respeito à sua originalidade, à vida de grupo como laboratório de relações autênticas, à redescoberta da família, à partilha na comunidade de fé, ao uso positivo dos meios de comunicação social e das novas tecnologias, à valorização do teatro, da música e da arte.²⁹ Os fluxos, os espaços e os tempos da comunicação determinados pela invasão e contínua inovação das novas tecnologias requerem de nós, educadores, uma mudança de mentalidade não somente na perspectiva da fruição, mas, principalmente, na capacidade de partir da cultura midiática para propor e produzir conteúdos alternativos ao senso comum.

A nova fase da Internet, predominada pelo *social network*, no qual são os próprios usuários que produzem e colocam em rede os conteúdos, constitui um desafio e um recurso para educar, comunicar e inculturar a visão cristã da vida.

Aqui reside a chave para interpretar o tempo presente, acompanhar os jovens na experiência de vida pessoal e social, orientar as comunidades educativas para serem ecossistemas educacionais e expressão da síntese cultura-fé-vida. É no ser comunidade e no encontro recíproco, em todo e qualquer nível, que se promove o bem comum e o valor humano da justiça. A rede de relações, sempre mais vivida *on-line* no ciberespaço e *off-line* no sistema de comunicação integrado, torna-se não somente lugar de confronto, mas também de verdadeira e própria elaboração da cultura católica, em relação, sobretudo, à paz, à proteção do criado, à solidariedade e ao diálogo entre os povos e as religiões.³⁰

27 Cfr. INSTITUTO FMA. *Nos sulcos da aliança*. O. cit. p. 26.

28 INSTITUTO FMA. *Para que tenham vida*, n. 31.

29 Cfr. IDEM, *Ibidem*, n. 54.

30 Cfr. CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA. *Comunicazione e missione: Direttorio sulle comunicazioni sociali nella missione della Chiesa*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2004, n. 84.



3. Educação e comunicação: duas realidades de igual valor

Segundo o Relatório *McBride*,³¹ o rápido desenvolvimento da comunicação abre novos horizontes e multiplica os laços com a educação. Nesta ótica, a comunicação dotada de um valor educativo gera um “ambiente educativo”.

O confronto entre educação e comunicação deve ser, portanto, entendido no horizonte da reciprocidade. Percorrendo a história das últimas décadas, encontram-se elementos que têm assinalado e orientado o aprofundamento teórico do relacionamento existente entre comunicação e educação. Se tal pesquisa foi realizada especialmente em nível acadêmico, interessando docentes universitários, pedagogos e comunicadores, é possível identificar tais marcas também na história recente do Instituto, nas suas reflexões, nas suas práticas e nas suas ações em âmbito formativo e pastoral.

Uma relação que vai da autonomia à cooperação

Um primeiro período, que corresponde aos anos 70, é marcado pela total autonomia da comunicação e da educação. Os dois campos disciplinares estão predestinados a desenvolver papéis sociais diversos e, muitas vezes, até mesmo contraditórios entre si. Essa concepção determina a separação entre os cursos e os programas das Faculdades de Ciências da Educação e de Ciências da Comunicação Social, em nível acadêmico e, na prática, se traduz em uma distância e uma desconfiança recíproca entre quem educa e quem comunica.

Depois, nos anos 80, se passa a uma perspectiva de aliança estratégica, na qual a relação entre comunicação e educação acontece na linha de um recíproco intercâmbio de serviços: tentativas de colaboração aproximam os profissionais dos dois campos, em particular quando as mídias e as novas tecnologias ingressam no mundo da educação formal.

Os anos 90 dão início à reflexão sobre o surgimento de um novo campo disciplinar entre comunicação e educação: quase um “território comum”, no qual ambas as disciplinas são chamadas a interagir, visto que as duas se encontram inadequadas a enfrentar a complexidade e a mudança cultural.

A pesquisa de um novo campo requer que o terreno comum do diálogo se apresente aberto e interdisciplinar, empenhado em resolver a dicotomia entre educação e comunicação. Faz-se urgente, então, modificar o paradigma de interpretação: passar da “transmissão” à “mediação”, porque não se trata mais de “fazer passar uma mensagem”, mas de considerar em quais situações os conhecimentos são adquiridos.

O contexto atual, marcado pela complexidade e pela diversidade de canais de comunicação, é espaço aberto para a socialização e a aprendizagem individualizada.

31 COMMISSIONE INTERNAZIONALE DI STUDIO SUI PROBLEMI DELLA COMUNICAZIONE NEL MONDO, *Comunicazione e società oggi e domani: Il rapporto McBride sui problemi della comunicazione nel mondo*. Torino: Eri, 1982.

Realmente, enquanto as mídias de massa fortalecem o estar junto, as novas tecnologias da comunicação favorecem experiências de encontro pessoal. A Internet, nesse contexto, se coloca e se propõe como ambiente educativo, que pode facilitar tanto “o diálogo” como o “falar de si” da comunicação interpessoal.

As tecnologias da comunicação exercem grande pressão para que a *práxis* educativa seja redefinida, enquanto favorecem uma maior:

- independência da educação quanto ao compartilhar físico do espaço e do tempo (o “como” é mais importante do que o “onde” e o “quando” se comunica e se educa);
- circularidade e reciprocidade no processo educativo e comunicativo;
- ênfase no caráter de partilha e cooperação das experiências de aprendizagem, de formação, de participação.

Além disso, a globalização e a nova exigência de ética da comunicação interpellam o carisma educativo do Instituto. A mídia coloca em jogo os grandes valores que estão na base da democracia e da convivência entre os povos, como a defesa da diferença das culturas e o direito de acesso à comunicação dos países pobres e das pessoas desfavorecidas.

O imperativo ético se faz, portanto, urgente, tanto quanto a demanda de educação e apela a uma *infoética*, da qual Bento XVI falou recentemente, destacando como se torna *indispensável que as comunicações sociais defendam cuidadosamente a pessoa e respeitem plenamente a sua dignidade*.³²

Outras maneiras de pensar e falar da relação entre educação e comunicação

A importância de agir considerando a comunicação um recurso para a educação, a formação e a evangelização, reside na concreta possibilidade de buscar respostas à questão atual: como formar no contexto de um cenário profundamente transformado? A solução, ou as soluções serão certamente adequadas se consideradas duas perspectivas: a da *formação* e a da *relação* que as novas gerações estabelecem com os meios de comunicação.

Em relação à formação, na medida em que se elimina a barreira entre a educação e a comunicação, abre-se um âmbito totalmente inédito para os próprios educadores e comunicadores, no qual é possível conciliar linguagens, modalidades comunicativas e educativas jamais pensadas anteriormente. A respeito da relação jovens-mídia, é justamente na *screen generation* (geração digital) que se identifica o motor da mudança no estilo e na prática de comunicar, amplamente aberta e disponível a “entrar em rede”, a socializar, a envolver-se na participação e na cidadania.

³² Mensagem de Bento XVI para o 42º Dia Mundial das Comunicações Sociais 2008, sobre o tema *Os meios de comunicação social: na encruzilhada entre protagonismo e serviço*: buscar a verdade para compartilhá-la.

Em torno dessa reflexão acerca do confronto entre comunicação e educação, foram desenvolvidos diferentes subsídios teóricos. A teoria mais conhecida e difundida em nível internacional é a *Media Education*. Trata-se de uma atividade educativa cuja finalidade é desenvolver nos jovens uma informação e compreensão crítica a respeito da natureza e das categorias das mídias, as técnicas por elas empregadas para construir mensagens e produzir sentido, os gêneros e as linguagens específicas.

Hoje, com a difusão maciça das novas tecnologias se fala de *New Media Education* que tem como objetivo “atualizar” e desenvolver um aporte educativo e crítico específico às novas mídias. Ao lado da *New Media Education* surge a *Digital Literacy*. Esta perspectiva destaca a importância de educar à percepção e seleção crítica das informações, exercitar e assumir uma particular autonomia e competência para tornar-se sujeito da fruição e não somente consumidor de novas mídias.

Uma posterior contribuição educativa à comunicação é a *Medienpädagogik*, difundida principalmente nos países de língua germânica. Como a *Media Education*, esta se traduz como educação para os meios, didática dos meios, informação sobre os meios/alfabetização em mídia, pesquisa sobre os meios de comunicação.

Enfim, a *Proposta multidimensional* focaliza como é importante, em uma sociedade cada vez mais consumidora do virtual, refundar as práticas comunicativas, partindo da relação e da experiência com as origens corpóreas, manuais, dos sinais e das mensagens. As linguagens expressivas garantem a multiplicidade, a complexidade e o entrelaçamento da comunicação, qualidades sem as quais o papel de «atores sociais» das crianças/adolescentes/jovens aconteceria de modo anônimo e sem identidade.³³

Educar e comunicar para construir comunidade

Podemos nos perguntar: *por que educar à comunicação num tempo justamente denominado tempo da comunicação?* Madre Antonia Colombo confirma a urgência de formar-se e formar para a comunicação autêntica, para viver relações profundas e verdadeiras entre nós e com os jovens, para construir comunidades educativas capazes de anunciar e testemunhar a vida plena e abundante à qual nos convoca a Boa Notícia do Evangelho.³⁴

As *Linhas Orientadoras da Missão Educativa* destacam a importância da comunidade educativa para uma eficaz educação, para dar respostas concretas às perguntas e às necessidades das novas gerações, em um contexto sempre mais globalizado e intercultural: *Nela se busca a convergência e a continuidade de intervenções educativas de modo a envolver os jovens, as educadoras, os educadores e os pais no projeto de educação cristã segundo o estilo do carisma salesiano.*³⁵

33 Para uma visão mais ampla sobre as teorias indicadas, cfr. o Anexo 2.

34 COLOMBO, Antonia. *Carta circular*, n. 887.

35 INSTITUTO FMA. *Para que tenham vida*. O. cit. n. 58.

Cuidar da comunicação significa colocar as bases para viver concretamente a reciprocidade nas relações entre religiosas e leigos, no relacionamento educativo, na interação entre gerações. Comunicação e comunidade, como termos, remetem-se um ao outro no sentido de ser *em* e *para* o outro. Também hoje, um “desejo de comunidade” perpassa a sociedade globalizada e se exprime na centralidade da comunicação. Na realidade, apesar das transformações antigas e recentes dos instrumentos, das modalidades e das formas, hoje – como ontem – comunicar significa “fazer comunidade”, e a existência de uma comunidade (*off-line* ou *on-line*) implica sempre a construção de laços que se fundamentam sobre os sentimentos, as emoções, a solidariedade, o conhecimento e os interesses comuns. Construir comunidade hoje é uma resposta ao nomadismo, à vida errante que nos conduz à mobilidade, tanto humana quanto tecnológica, a qual todos assistimos, experimentamos e vivemos.

Diante do risco de “comunidades educativas ausentes”, porque anônimas e indiferentes à vida que existe em torno de si, a comunicação é a via educativa para devolver a todos igual dignidade e voz, essência e protagonismo. Parece ser esta a missão daqueles que assumem, nas condições mutantes da modernidade, a difícil tarefa de educar.

4. Passos de um caminho

O Âmbito da Comunicação Social (CS), constituído por decisão do Capítulo Geral XIX (1990), entre as suas prioridades, tem gradualmente consolidado a reflexão sobre a inter-relação comunicação-educação como campo de diálogo, como abertura a um conhecimento crítico e criativo, cuja meta final é a cidadania evangélica.³⁶

O primeiro e determinante estímulo para iniciar tal reflexão surgiu durante um grande congresso internacional, realizado em Lima (Peru), em 1997, para o qual foram convocadas as Faculdades de Comunicação Social da América Latina. Entre os mais de mil participantes provenientes também dos Estados

2019-2020

Comunica Responsabilmente

La Comunicazione è sociale.

Corruzione, collusione, condanne, volgarità, risse, privilegi, prepotenze, bugie.

Crediamo che la comunicazione politica possa ancora essere espressione di valori fondanti il bene comune. Luogo di partecipazione democratica. Confronto leale e pacifico.

FSC
Fondazione
Consiglio della
Comunicazione sociale

La Comunicazione educa.
L'Educazione comunica.

Università Pontificia Salesiana - Piazza Ateneo Salesiano, 1 - 00139 Roma
Informazioni e contatti: <http://fsc.unisal.it> fsc@unisal.it

Cartaz da Università Pontificia Salesiana-Roma

³⁶ Para conhecer e aprofundar a contribuição do Âmbito da CS, cfr. os primeiros três fascículos da coleção *Il Gong*: *Mulheres em rede: Um estilo de vida na era da comunicação* (Gong 1, 1994); *Uma antena voltada para o mundo* (Gong 2, 1995); *Para uma comunicação de qualidade* (Gong 3, 1998).

Unidos, do Canadá e da Europa, estavam presentes aproximadamente vinte FMA, entre as quais dois membros do Âmbito da Comunicação Social, de Roma. Nesta assembléia descobriu-se o sentido da palavra *educomunicação*, um tanto nova para muitos países, mas que, na América Latina, já havia determinado uma *práxis* consolidada no campo pedagógico.

Em 1998, em algumas reuniões continentais, além de definir com maior clareza a identidade da Coordenadora Inspetorial de Comunicação Social, o Âmbito deu início e incentivou a pesquisa sobre uma possível correspondência e integração entre comunicação e educação. Os encontros foram realizados em Paris, para a Europa; em Nova Dé-lhi, para a Ásia; em Abidjan, para a África; e em San José da Costa Rica para a América.

A reflexão foi gradualmente se articulando e sendo aprofundada e encontrou um adequado *feedback* fora do ambiente salesiano. Em São Paulo (Brasil), em maio de 1998, aconteceu o 1º Congresso Internacional sobre “Comunicação- Educação”, que contou com a participação de aproximadamente mil estudiosos, vindos de 35 países dos cinco continentes. Estavam presentes também algumas FMA, entre as quais uma representante do Âmbito Internacional CS, que pôde focalizar ainda mais o nexu indispensável que existe entre comunicação e educação para enfrentar os desafios da mudança cultural no contexto da globalização.

Percebeu-se como urgente uma correta educação à comunicação para formar cidadãos e cidadãs não mais da “aldeia global”, mas do “arquipélago global”, ou seja, abertos às culturas do mundo, à solidariedade crítica e à paz.

Desse modo, tomou corpo a perspectiva de um estudo aprofundado e sistemático sobre a relação comunicação-educação-cidadania, a partir de uma ética comunicativa baseada no Evangelho. O que motivou o processo foi a constatação de que a comunicação determina uma nova cultura que muda a vida, e que essa realidade nos interpela enquanto pessoas consagradas e educadoras, inseridas em comunidades que trabalham em favor da promoção e evangelização dos jovens.

Para atualizar o carisma

A pesquisa realizada pelas coordenadoras de CS da América contribuiu, em grande parte, para uma primeira sistematização dessa nova orientação do Âmbito da CS. Através da equipe de coordenação – Ecosam (Equipe de Comunicação Social da América), teve início em 2000 a elaboração de um plano continental de *educomunicação*, deduzido da análise de 53 projetos concretos de educação-comunicação-cidadania, já em andamento em várias comunidades do continente. Chegou-se, assim, a focalizar um novo campo de integração e de síntese entre comunicação e educação, que culminou na elaboração de uma *Proposta de educomunicação para a Família Salesiana* (2002).

Com a intenção de integrar as reflexões da Ecosam e da Comissão Escola Salesiana na América sobre a qualidade educativa da escola e da formação profissional, durante o encontro continental de Cumbayá 2 (maio de 2001), a *educomunicação*

foi um dos temas tratados pelos participantes. Entre as políticas a serem assumidas e postas em prática nos anos sucessivos pela Escola Salesiana na América estava, portanto, incluída a educomunicação.

O Âmbito da CS, depois de ter acompanhado a evolução do percurso, assumiu esse novo paradigma cultural, considerando-o uma expressão atual e pertinente para inculturar hoje o Sistema Preventivo, e deu início a uma série de encontros para oferecer a todo o Instituto um primeiro contato com o argumento. O processo de sensibilização foi conduzido junto com o Âmbito da Pastoral Juvenil, com o qual foi iniciado um percurso de colaboração coordenada, unitária e convergente.

O Capítulo Geral XXI (2002), entre os percursos estabelecidos para o sexênio 2003-2008, escolheu a educomunicação como “ótica e prática educativa transversal à missão e à atualização do carisma”³⁷

Na programação do sexênio, dentro da terceira linha de ação, no segundo ponto se lê:

Favorecer o processo de conhecimento e assimilação da educomunicação e animar as comunidades inspetoriais a exprimi-la nos percursos educativos como via de atualização do Sistema Preventivo através:

- *do apoio à formação contínua das coordenadoras de Comunicação Social, favorecendo-lhes a capacidade de serem comunicadoras nas realidades inspetoriais e locais.*
- *da promoção de caminhos de reflexão sobre a educomunicação entre as coordenadoras de pastoral e de comunicação social.*
- *da valorização e fortalecimento de experiências de educação à fé dos jovens, no novo areópago da comunicação*”³⁸

Desde 2002 até hoje, foram realizadas várias iniciativas para partilhar em todo o Instituto uma leitura atenta e crítica dos conteúdos da *Proposta de Educomunicação para a Família Salesiana*, elaborada pela Ecosam, tendo presentes os vários e diferentes contextos culturais nos quais trabalhamos. Foram feitos, inclusive, caminhos para ampliar a referida *Proposta* e integrar elementos ulteriores.

O Âmbito da CS no sexênio 2003 – 2008, em coerência com a natureza da *educomunicação*, incrementou o confronto e a colaboração com o Âmbito da Pastoral Juvenil (PJ), com o objetivo de iniciar uma reflexão conjunta e envolver o Instituto

37 Cfr. INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. “Na renovada aliança, o empenho de uma cidadania ativa”. In: *Atos do Capítulo Geral XXI*. Roma: Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, 2002, 38.

38 ISTITUTO FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE. *Programmazione sessennio 2003-2008*. Roma: Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice, 2003, p. 16.

nesta mesma linha. Por esse motivo, foram programados e realizados durante o sexênio encontros continentais ou nacionais que permitiram atingir – em dois momentos distintos – as coordenadoras de CS e PJ, ou responsáveis das respectivas comissões, de todas as inspetorias do mundo. O trabalho conjunto possibilitou verificar a importância de levar em frente o processo em colaboração também com o Âmbito da Formação e, no futuro, com os outros âmbitos.

Para responder ao apelo do Capítulo, decidiu-se promover em todo o Instituto um conhecimento global e contextual da *educomunicação*. Nos seminários de Espiritualidade de Comunhão (2004), que envolveram as FMA de todo o mundo através da inspetora e de algumas representantes de cada Inspetoria, foi dedicado à *educomunicação* um espaço consistente, em uma das oficinas previstas.³⁹

O percurso realizado favoreceu um crescimento no conhecimento e na sensibilidade em relação a esse novo caminho do Instituto, campo de ulterior pesquisa e reflexão. Trata-se, com efeito, de chegar a uma compreensão mais clara e exaustiva, tanto para uma releitura do Sistema Preventivo quanto para a sua aplicação no concreto da nossa missão educativa.

A inclusão dessa atenção no recente texto *Linhas orientadoras da missão educativa das FMA* é mais um passo significativo para passar progressivamente do conhecimento à vida.⁴⁰

5. Experiência de um processo de educomunicação

Dada a natureza da educomunicação, os âmbitos da PJ e CS decidiram refletir e trabalhar juntos em vista de uma animação adequada, como resposta aos atuais desafios da missão educativa e aos apelos de espiritualidade de comunhão.

A experiência nos ajudou a melhorar a capacidade de refletir, projetar, agir em conjunto e nos permitiu promover e propor o mesmo estilo de trabalho às inspetorias nos encontros continentais com as coordenadoras. Por isso, no curso do sexênio foram organizados dois seminários em cada continente. O que nos conduziu nessa experiência foi:

- A **busca**, porque ninguém tinha certezas pré-fabricadas, respostas prontas para a reflexão e a partilha;
- A **escuta**, como respeito ao ponto de vista do outro e às diferentes realidades;
- A **consciência** de aprender uns com os outros;
- A **paciência e a constância** para olhar o futuro com esperança.

39 As outras oficinas do *Seminário de Espiritualidade de Comunhão* (2004) eram: Acompanhamento-discernimento, Evangelização, Interculturalidade.

40 Cfr. INSTITUTO FMA. *Para que tenham vida*. O. cit. n. 55-57.

A experiência reforçou a convicção de que pensar e projetar juntos está na base de um processo eficaz. A motivação e o horizonte que nos sustentou e entusiasmou foi a missão entre os jovens. O questionamento que constantemente nos orientou foi: “Como viver a paixão educativa para acompanhar as novas gerações ao encontro com Cristo Jesus?”.

Seminários continentais

Educação, comunicação, evangelização foi o título dos seminários continentais ou interinspetoriais. A partir dessa opção, pretendeu-se compreender a lógica interna da educomunicação e realizar, por conseguinte, um processo de confronto e partilha comum entre os âmbitos CS e PJ para assumir percursos de educomunicação.⁴¹

Os objetivos específicos dos seminários foram:

- *Avaliar* a coordenação inspetorial existente entre Pastoral Juvenil e Comunicação Social.
- *Aprofundar* a relação entre educação-comunicação-evangelização.
- *Identificar* os critérios de qualidade dos ambientes educativos em função de uma mais explícita evangelização dos jovens no seu contexto.
- *Incentivar* processos inspetoriais a partir das experiências realizadas, para contextualizar a proposta de educomunicação.

- *Aprofundar* as áreas da proposta de *educomunicação*, relacionando-as com as *Linhas orientadoras da missão educativa das FMA* (nos seminários realizados depois da publicação do documento).
- *Elaborar* um itinerário concreto de ação comum entre PJ e CS, considerando as áreas da *educomunicação* que foram aprofundadas.

O estudo detalhado de algumas áreas da *educomunicação* permitiu a interação fecunda entre processos educativos, comunicativos e de evangelização, com respeito à integralidade da realidade humana. Foram consideradas, portanto, as perspectivas pedagógicas sugeridas pelo próprio documento das *Linhas*.⁴²

Refletir em conjunto sobre as áreas significou abrir-nos a horizontes novos no campo pastoral. Os jovens são influenciados, no seu modo de pensar e de agir, pela atual situação de crise e a sofrem de modo particular em relação à proposta cristã. A fé é vi-

41 Cfr. INSTITUTO FMA. *Para que tenham vida*. O. cit. n. 38.

42 Cfr. INSTITUTO FMA. *Para que tenham vida*. O. cit. n. 42.

vida por vezes como uma experiência que se esgota na solidariedade e com dificuldade de se abrir à transcendência; vivem a fé como uma experiência emocional e espiritual que desconsidera a dimensão racional e é concebida como um momento separado da vida. A proposta da comunidade cristã aos jovens não consegue ser incisiva.

Esse processo é bem mais complexo em contextos plurirreligiosos e pluriculturais, ou fortemente secularizados.

Constantes que afloraram

No decorrer dos seminários, destacou-se como o aprofundamento, o conhecimento e a partilha da proposta de educomunicação, tanto como conteúdo quanto como método, precisam ser fortalecidos e ter continuidade, sobretudo para poder inculturá-la nos diversos contextos, na ótica do Sistema Preventivo. Nessa linha, deve ser considerada também a necessidade, que emergiu em muitas inspetorias, de qualificar a comunicação interpessoal de todos os membros da comunidade educativa. É urgente formar-se a uma mentalidade de educomunicação entre FMA, leigos, jovens. Em todos os seminários foi destacado como a educomunicação é um processo transversal, que requer a formação em todos os níveis, para programar, sistematizar, integrar, educar e evangelizar, para entrar na cultura midiática, incidir nela, tornar-se capaz de fruição crítica e de produção alternativa. A educomunicação se encarna na cultura na qual se atua, e deve ser aprofundada para alimentar o pensamento compartilhado, um caminho de experimentação no local e para ser capaz de interagir com um mundo que tem competências muito elevadas. A finalidade é preparar-se para reler continuamente a cultura juvenil, buscando sempre novas respostas que mantenham viva a nossa significatividade carismática.

A reflexão levou as participantes a deterem-se sobre algumas constantes que são, ao mesmo tempo, condições para fazer educomunicação. São elas:

A formação. Veio à tona, especialmente nos primeiros seminários, o quanto a formação é indispensável para qualificar a presença educativa e o testemunho evangélico. Isto nos estimulou a envolver o Âmbito da Formação na elaboração deste *Gong*. Evidencia-se particularmente a urgência de formação em todos os níveis; a oportunidade de inserir a reflexão sobre a educomunicação na formação inicial e o cuidado para que todos os membros da comunidade educativa recebam formação à educomunicação.

A Comunidade educativa. É condição fundamental para articular caminhos de educomunicação. Isso requer um trabalho qualificado e co-responsável, em conjunto com os leigos. A *comunidade educativa* é um laboratório permanente de educomunicação, empenhada na formação para a comunicação como estilo de vida, no educar-se e educar no cotidiano, em sair dos próprios esquemas culturais, viver na realidade dos jovens para conhecer as suas linguagens e levar o Evangelho até eles. Nela, há espaço para cuidar da dimensão relacional, acolhe-se o desafio da diversidade, tem-se um olhar atento ao ambiente cultural, promove-se uma pedagogia do

ambiente, assim como é indicado pelo *Projeto formativo* e pelas *Linhas orientadoras da missão educativa das FMA*.

A coordenação. As participantes dos vários encontros destacaram a importância de refletir sobre o modelo de coordenação, a fim de reforçar o que já existe e completar possíveis lacunas. Várias foram as sugestões práticas para poder exercer um estilo de coordenação coerente com a proposta de educomunicação: formar grupos de reflexão entre comissões de Pastoral Juvenil e Comunicação Social nos diversos níveis – local, inspetorial, interinspetorial –; promover a partilha dos recursos em nível inspetorial e interinspetorial. Isso para chegar a uma convergência nas propostas educativas, conduzindo e acompanhando os processos.

Dos seminários emergiu também a riqueza das diversas culturas e contextos. Tal realidade destacou alguns *elementos específicos*. Onde há uma presença forte de outras religiões e culturas, enfatizou-se como a proposta de educomunicação pode acompanhar o diálogo inter-religioso e intercultural. Em algumas nações, onde a globalização está gerando uma homologiação cultural, destacou-se como, através das diversas áreas da educomunicação, é possível recuperar o valor da própria cultura e reforçá-la.

Desafios e perspectivas

Sabemos que na lógica dos processos, cada meta atingida é somente o ponto inicial de um caminho sucessivo. Nesse sentido, propomos alguns desafios que são também perspectivas para o caminho futuro, tanto em nível inspetorial quanto interinspetorial.

O **desafio da sinergia e da convergência dos processos** na ótica da missão comum. A estratégia da coordenação requer mudança de mentalidade, empenho constante, feito de pequenos passos, envolvimento de todos os membros da comunidade inspetorial e da comunidade educativa. Exige proceder em interação, trabalhar como âmbitos para fortalecer relações interpessoais humanizantes. A sinergia se torna eficaz na medida em que os processos são partilhados também com o Conselho Inspetorial, realizados e acompanhados em nível local.

O **desafio da mentalidade processual** e não apenas mentalidade de ação. Proceder nessa linha pressupõe uma sequência de passos pensados e organizados gradualmente e de acordo com as pessoas, em contínuo devir. Isso implica flexibilidade e capacidade de entrar na lógica dos tempos longos, respeitando as fases de desenvolvimento das pessoas e em interação crítica com as realidades interculturais e inter-religiosas. A mentalidade de processo ratifica a elaboração do *projeto* e a busca de *estratégias* para transformar a realidade segundo os critérios evangélicos.

O **desafio do diálogo com a cultura.** A cultura contemporânea nos interpela e nos pede para sermos abertos ao mundo dos jovens e aceitar mudar com eles. Desse modo, é importante primar pelo *diálogo com a cultura e em particular com as culturas juvenis*. É necessário discernir tudo aquilo que pode ser interpretado em chave

pastoral. Essa é uma atitude de fundo e um aspecto específico do Sistema Preventivo que considera a educação um processo que assume na integralidade a realidade humana e a globalidade da pessoa. É um desafio que oferece oportunidade de incidir de modo preventivo sobre a vida dos jovens.

O **desafio da evangelização**. Educar sua fé, hoje, significa partir da convicção da necessária integração do processo educativo na atual cultura comunicativa, na qual fé-cultura-vida são chamadas a interagirem. A condição para que o valor da fé se apresente como fermento no contexto cultural é que ela ressoe como comunicação existencial. Ao anunciar Jesus, deseja-se dar testemunho do seu valor para o ser humano e para a própria sociedade e não impor uma religião. Educar os jovens numa sólida fé cristã permite tecer um diálogo com os membros de outras religiões. Isso se faz necessário em todos os países, mas especialmente nos contextos multiculturais e multireligiosos.

O **desafio de estar com os jovens**. Fortalecer o clima de família, as relações de *amorevolezza* e cuidar, em particular, da pedagogia do ambiente, que valoriza os recursos de toda a comunidade educativa, projetada para ser lugar de esperança para os jovens. Fortalecer, hoje, o acompanhamento dos jovens dentro dos ambientes educativos constitui uma experiência importante no cultivo da fé.

O **desafio de uma formação adequada e permanente**, de toda a comunidade educativa, à comunicação. Os atuais avanços da comunicação configuram a humanidade como um conjunto/pluralidade de pessoas/sujeitos capazes de ser não somente consumidores, mas produtores de linguagens, de arte, de idéias, de significados, de valores e de cultura. Surgem, portanto, de modo novo e urgente, tanto a questão ética acerca da comunicação e das tecnologias comunicativas, quanto o compromisso sociopolítico com a qualificação humana da comunicação: não se trata somente do uso das tecnologias, mas também dos conteúdos, dos valores, das ideias que qualificam ou alienam a vida de todos e de cada um.

O caminho de educação-comunicação-evangelização, assim como aflorou nos diversos seminários, lança como perspectiva melhorar *a interação entre a educação formal e a não-formal*. Isso significa iniciar e reforçar processos de educomunicação em todos os níveis, favorecer a colaboração e o apoio recíproco entre escola/formação profissional, centros juvenis, oratórios, catequese, casas-família, instituições para meninos e meninas de rua, migrantes. Isso supõe um percurso de co-responsabilidade entre FMA e leigos, além de abertura a uma formação conjunta.

6. Elementos para projetar caminhos concretos

Neste ponto, parece-nos importante recordar alguns elementos necessários para projetar caminhos concretos de educomunicação.

Para uma *práxis* educativa eficaz e para favorecer, gerar ecossistemas comunicativos, característicos da educomunicação, é necessário ativar processos⁴³ que, através

de passos graduais e intencionais, consintam às comunidades educativas afirmarem-se como espaços de produção e difusão de significados sociais inspirados no Evangelho. Desse modo, as comunidades educativas se apresentam como laboratórios de cidadania, de responsabilidade civil e de autênticas relações vividas à luz da espiritualidade de comunhão.

Hoje, um grande desafio consiste em transformar cada ambiente em um ecossistema comunicativo, que considere experiências culturais heterogêneas e as novas tecnologias da informação e da comunicação. A forte presença da tecnologia na cultura atual está gerando novas visões de mundo, de pessoa, de sociedade que interpelam a educação e motivam a mudança do agir educativo. O contexto atual exige a interação entre instituições de comunicação e de educação.

Na visão salesiana, entendemos que ecossistema comunicativo é o ambiente educativo, o clima de família, o trabalho em equipe. Cada obra nossa pode considerar-se um ecossistema no qual a comunidade educativa, todos os ambientes educativos, as estruturas físicas, são elementos constitutivos essenciais e alimentam o clima que facilita o processo educativo. O oratório, a escola, os centros de acolhida estão inseridos, ademais, em um ambiente educativo mais amplo. Nele, há um conjunto de relações, de ações e de condições que se complementam mutuamente, envolvendo todos em uma grande força comunicativa capaz de influenciar as instituições, os educadores, os jovens, tanto nos conteúdos quanto nas metodologias educativas. Cada ecossistema está inserido, portanto, em um *macrossistema mais amplo*, no qual é importante estar presente para, de certo modo, dialogar com a cultura, com as suas manifestações e fenômenos, para compreendê-los e ajudar educadores e educandos a caminharem com segurança através do intrincado tecido sociocultural no qual vivem.⁴⁴

Iniciar processos educacionais é uma tarefa de toda a comunidade educativa, que requer acompanhamento e avaliação, com a consciência de que a aprendizagem contínua exige saber aprender a partir da experiência. Os processos educacionais não são isolados, mas *fazem parte de um plano ou de um projeto* e são chamados a *favorecer a convergência* das intervenções.

É importante questionar-nos sobre aquilo que comunicamos enquanto educadores, o que comunicam os nossos ambientes, quais modalidades comunicativas são colocadas em prática: os processos, na realidade, respondem às necessidades identificadas mediante *uma análise contextualizada da situação*, conduzida de modo participativo. Tais processos promovem nas pessoas e nas comunidades educativas

43 Os processos são movimentos vitais das pessoas e das comunidades [...]. A ideia de processo implica uma sequência de passos pensada e organizada de forma gradual e capaz de andar de acordo com a pessoa em contínuo devir. Por isso, trata-se de agir em planos articulados e diferentes, numa lógica de tempos longos, respeitosos das fases de desenvolvimento, do dinamismo do crescimento humano e em interação crítica com a realidade sociocultural». Instituto FMA. *Para que tenham vida. O. cit.* 102.

44 Cfr. EQUIPE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, *Proposta de educação*, 59-62.

qualidade comunicativa, criatividade, análise crítica da cultura. São colocados em prática para **reforçar o ecossistema comunicativo**, tanto internamente quanto nas relações externas, e exigem um trabalho de sistematização comunidade educativa uma maior consciência dos apelos da sociedade, para responder a eles adequadamente.

Os processos educomunicativos têm por objetivo a aquisição de uma **nova visão da comunicação**: mediação educativa, produção simbólica, prática comunicativa, e necessitam de coordenação para desenvolver-se e orientar a ação educativa e seus desafios. Devido à sua natureza, exigem um **acompanhamento específico**, para que neles se efetue o modelo participativo da educação, típico da *educomunicação*.

Aspectos essenciais

O **modelo participativo** de construção da realidade educativa está na base da *educomunicação*: é um estilo vital e inato no carisma salesiano, dado a nós pelos Fundadores. Ele requer qualidade nas interações entre os componentes do ecossistema (pessoas externas, FMAs, SDBs, leigos, jovens; estruturas físicas, os diversos ambientes educativos que compõem a obra) e avaliação para verificar a convergência em relação aos objetivos comuns compartilhados.

É importante, portanto, colocar em prática ações específicas relativas às *áreas da educomunicação* que se considera oportuno desenvolver, com base nos recursos e nas exigências da obra, coordenando as intervenções. No texto, foram apresentadas quatro áreas: educação para a comunicação, mediação tecnológica, expressão e arte, comunicação para a cidadania.

Isso implica educar-se e educar para a comunicação em todas as suas tipologias: interpessoal, intrapessoal, de grupo, institucional, de massa, social, com a finalidade de melhorar o nível da **qualidade comunicativa** de todos os membros da comunidade educativa e valorizar ao máximo, assim, os aspectos comunicativos do Sistema Preventivo.

Privilegiar a **transparência**, a liberdade de expressão, para que todos tenham voz, é condição indispensável para a formação de ecossistemas comunicativos abertos, criativos e democráticos, nos quais cada pessoa possa ser ela mesma e exprimir-se de modo autêntico e responsabilmente livre. É necessário favorecer **a interação com as novas tecnologias** para fortalecer os processos de conhecimento, desenvolver o espírito crítico, elaborar estratégias de pesquisa, confrontar-se com a multiplicidade de abordagens culturais, criar habilidades expressivas diferenciadas, aprender a aprender junto, na consciência de que todos somos sujeitos ativos e interlocutores.⁴⁵

Uma atenção exigida, de modo particular, é a de ampliar a capacidade de expressão de todos os membros da comunidade educativa, especialmente dos jovens, para favorecer-lhes o protagonismo.

45 Cfr. OLIVEIRA, Ismar Soares de. "Educomunicazione". In: LEVER, et al. *La comunicazione. Il dizionario di scienze e tecniche*. Roma: Elledici; Rai Eri; LAS, 2002, 419.

Nos ambientes educativos em que trabalhamos é essencial, sobretudo, *investir na formação* para a capacitação de educadores eficazes, que saibam animar e coordenar processos.

Os processos requerem uma avaliação pontual como base dos processos sucessivos, fundamento da continuidade educativa.

Conclusão

Entrar em relação com os jovens, conhecer e compreender o seu modo de pensar, viver, relacionar-se, divertir-se, estudar, rezar: é o sonho de todo educador salesiano, sobretudo neste tempo “marcado pela comunicação”.

Uma grande convicção que motiva o nosso crer e trabalhar pelos jovens, é a “predileção” por eles que nos impulsiona a olhá-los com confiança e amar o que eles amam, exprimi-lo com os sinais, dizê-lo com gestos e palavras.

Num tempo em que os referentes simbólicos e culturais oscilam continuamente, é necessário repensar o nosso modo de ser e de estar com os jovens, o nosso modo de anunciar o Evangelho como Boa Notícia para que “tenham vida e vida em abundância”.

Na *educomunicação* vemos um caminho que, como comunidade educativa, podemos percorrer na missão educativa entre os jovens, em um contínuo processo de formação, com mentalidade de mudança, num estilo flexível e fiel ao carisma.

Comunicação e educação no pensamento de alguns autores

Célestin Freinet

Pedagogo francês que, nos anos 1920, colocou em discussão o modelo de ensino baseado na memória e na repetição mecânica. No seu tempo, a imprensa teve uma difusão maciça. Freinet decidiu servir-se da produção de um jornal, para o processo ensino/aprendizagem. Tratava-se de uma inovação em termos de estratégia pedagógica, que envolvia e entusiasmava os estudantes, justamente pelo empenho e a realização imediata do empreendimento. Um século depois, as suas anotações, escritas quando ele era apenas um jovem e humilde professor de uma pequena cidade no sul da França, continuam mostrando um caminho para a educomunicação “avant la lettre”: *A tipografia na escola – escreveu – tem um fundamento psicológico e pedagógico: a expressão e a vida dos alunos. Escrever um jornal é uma atividade bem diferente do que preencher um caderno individual, porque não existe expressão sem interlocutores. Como na escola tradicional a escrita é destinada a ser vista e corrigida somente pelo professor, pelo fato de ser um “dever”, não pode ser um meio de expressão. Segundo Freinet, a criança que descobre a vitalidade do seu trabalho, que pode envolver-se em uma atividade não somente escolar, mas também social e humana, sente libertar-se interiormente uma necessidade quase imperiosa de fazer, pesquisar e criar. Os estudantes assim motivados demonstram um rendimento maior, tanto quantitativo como qualitativo.*

Esse era o seu projeto, o seu “fundamento psicológico e pedagógico”. O meio pode ser este ou aquele, porém, a exigência continua sempre a mesma: para que usar os meios, para o monólogo – mesmo sendo mais atraente e espetacular, mais rico de imagens e de cor –, ou para a participação e o diálogo? para continuar crescendo como estudantes silenciosos ou para formar educandos falantes? para aumentar o número de receptores ou para suscitar e fortalecer novos emissores?

Paulo Freire

Pedagogo brasileiro, conhecido mundialmente. O seu pensamento se define em torno da visão humanística cristã da pedagogia. A existência da pessoa se dá so-

mente no diálogo, na comunicação. Ele critica a concepção “bancária” da educação, que se fecha ao encontro, à criatividade e à consciência, enquanto que a educação libertadora problematiza e desmitifica a realidade.

Freire rompe com a dicotomia educador/educando: em sua perspectiva inovadora, o educador não é somente aquele que educa, mas é contemporaneamente educando, enquanto estabelece o diálogo através do qual se realiza o processo educativo em plenitude. Desse modo, ninguém educa ninguém; só há educação quando ambos o fazem em comunhão.

O homem é um ser de relação, não está simplesmente “no mundo”, mas “com o mundo”. A comunicação é uma modalidade dialógica de interação dentro da própria ação educativa. O diálogo é o encontro amoroso das pessoas que, num mundo midiático, o pronunciam, transformam-no e, transformando-o, o humanizam. Para esse tipo de educador não é possível compreender o pensamento sem a sua dupla função: cognitiva e comunicativa.

Os princípios da pedagogia de Paulo Freire são as palavras articuladas do pensamento crítico e a pedagogia da pergunta. É questionando que a palavra cria espaço de comunicação e as palavras geradoras restabelecem o tecido social da linguagem.

Mario Kaplún

Pesquisador e professor de origem argentino-uruguaia, ele sustenta que a comunicação educativa existe para oferecer à educação métodos e processos e para estimular a competência comunicativa do educando. Não se trata de educar usando os instrumentos de comunicação, mas fazer de modo que a comunicação se torne a coluna vertebral dos processos educativos: educar para a comunicação. A educomunicação, neste caso, é vista como relação dentro de um projeto pedagógico mais amplo.

Segundo Kaplún, existem dois modos para compreender e assumir a educação-comunicação: o verticalismo-unidirecional, que considera o educando como objeto de um processo no qual se aprende **de outros** e **com** os outros. Assim sendo, a tendência quase inconsciente é não valorizar a expressão pessoal dos educandos e não considerar as instâncias de auto-expressão e de interação indispensáveis a cada processo pedagógico.

O segundo modelo educativo, ao contrário, coloca a participação ativa do educando na base do processo de ensino/ aprendizagem, e o considera sujeito da educação, num processo ativo de aprendizagem que se expressa na contínua construção e recriação do saber. Desde o início, Kaplún colocou em discussão o modelo de comunicação unidirecional, privilegiado pelos meios de comunicação de massa. Não o fez teoricamente, mas gerando processos que, justamente a partir dos meios, capacitavam o destinatário até transformá-lo em emissor. Num segundo momento, introduziu o uso do termo “emirec” – do neologismo francês “*éméréc*” (de *émetteur et récepteur*), introduzido por Jean Cloutier – para reforçar posteriormente a sua con-

visão de que todas as pessoas possuem em si condições e competências suficientes para tornarem-se emissores e receptores simultaneamente.

No final de sua vida de educador e de comunicador demonstrou sua afinidade com as correntes construtivistas e, mais concretamente, com Jean Piaget e o seu conceito de aprendizagem como processo autônomo de descoberta pessoal; com Jerome Bruner, psicopedagogo norte-americano que, inspirado em Piaget, promoveu a ideia de aprendizagem como processo que se constrói mediante a exploração e a *práxis*; e com o psicólogo e linguista russo Lev Vygotsky, que introduziu o conceito de aprendizagem como processo social, no qual o sujeito aprende interagindo com os outros.

Kaplún afirmava que a comunicação educativa abraça certamente o campo das mídias, mas ela é, sobretudo, o tipo de comunicação presente dentro de um processo educativo. Este supõe que a comunicação seja compreendida não somente como instrumento midiático e tecnológico, mas como um componente pedagógico. Na comunicação educativa, assim entendida, convergem a leitura da pedagogia a partir da comunicação e a leitura da comunicação do ponto de vista da pedagogia.

Ismar de Oliveira Soares

Pesquisador e comunicador brasileiro, Ismar é o estudioso que tem orientado e acompanhado as FMA da América na definição da educomunicação, caminho que desembocou na publicação da *Proposta de educomunicação*. Para reforçar a ideia de que todo processo educativo e comunicativo acontece dentro de um contexto de relações, ele introduz o conceito de ecossistema comunicativo.

O conceito de “ecossistema” é desenvolvido pela Biologia e se refere tanto às relações de interdependência entre os seres vivos, quanto ao fato de que os ecossistemas maiores podem incluir ecossistemas menores. Para além da metáfora, todas as agências (instituições) educativas estão inseridas num ambiente educativo mais amplo, que lhes é superior e do qual fazem parte. Esse macrossistema comunicativo é constituído por um conjunto de relações, ações, condições e forças que interagem reciprocamente, envolvendo todos em uma grande força comunicativa que exerce influência sobre as instituições, sobre os interlocutores, os conteúdos, as metodologias, as relações.

Soares define *ecossistema comunicativo*, mais especificamente, como um sistema de comunicação que *designa a organização do ambiente, a disponibilidade dos recursos, as modalidades das pessoas envolvidas e do conjunto de ações que caracterizam um determinado tipo de ação comunicativa*.

Quando se fala em ecossistema de comunicação, está se fazendo referência ao sistema de situações, condições e ações que intervém no processo educativo.

Portanto, falar de ecossistema comunicativo não é referir-se apenas às novas tecnologias ou aos meios de comunicação social, mas ao conjunto de linguagens, representações e narrações que influenciam a vida cotidiana.

Algumas perspectivas teóricas sobre a inter-relação educação-comunicação

A Media Education

A corrente de estudo mais conhecida e difundida internacionalmente sobre a inter-relação entre mídia e educação é a *Media Education*. A ela aderiram pesquisadores, educadores, profissionais da mídia, especialmente nos países anglófonos (tanto do Oriente quando do Ocidente), que têm confrontado a realidade “nova” das mídias com aquela “antiga” da educação. Procurou-se compreender “a partir de dentro” o mundo da mídia e integrar a sua cultura com a cultura da escola, da família e da tradição local.

A *Media Education* é uma atividade educativa e didática, cuja finalidade é desenvolver nos jovens a informação e compreensão crítica acerca da natureza e das categorias das mídias, as técnicas utilizadas por elas para construir mensagens e produzir sentido, os gêneros e as linguagens específicas.

O objetivo da *Media Education* não é somente defender-se dos efeitos negativos dos meios mas sim, oferecer uma competência midiática e uma capacidade de gerir o processo comunicativo de modo que os jovens (inclusive crianças e adolescentes) saibam confrontar-se criticamente e construtivamente com o universo das mídias, aprendendo a criar, de modo autônomo, novas formas de expressão e de comunicação.

O âmbito prático no qual se concretiza é a escola, onde se explicita em:

- educação **com** os meios, considerados como instrumentos a serem usados nos processos educativos e formativos;
- educação **para os** meios, isto é, a compreensão crítica da mídia considerada não somente como instrumento, mas como linguagem e cultura;
- educação **pelos** meios, que compreende essencialmente a formação dos profissionais.⁴⁶

46 Cfr. LEVER, Franco (Ed.) et al. *La comunicazione: Il dizionario di scienze e tecniche*. Roma: Elledici; Rai Eri; LAS, 2002.

Foi Len Masterman, pesquisador britânico, que identificou esta área de estudo que precede o contato com cada uma das mídias. Também no nosso Instituto, por muitos anos, fez-se educação para o cinema, para a leitura de jornais, para a compreensão da linguagem televisiva e radiofônica, a análise das mensagens publicitárias. A novidade da contribuição deste teórico é a identificação da chave para interpretar a força das mídias, ou seja, a sua capacidade de representação. A partir daí é possível “ensinar” os meios de comunicação social articulando os conteúdos para responder a questões, como: Quem comunica e por quê? Como foi produzida a comunicação? Como podemos conhecer o seu significado? Quais interesses estão em jogo? Como a realidade é representada?

A difusão atualmente maciça das novas tecnologias lança um desafio novo para a educação em mídias. A *Media Education* é chamada a “atualizar” e desenvolver uma contribuição educativa e crítica específica às novas mídias. Fala-se, portanto, da *New Media Education*.

Internet, celular, *iPod*, *YouTube*, *MySpace*, *blog*, *videogames*... a paixão educativa pede que observemos do ponto de vista educativo estas “práticas” de comunicação, sobretudo, juvenis (mas também já identificadas entre os pequenos da educação básica).

As novas tecnologias estão determinando uma passagem: do consumo no próprio quarto (*bedroom culture*) à *poker culture*, a cultura de bolso, visto que o mundo das conexões e das práticas foge ao controle do adulto e as *new media* (novas mídias) caminham conosco. No “campo de batalha” da formação nos é pedido para educar para um *consumo compartilhado*, criar situações onde o seu uso seja o mais possível social, para evitar o isolamento do jovem no seu mundo privado.

Outro tema da *Media Education*, discutido pelas novas mídias, é a leitura crítica. Tradicionalmente, educar para as mídias sempre significou criar condições para que o jovem desenvolvesse competências de leitura inteligente e consciente, para educá-lo na autonomia e preservá-lo da dependência das mídias.

Porém, as novas mídias e, em particular, os celulares com câmera, junto com a difusão dos *blogs* e dos serviços de *social network* (como *YouTube*), fazem dar um salto em frente, em relação às possibilidades de criticar os meios de comunicação, visto que os jovens tornam-se autores e não somente consumidores. Na realidade, hoje é simples demais “rodar” um vídeo, e também publicá-lo na Rede. O problema é, então, educar para a responsabilidade, com tudo o que isso comporta em relação à ética da representação.

A *New Media Education*, entendida como educação nas novas mídias, deve focar uma educação cultural, visto que as transformações trazidas pelas novas tecnologias estão modificando profundamente os cenários culturais, construídos com a colaboração das novas gerações: pela socialização horizontal, porque se anula o passado, se perde o futuro e se enfatiza o presente; pela superabundância de canais de comu-

nicação; pelo consumo a conta-gotas e simultâneo; porque os meios são parte da sua vida, canais normais através dos quais passa a sua comunicação, tecida por suas práticas cotidianas.

Outro dado é a necessidade de repensar radicalmente a formação inicial e a ação dos professores, porque com uma cultura da mídia, como aquela que se vislumbra hoje, é impossível pensar um só aspecto da atividade didática e educativa que não tenha nenhuma relação com a mídia.

Outra vertente contemporânea, próxima da *New Media Education*, é a *Digital Literacy*, da qual David Buckingham é um dos expoentes mais qualificados. Este autor se preocupa, enquanto professor e educador, principalmente com a desigualdade eletrônica que está se criando entre gerações: entre crianças e jovens, de um lado, e adultos do outro; na realidade, enquanto os primeiros parecem sentir-se confortáveis na fruição e no consumo das novas tecnologias, os adultos ainda estão em processo de “alfabetização”. O uso do computador para crianças e jovens significa essencialmente horas e horas de prática diária, de interação com os videogames e de navegação na Internet. Tudo isso comporta uma série de processos de aprendizagem informal, no qual as crianças, de modo autônomo e não imposto de fora, fazem experiências de auto-aprendizagem em relação às novas mídias.

A contribuição de Buckingham, dirigida particularmente aos professores, faz contudo algumas solicitações também a nós, educadores. Ele considera, na verdade, que a escola (para nós, todo e qualquer ambiente educativo) deveria inserir-se precisamente no atual contexto sociocultural, como lugar de convite à reflexão sobre os conhecimentos que as crianças e jovens adquirem de modo autônomo e, muitas vezes, acrítico.

A *Digital Literacy*, em termos de educomunicação, se aproxima muito da área da “mediação tecnológica” porque, se a aprendizagem das novas mídias acontece sem um ensino explícito, ou melhor, com a exploração ativa, o aprender fazendo, o aprendizado em vez da instrução, é importante educar para a percepção e seleção crítica das informações, habilitar e assumir uma certa autonomia e competência para tornar-se partícipe da fruição e não somente consumidor das novas mídias.

A Medienpädagogik

Esta abordagem educativa da comunicação se desenvolveu nos países de língua germânica, sobretudo nas últimas décadas. A abordagem reconhece a escola como preponderante para a atuação das suas práticas reflexivas e ativas, mas dá relevo também a outros âmbitos de formação, como o mundo do trabalho e da família. Como a *Media Education*, esta se explicita em:

47 CANGIÀ, Caterina, *Educare alla comunicazione interpersonale, ambientale, mediata di massa e manuale-espressiva*. In: «Orientamenti Pedagogici» (2002) 3, 405-420; *La formazione alla comunicazione*. In: «Orientamenti Pedagogici» 53 (2006) 1, 21-35; *Educare alla comunicazione i 'digitali nati'*. Roma: Multidea.

- Educação para os meios (*Medienerziehung*), que promove uma iniciação às mídias, concentrando-se, principalmente numa educação crítica dos instrumentos e das linguagens comunicativas.
- Didática dos meios (*Mediendidaktik*), que se ocupa com as funções, os efeitos e o desempenho dos meios no âmbito do ensino e da aprendizagem.
- Informação sobre / alfabetização nas mídias (*Medienkunde*) é a transmissão de conhecimentos acerca dos meios e de competências técnicas básicas. Esta encontra lugar não somente na formação escolar, mas também, sempre mais, na formação dos adultos e em âmbitos do trabalho juvenil.
- Pesquisa sobre os meios (*Medienforschung*), que compreende todas as reflexões das ciências da formação acerca da análise e da investigação referentes às questões da educação, da formação, do desenvolvimento, da aprendizagem e do crescimento midiático de todas as faixas etárias.

A proposta multidimensional

A teorização que conceitua a educação para a comunicação como um conjunto de “quatro eixos” que se desenvolvem num horizonte muito mais amplo foi identificada por Caterina Cangì,⁴⁷ FMA, docente de Novas Tecnologias na Universidade Pontifícia Salesiana de Roma e Diretora de “La Bottega d’Europa”, uma escola de comunicação para crianças e jovens. Às crianças/adolescentes/jovens da sociedade digital e aos seus formadores, é urgentemente solicitada uma forte competência na comunicação. O uso generalizado da informática e da telemática, a exigência de sensibilização intercultural e ambiental, a proposta de gerir a linguagem audiovisual, a necessidade de instaurar relações interpessoais radicadas na comunicação empática e a exigência, expressa ainda timidamente, de retornar a um diálogo com a natureza e com as coisas, colocam a educação à comunicação como compromisso imprescindível que deve ser desmembrado em quatro eixos:

- o eixo da comunicação interpessoal (consigo, ou comunicação intrapessoal serena e madura em cada estágio evolutivo; com os outros, ou comunicação interpessoal empática; com o Outro – Transcendente ou comunicação-diálogo, que vai da oração pessoal à celebração da liturgia);
- o eixo da comunicação com o ambiente (educação ambiental; educação pluricultural e plurilinguística; educação à cidadania ativa);
- o eixo da comunicação de massa mediada, em relação às velhas mídias (imprensa escrita, rádio, televisão e cinema) e em relação às novas mídias *off-line* e *on-line* (uso da multimídia interativa e da Rede, nos seus componentes de fruição e de produção);
- o eixo da comunicação com as coisas (atividades manuais; música; dança educativa; esporte; expressão artística/pictórica; teatro).

A teorização de Caterina Cangì, que recebe contínuo *feedback* do ambiente educativo de “La Bottega d’Europa”, destaca como, em uma sociedade que caminha cada vez mais para o consumo virtual, é necessário refundar as práticas comunicativas, partindo do relacionamento e da experiência com as origens corpóreas, manuais, dos sinais e das mensagens. As linguagens expressivas garantem a multiplicidade, a complexidade e o entrelaçar-se da comunicação, qualidades sem as quais o papel de «atores sociais» das crianças/adolescentes/jovens aconteceria de modo anônimo e sem identidade.

Os fundamentos antropológico-filosóficos da teorização são de matriz personalista, com um fundo de existencialismo cristão e dão grande abertura às recentes abordagens das neurociências, em particular às descobertas sobre os neurônios-espeelho. A ênfase na reciprocidade, que permite «reconhecer-se» como um dom recebido a ser restituído ao longo da vida, que favorece a dinâmica dialógica da pessoa, o seu crescer com e para os outros, na abertura à comunidade e em vivência humana continuamente renovada por novas presenças, é o contorno de toda a reflexão e prática do educar à comunicação como realidade multidimensional.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. *Educación en materia de comunicación*. Unesco, 1984.
- BONGIOVANNI Marco. *Sacerdote Giovanni Bosco. Comunicatore educatore. Una personalità teatrale*. Roma: SDB, 1989.
- BORSI, Mara. *Un laboratorio di formazione: la rivista "Da Mihi Animas". Profilo storico e modelli emergenti (1953- 1996)*. Orizzonti 21. Roma: LAS, 2006.
- CANGIÀ, Caterina. "Educare alla comunicazione interpersonale, ambientale, mediata di massa e manuale-espressiva". In: *Orientamenti Pedagogici* 49 (2002) 3, 405-420.
- _____. "La formazione alla comunicazione". In: *Orientamenti Pedagogici* 53 (2006) 1, 21-35.
- CAVAGLIÀ, Piera. "A comunicação educativa na tradição do Instituto das FMA". In: *Da Mihi Animas. Revista das Filhas de Maria Auxiliadora*, 4 (1995) 28-37.
- COLOMBO, Antonia. *Lettera circolare*, n. 887, 24-9-2007.
- COMMISSIONE INTERNAZIONALE DI STUDIO SUI PROBLEMI DELLA COMUNICAZIONE NEL MONDO. *Comunicazione e società oggi e domani: Il rapporto MacBride sui problemi della comunicazione nel mondo*. Torino: ERI, 1982.
- CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA. *Comunicazione e missione: Direttorio sulle comunicazioni sociali nella missione della Chiesa*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2004.
- DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL FMA. *Mulheres em rede (Gong 1)*. Roma: Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, 1994.
- EQUIPE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA NA AMÉRICA. *Proposta de Educomunicação para a Família Salesiana*. Caracas: Publicações Monfort, 2002.
- FUCECCHI, Antonio; NANNI, Antonio. *Generazione Y*. In: *CEM Mondialità* 39 (2008) 2, 17-29.
- INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. *Nos sulcos da aliança: projeto formativo do Instituto das FMA*. Turim: Leumann; Elledici, 2000.
- _____. "Na renovada aliança, o empenho de uma cidadania ativa". In: *Atos do Capítulo Geral XXI*. Roma: Instituto FMA, 2002.
- _____. *Programmazione sessennio 2003-2008*. Roma: Istituto FMA, 2003.
- _____. *Para que tenham vida e vida em abundância: linhas orientadoras da missão das FMA*. Turim: Leumann; Elledici, 2005.
- LEVER, Franco; RIVOLTELLA, Pier Cesare; ZANACCHI, Adriano (Eds.). *La comunicazione: Il dizionario di scienze e tecniche*. Roma: Elledici; Rai Eri; LAS, 2002.
- POSADA, María Esther; COSTA, Anna; CAVAGLIÀ, Piera (Eds.). *La sapienza della vita: Lettere di Maria Domenica Mazzarello*. Roma: Istituto FMA, 2004.
- OLIVEIRA, Ismar Soares de. *From Media Education to Educommunication. Symposium on Media Education Experiences from the World*. Roma: novembre, 2003.
- _____. *Intervista: L'Educomunicazione*. In: < www.net-one.org >.
- _____. *Educomunicazione*. In: LEVER, Franco et. al. *La comunicazione: Il dizionario di scienze e tecniche*. Roma: Elledici; Rai; Eri; LAS, 2002.

TEXTOS DE APROFUNDAMENTO

- BAACKE, Dieter. *Medienpädagogik*. Niemeyer: Tübingen, 1997.
- BACCEGA, M. Aparecida (Org.). *Metodologias da educação para comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina: gestão de processos comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002.
- BAUMAN, Zygmund. *La solitudine del cittadino globale*. Milano: Feltrinelli, 2000.
- _____. *Una nuova condizione umana*. Milano: Vita e Pensiero, 2004.
- BOSCOM-India (Ed.). *Shepherds for an information age*. Mumbai: Taej-Pasarini, 2000.
- BRETON, Philippe. *L'utopie de la communication*. Paris: Éditions La Découverte, 1995.
- _____. *L'utopia della comunicazione: Il mito del "villaggio planetario"*. Torino: Utet, 2000.
- BUBER, Martin. *Il principio dialogico ed altri saggi*. Cinisello Balsamo (MI). San Paolo, 1993.
- BUCKINGHAM, David. *Watching media learning*. London: The Falmer Press, 1990.
- CALVANI, Antonio. *Educazione, comunicazione e nuovi media: Sfide pedagogiche e cyberspazio*. Torino: Utet, 2001.
- DELORS, Jacques. et al. *Nell'educazione un tesoro. Rapporto all'Unesco della Commissione Internazionale sull'Educazione per il Ventunesimo Secolo*. Roma: Armando Editore, 1998.
- ECOSAM – Equipe de Comunicação Social do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. *Proposta de Educomunicação para a Família Salesiana*. São Paulo: Salesiana, 2001.
- FERRI, Paolo. *Teoria e tecniche dei nuovi media*. Milano: Guerini e Associati, 2002.
- GONNET, Jacques. *Educazione, formazione e media*. Roma: Armando Editore, 2001.
- GRECO, Giovannella. *ComEducazione: conversazioni su comunicazione e educazione*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2003.
- KAPLÚN, Mario. *A la educación por la comunicación: la práctica de la comunicación educativa*. Quito: Ediciones Ciespal, 2001.
- KUBEY, Robert. *Media literacy in the information age: Current perspectives*. London: Transactions Publishers, 1997.
- LEVER, Franco; RIVOLTELLA, Pier Cesare; ZANACCHI, Adriano (Eds.). *La comunicazione. Il dizionario di scienze e tecniche*. Roma: Elledici; Rai Eri; LAS, 2002.
- LOBO, Francis. *Communication in Human Relationships*. New Delhi: Media House, 2005.
- MARCHESINI, R. *Post-human: Verso nuovi modelli di esistenza*. Torino: Bollati Boringhieri, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *La educación desde la comunicación*. Argentina: Norma Enciclopedia Latinoamericana de sociocultura y comunicación, 2002.
- MASTERMAN, Len. *La scuola di media: Educazione, media e democrazia nell'Europa degli anni '90*. Brescia: La Scuola, 1997.
- _____. *Teaching the media*. London: Routledge, 1990.
- MENDUNI, Enrico. *Educare alla multimedialità: La scuola di fronte alla televisione e ai media*. Firenze: Giunti, 2000.

MORCELLINI, Mario; PIZZALEO, Antonella Giulia. *Net sociology: Interazioni tra scienze sociali Internet*. Milano: Guerini e Associati, 2002.

NEWBOLD, Chris; BOYD-BARRETT, Oliver; VAN DEN BULCK, Hilde (Eds.) *The Media Book*. London: Arnold Publishers, 2002.

OROZCO, Guillermo. "Televisión audiencias y educación". In: *Enciclopedia Latinoamericana de sociocultura y comunicación*. Colombia: Norma, 2001.

PRIETO, Daniel. *La comunicación en la educación*. Buenos Aires: Ciccus La Crujía, 1999.

RIVOLTELLA, Pier Cesare; MARAZZI, Chiara. *Professione Media Educator*. Roma: Carocci, 2001.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. *Media Education: Modelli, esperienze, profilo professionale*. Roma: Carocci, 2001.

_____. *Teoria della comunicazione*. Brescia: La Scuola, 1998.

SCHAUN, Angela. *Educomunicação: reflexões e princípios*. Rio de Janeiro: Mauad; Fapesb; Fapex, 2002.

_____. *Práticas educacionais: Araketu, Ile Aiye, Olodum e Pracatum*. Rio de Janeiro: Mauad; Fapesb; Fapex, 2002.

OLIVEIRA, Ismar Soares de. "Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil dos profissionais". *Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação*, Jan-mar – 1999. In: < www.rbc.org.br/educom/intercom/educom_emergencia_do_campo.pdf>.

_____. "Educomunicação: a consolidação de um conceito, em dezoito anos de trabalho". In: *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo: ECA/USP, v. 2, p. 7-12, 2007.

_____. "Educação à distância como prática educacional: emoção e envolvimento na formação continuada de professores da rede pública". In: *Revista da USP*. São Paulo, v. 55, n. set/nov, p. 56-69, 2002.

_____. "La Comunicación/Educación como nuevo campo de conocimiento". In: VALDERAMA, Carlos; AAVV. *Comunicación – Educación Coordinadas, abordajes y travesías*. Bogotá: Universidad Central, 2000, 27-47.

_____. "Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da educação". In: *Comunicação & Educação* (SP). São Paulo, v. 23, n. jan/abr, p. 16-25, 2002.

SRAMPICKAL, Jacob. *Communication and Media in India Today*. New Delhi: Manohar Publishers, 1994.

SRAMPICKAL, Jacob; BUTHELHO, Jude; KANCHARLA, Ray (Eds.). *Media Education in India: Emerging Trends and Perspective*. New Delhi: Niscort Publication, 1997.

SRAMPICKAL, Jacob. *Voice to the Voiceless: the Power of People's Theatre in India*. New Delhi: Manohar Publishers, 1994.

TYNER, Kathleen. *Literacy in a digital world*. London: L. Erlbaum, 1998.

3ª PARTE

NAS PEGADAS DOS FUNDADORES



BI – RSE

Este capítulo final é de autoria de Ir. Maria Helena Moreira, da Ecosam, e Prof. Gleuso Damasceno Duarte, editor da Rede Salesiana de Escolas.





1. O CAMPO DE TRABALHO... REAL E VIRTUAL

...Vi a seu lado uma senhora de aspecto majestoso, vestida com um manto todo resplandecente como o Sol. [...] Eis o teu campo! Aqui é que deves trabalhar.

Um olhar atento, ainda que rápido sobre o cotidiano das pessoas comuns é suficiente para a comprovação empírica da importância da comunicação e das modernas tecnologias informáticas no mundo em que vivemos. Com um pouco mais de atenção, percebe-se que se trata de um mundo profundamente marcado pela incessante inovação e pelo aprimoramento crescente das mídias e outros recursos comunicacionais à disposição da humanidade globalizada.

Também não é difícil encontrar abundante literatura especializada para corroborar a evidência empírica, agregando à força dos fatos, a credibilidade racional da demonstração teórica.

Ao invadir todos os campos do saber e da atividade humana, as novas tecnologias desenham um mundo fluido, multifacetado, convergente e divergente, real e virtual, espaço de configuração de incontáveis cenários, cada um dos quais requer habilidades e competências para lidar com a complexidade de suas múltiplas variáveis, em permanente mudança.

Em síntese, todo o mundo à nossa volta vive um processo de ininterrupta, profunda e acelerada transformação, processo que a cada dia torna mais atual a analogia do filósofo grego: *Panta rei ós potamós* (παντα ρει όσ ποταμός = Tudo flui como um rio.).¹

Nesse contexto mutante, questionamentos cruciais afloram à consciência:

- Como viver, divertir-se, trabalhar, num mundo em que as mudanças acontecem com velocidade tão vertiginosa?
- Como participar dessa nova interlocução, cada vez mais interativa, que se desenvolve em contextos plurais, com inúmeros falares tribais, aspirantes utópicos ao *status* de idiomas correntes do mundo globalizado?
- Como educar as gerações atuais de modo que, na avalanche de novidades e

¹ Heráclito de Éfeso, filósofo grego, que viveu nos séculos VI e V a.C. Como outros pré-socráticos, considerava a matéria (Physis) em permanente processo de transformação, o fundamento de todo o universo, cuja aparência é múltipla, mutável e transitória.

modismos tecnológicos que povoam o ciberespaço, não deixem soçobrar as verdades e valores permanentes que dão sentido ao mundo e à vida?

– Como preparar os educadores das gerações futuras de modo que possam responder satisfatoriamente às exigências éticas e profissionais que deverão confrontar?

Essas e numerosas outras indagações vêm nos instigar a novos posicionamentos, rupturas conceituais, buscas cotidianas de novas posturas, empenho em repensar o próprio papel e a própria atuação na sociedade modelada pela cultura midiática.

Como elemento essencial desse cenário, a educação precisa buscar re-ordenamentos, ousar desmontagens, reconstruir trajetórias, transformar-se em uma *práxis* que proponha novos sentidos e novas esperanças. Goste-se ou não, o fenômeno que se impõe ao mundo atual é evidente: a educação transformou-se em espaço a ser permanentemente ressignificado.

O ponto de partida para enfrentar essa tarefa é a tomada de consciência do processo de transformação vivido pela humanidade em nossos dias, num mundo globalizado. Para começar, observe-se como atua o motor principal dessas mudanças:

Nas últimas três décadas, nas tecnologias da informação e da comunicação ocorreram pelo menos catorze quebras de paradigmas. Vivemos um período em que o mundo muda: de analógico para digital; de físico para virtual; de átomos para bits; de serviços fixos para móveis; de comunicação com fio para wireless; de equipamentos de uso coletivo para personalizados; de aparelhos dedicados a multifuncionais; de comunicação em banda estreita para banda larga; de baixa para alta velocidade de transmissão; de estatais para privatizados; de monopólio para competição; de protocolos fechados para abertos; de unidirecionais para interativos; de comunicação de circuitos para a de pacotes. Como administrar tantas mudanças e tantos desafios?²

E mais:

Graças à digitalização e à compressão dos dados, todo e qualquer tipo de signo pode ser recebido, estocado, tratado e difundido via computador. Aliada à telecomunicação, a informática permite que esses dados cruzem oceanos, continentes, hemisférios, conectando numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso, potencialmente qualquer ser humano no globo. Tendo na multimídia seu suporte

2 SIQUEIRA, Ethevaldo. *Para compreender o mundo digital*. São Paulo: Globo, 2008, p. 191.

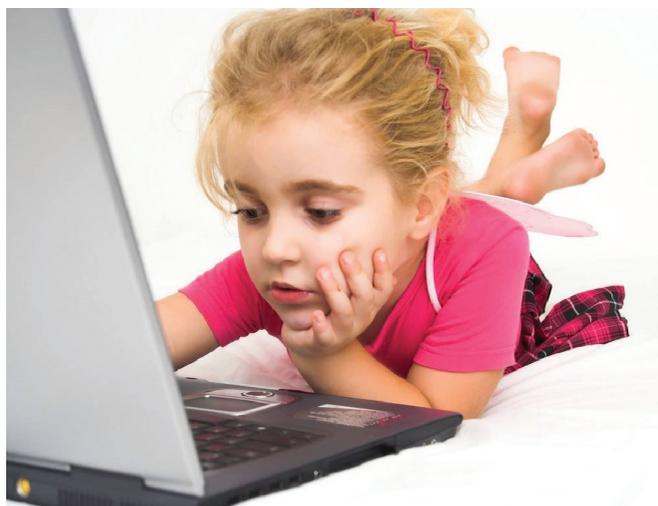
*e na hipermídia sua linguagem, esses signos de todos os signos estão disponíveis ao mais leve dos toques, no clique de um mouse. Nasce daqui um novo leitor, um leitor imersivo. [...] Um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, um roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo, etc.*³

Consequência inevitável: diante desse processo de transformação, os educadores só têm uma opção: enfrentar os múltiplos desafios gerados pela existência do ciberespaço, no qual se insere cada vez mais a humanidade, e pelo qual transitam as gerações mais jovens, os nativos desse mundo novo, envolto na incerteza.

Na escola em que nós educadores fomos formados, solidamente sustentada por famílias, instituições e governos, pontificava inquestionável a autoridade do professor: *Magister dixit!* O mestre falou, não se discute. As verdades estavam estabelecidas: bastava aprendê-las, como parte de um saber construído, do qual o mestre era o detentor, no feudo de sua especialização. As metodologias, caminhos para o ensino e o aprendizado, estavam definidas: bastava segui-las para reproduzir os resultados esperados...

Por excelente que fosse, – o que ocorria em casos não muito comuns –, esse tipo de escola há muito deixou de ser o padrão mais adequado para a formação dessas gerações que, desde a infância, manipulando teclados, *mouses touch screens* perambulam pelo ciberespaço. Nele, enquanto mesclam vidas reais com fantasias e vidas virtuais, tecem redes de informações, constroem conhecimentos, difundem

ideias e padrões comportamentais totalmente alheios, quando não opostos à formação que, com a melhor das intenções, suas famílias, governos e instituições insistem em lhes proporcionar, seguindo os moldes consagrados de outrora.



<www.zoriftsoc.wordpress.com>

³ SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 31-33.

Urge, portanto, reinventar tudo: a escola, a educação, os conteúdos e sua dosagem, as metodologias. Urge redefinir os papéis de educando e de educador, inclusive de pais e tutores ou responsáveis. Numa palavra, é preciso recriar a escola.

A propósito, vale recordar o alerta de *Ciro Marcondes Filho*:

*Será que estamos sentindo as verdadeiras dimensões da invasão silenciosa desse mundo e dessas idéias? Até que ponto nossos equipamentos sociais, políticos, éticos têm respostas ou questionamentos para isso?*⁴

2. Conciliando a terminologia

Antes de prosseguir, convém indicar o sentido que se dá aqui à palavra *ciberespaço*, termo recorrente ao longo desta obra, citado, mas não discutido em tópicos anteriores.

Como ponto de partida, vale lembrar sua origem. A palavra foi criada por *William Gibson*, em 1984, e usada na novela *Neuromancer*, uma trilogia em que o autor, com sua típica visão pessimista, explorava temas que pareciam então puro exercício de futurologia utópica, tais como *inteligência artificial, realidade virtual, engenharia genética, uso de próteses "robóticas" em humanos, megacorporações*, etc.⁵

De lá para cá, o termo ganhou o mundo com significados diversos e passou a ser usado indiscriminadamente, até mesmo reduzido a simples sinônimo de Internet, como se fosse válido equiparar o ciberespaço à *World Wide Web (www)*.

Lúcia Leão, num estudo recente, analisa os principais significados do termo e afirma:

O que se percebe diante dessa profusão de significados e abordagens é que o ciberespaço não pode ser compreendido num só ângulo. [...] Eu diria que, numa primeira análise, o ciberespaço é um mundo virtual formado por uma base de dados matemáticos que se apresentam aos nossos sentidos como espaços interativos hipermidiáticos e interconectados. O ciberespaço é explorável e visualizável em tempo real. [...]

[Conforme a autora, nele podem ser destacados três níveis:]

4 FILHO, *Ciro Marcondes. Superciber, a civilização místico-tecnológica do século 21: sobrevivência e ações estratégicas*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 5.

5 A tradução brasileira foi lançada em 1991, com o mesmo título, pela Editora Aleph, de São Paulo que, em 2009, lançou edição comemorativa dos 25 anos da obra, lembrando que ela, "de muitos modos, ajudou a definir o mundo em que vivemos."

No primeiro nível temos as máquinas interligadas por redes, criando um sistema complexo e dinâmico. Num segundo grau, as pessoas (indivíduos), os grupos e as instituições que alimentam e fornecem dados a essa rede de equipamentos, criando uma rede híbrida e indissociável. O terceiro nível se forma na interação homem-máquina. Só nessa interface é que se configura o ciberespaço, compreendido como um mundo virtual a ser visitado.

[Concluindo,] o ciberespaço engloba: as redes de computadores interligadas no planeta (incluindo seus documentos, programas e dados); as pessoas, os grupos e as instituições que participam dessa interconectividade; e, finalmente, o espaço (virtual, social, informacional, cultural e comunitário) que se desdobra das inter-relações homem-máquina.⁶

3. Uma civilização em gestação

Páginas incontáveis já foram e são atualmente escritas, tentando divisar o panorama que se redesenha a cada instante para a humanidade, em consequência dos avanços e inovações tecnológicas.

Tarefa hercúlea, que se revela incompleta, apenas se tenha digitado o ponto final no novo artigo, tese, notícia ou mensagem de *blog*, *tweeter*, *facebook* ou sabe-se lá de qual nova ferramenta usada para mais uma incursão no ciberespaço. Ali, seguramente, a comunicação será recebida, ou melhor, compartilhada com comunidades e grupos, desses que se formam diariamente aos milhares, com as mais diversificadas finalidades. O exemplo seguinte basta para fornecer uma pista da imensa gama de possibilidades transformadoras que estão configurando uma nova civilização, no e através do ciberespaço. Uma realidade que desestabiliza, desde a base, o modo tradicional de construir e disseminar conhecimentos, de encarar e fazer educação.

No final da década de 1990, um adolescente norte-americano, Blake Ross, com apenas 14 anos, usava a conta familiar no provedor America Online, para consertar *bugs* para o Mozilla Group, a equipe de programadores responsável pela manutenção do código original do navegador Netscape. Em 2002, desiludido com o excesso de funções do programa, Ross decidiu, em parceria com Dave Hyatt, desenvolver um browser simplificado, rápido, fácil de usar, de código aberto e, portanto, de uso livre (*software free*). Era o início do Firefox. No ano seguinte, quando Ross se tornou estudante em tempo integral, outro estudante, o neozelandez Ben Goodger (nascido em Londres, diga-se de passagem), então com 24 anos, assumiu o comando do projeto. Em 2004, foi lançado o Firefox 1.0. Até seu primeiro aniversário (novembro de

⁶ LEAO, Lúcia. "Muito além do entretenimento e do espetáculo: projetos radicais na cibercultura". In: CARAMELLA, Elaine et al. (Orgs.) *Mídias: multiplicação e convergências*. São Paulo: Senac, 2009, p. 587-600. Lúcia Leão é professora do programa de pós-graduação em tecnologias da inteligência e design digital na PUC-SP.

2005), o novo *browser* conquistou aproximadamente 10% do mercado em sua categoria, na maioria usuários migrados do Microsoft Internet Explorer.

O mais extraordinário dessa história, como destaca Thomas Friedman, é o fato de que dois estudantes, um de 19 anos, em Stanford e outro de 24 anos, em Auckland, Nova Zelândia, trabalhando gratuitamente numa comunidade de código aberto, cada um deles num canto do mundo, produziram um *browser* que conquistou 5% do mercado do Internet Explorer em apenas seis meses.⁷ Uma iniciativa que impactou e continua impactando milhões de pessoas espalhadas pelos mais distantes rincões do planeta.



Façanhas semelhantes ocorrem em inúmeros campos da ciência e da tecnologia, mudando continuamente e rapidamente as condições de estudo, aprendizado, domínio de tecnologia, relações interpessoais e intergrupais, exercendo influência em situações tão diversas quanto uma catástrofe natural na Tailândia ou a repressão violenta de manifestações políticas no Irã dos aiatolás.

Como resultante de tantas transformações, divisa-se no horizonte o surgimento de uma nova civilização planetária, cujas características e abrangência se constroem e reconstroem ininterruptamente.

A civilização que vem chegando aposta no super-homem e na super-humidade. Teremos supercorpos geneticamente perfeitos, informaticamente equipados com sensores e próteses, superambientes isolados dos vírus e das pestes, supersociedades computadorizadas em que tudo é administrado, corrigido, perfeito. A utopia eleva o mítico à estatura do factível. SuperCiber é a fantasia do futuro, projeto utópico e ideológico universal para o homem. Mas, como todas as ideologias, não prevê o furo, o impensável, o assalto do aleatório, do estranho, do "mal".⁸

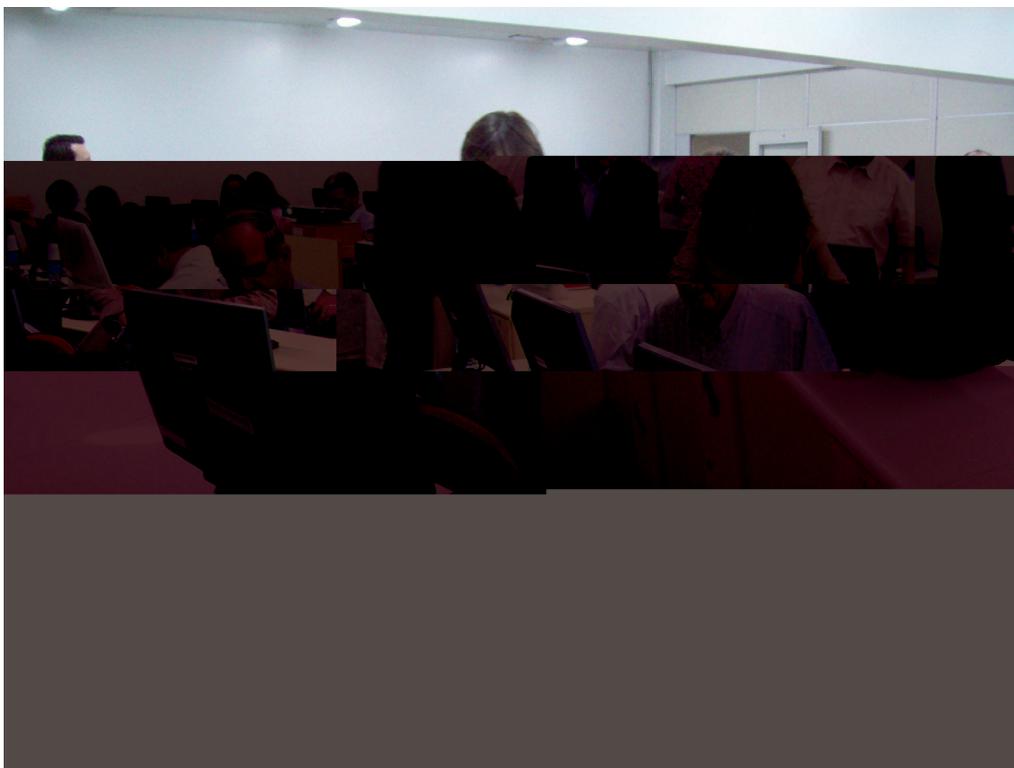
4. Trabalhando em rede

Nesse contexto desafiador, a Rede Salesiana de Escolas vem consolidando um caminho de reflexão epistemológica da educomunicação, abrindo espaço de diálogo

7 FRIEDMAN, Thomas L. *O mundo é plano: uma breve história do século XXI*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 134-135.

8 FILHO, Ciro Marcondes. *Superciber: a civilização místico-tecnológica do século 21: sobrevivência e ações estratégicas*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 5.

com educadores, gestores da comunicação e demais participantes da comunidade educativa sobre os impactos das novas tecnologias de informação e comunicação e sobre as novas posturas educacionais que possibilitam a emergência de novos sujeitos, habilitados a viver e conviver nesse mundo mutante. *Tudo isso obriga a pensar a escola como espaço privilegiado de comunicação de ideias e ideais, de reflexão e ação, de solidariedade e respeito às diferenças.*⁹



BI - RSE

EDUCOMUNICAÇÃO: DESAFIO À FAMÍLIA SALESIANA

121

3ª PARTE | NAS PEGADAS DOS FUNDADORES

Alavancar a educação hoje requer atenção a esses contextos de navegação midiática onde os sujeitos, especialmente os adolescentes e jovens, estão imersos. Nascem novos leitores em novos espaços de leituras hipermidiáticas. Como próteses em seu corpo, eles convivem – e, mais que todos, os jovens – com os *IPhone*, *IPod*, *IPad* e inúmeros outros *gadgets* que os mantêm conectados com todo o globo. Impelidos pela própria experiência, numerosos desses leitores facilmente se tornam criadores de conteúdos, multiplicadores de informações e saberes, fontes de intrincados e complexos relacionamentos com seus pares do mundo virtual.

Como as escolas enfrentam esses novos contextos?

Atenta às convergências tecnológicas que desencadeiam novos comportamentos, a Rede Salesiana de Escolas

⁹ REDE SALESIANA DE ESCOLAS. *Projeto Pedagógico*: marco referencial. São Paulo: Salesiana, 2005, p. 9.

assume os desafios contemporâneos e, mediante suas instituições educativas, oferece uma proposta concreta, sistemática e ampla para a formação continuada e integral de seus próprios protagonistas, educandos e educadores. Construir um projeto de escola centrado nas relações entre pessoas comprometidas com a transformação da realidade em que estão inseridas, visando à contínua e indispensável formação de uma comunidade educativa é esse seu desafio.¹⁰

Comunidade aprendente, aberta aos novos contextos nos quais está inserida, comprometida com a construção de uma sociedade do conhecimento inclusiva e solidária.

A partir dessa perspectiva, a RSE estabelece como objetivos

o desenvolvimento das competências sugeridas pelos PCNs. Isso significa tornar a experiência escolar uma vivência, na qual o aluno possa compreender e usar as diferentes linguagens como meios de organização da realidade, pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação. Isso exige que o aluno possa analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos da linguagem, relacionando textos com seus contextos, confrontando opiniões e pontos de vista e respeitando as diferentes manifestações da linguagem utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização. Utilizar-se da linguagem é saber colocar-se como protagonista do processo de produção/recepção. É também entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação, associando-as aos conhecimentos científicos e às outras linguagens que lhes dão suporte.¹¹

Sintonizada com os desafios e urgências da educação para o século XXI, proclamados pela Unesco, a RSE propõe uma educação que faça emergir sujeitos produtores do conhecimento, autores de um caminho de construção de novas sociedades. E está atenta ao fato de que

*não se trata apenas de proporcionar educação **na** nova sociedade do conhecimento, mas também **para** essa nova sociedade. A sociedade rápida e conectada a que estamos chegando exige uma nova ênfase na capacitação necessária para*

10 IDEM. Ibidem, p. 8.

11 DE ANGELO, Débora e AGUIAR, Eliane. *Língua Portuguesa – Ensino Fundamental – Livro do Professor: parte específica*. Brasília: CIB-Cisbrasil, 2008, p. 32.

*adaptar-se e responder às mudanças, para tratar com fluxos de informação ágeis e crescentes. Ao lado da alfabetização e do conhecimento dos números, todos os indivíduos precisarão estar habilitados a resolver problemas, a praticar a análise e a avaliação. Estes são os novos “fundamentos” essenciais para lidar com a taxa acelerada de acumulação do conhecimento. Trata-se de proporcionar uma educação que habilite as pessoas a adaptar-se à sociedade do conhecimento.*¹²

Mas é preciso ir além do mero conhecimento. Para quem recebeu como herança e abraçou como opção profissional e vocacional a missão de *formar bons cristãos e honestos cidadãos*, a tarefa é ainda mais complexa e mais abrangente:

*Na interação com o meio ambiente e a cultura, os educadores da RSE se propõem a desenvolver as habilidades necessárias para o uso crítico da mídia e das novas linguagens na sociedade do conhecimento, em vista de uma cultura de solidariedade e paz. Além disso, tendo em conta a caracterização das áreas e a responsabilidade na formação do aluno para o mundo das informações em rápidas e constantes mudanças, todas as disciplinas incluem educação tecnológica e se utilizam de recursos das novas tecnologias da informação e da comunicação. A organização por áreas fortalece o trabalho coletivo e torna indispensáveis tanto a atuação da Coordenação Pedagógica quanto a formação continuada do professor, aumentando a comunicação e o sentido geral de responsabilidade por esse projeto.*¹³

Exatamente por isso e para isso, na RSE,

*as instituições funcionam como verdadeiros centros de formação permanente, de desenvolvimento da competência profissional do professor, de estímulo ao conhecimento e uso de todas as tecnologias disponíveis para ensinar e aprender, incluindo e destacando-se as tecnologias da informação, como comunidade de professores aprendizes. São educadores que acreditam na mudança deste cenário e estão comprometidos com as grandes causas da educação.*¹⁴

12 MATSURA, Koichiro. *A Unesco e os desafios do novo século*. Brasília: Unesco, 2002. p. 170-171. Grifo nosso.

13 REDE SALESIANA DE ESCOLAS. *Projeto Pedagógico: marco referencial*. São Paulo: Salesiana, 2005, p. 21.

14 REDE SALESIANA DE ESCOLAS. *A formação dos educadores na Rede Salesiana de Escolas*. Brasília: CIB-Cisbrasil, 2009, p. 23-25.

Como foi salientado, o processo de transformações que vivemos vai muito além das questões tecnológicas, porquanto implicam *mudanças comportamentais, afetivas, de relacionamento no trabalho, na vida pública e privada, novas sociabilidades. Urge educar professores e alunos para as tecnologias digitais e para a formação de sujeitos criativos.*¹⁵

Sintonizada com os anseios mais profundos dos jovens, a RSE sabe que educar no complexo contexto atual exige novas posturas e um novo conhecimento do mundo. É preciso, para início de contato, identificar os caminhos por onde transitam seus educandos. Que sentido constroem nos diversos espaços em que navegam? Que significados configuram às suas vidas nas infovias que percorrem? Nesta sociedade mediada pelas tecnologias, pela comunicação multimídia, são eles, os jovens que nos sinalizam os novos caminhos de acompanhamento educativo que devemos trilhar.

*Na práxis salesiana, a comunicação educativa é criação de relações recíprocas e intergeracionais, abertas e profundas, situadas num sistema mais amplo, no qual agem forças sociais, culturais, institucionais e econômicas. A perspectiva comunicativa favorece a relação e o encontro e nos predispõe a auscultar as exigências comunicativas das novas gerações, a educá-las ao diálogo interpessoal, ao uso crítico dos meios de comunicação social, à valorização do teatro, da música, da arte.*¹⁶

O desafio que o mundo nos lança, sustentado por alavancas tecnológicas sempre novas, repondo continuamente novos territórios a serem mapeados, leva-nos a

assumir os percursos da educomunicação como prática transversal à missão e à atualização do carisma salesiano. Assumimos o compromisso de articular os processos educacionais nas dimensões da educação para a comunicação, da mediação comunicativa das tecnologias, da expressão comunicativa através das artes, da comunicação para o exercício da cidadania e da gestão da comunicação nos espaços educativos.

[Por isso mesmo,]

15 FILHO, André Barbosa e CASTRO, Cosette. Comunicação digital. Educação, tecnologia e novos comportamentos. S.Paulo: Paulinas, 2008, p. 195-196.

16 REDE SALESIANA DE ESCOLAS. *A formação dos educadores na Rede Salesiana de Escolas*. Brasília: CIB-Cisbrasil, 2009, p. 28-29

a educomunicação orienta as comunidades educativas a assumir com maior consciência os aspectos comunicativos do Sistema Preventivo, a transitar com competência na nova cultura digital, para dar um aporte significativo à qualidade da comunicação. As novas linguagens requerem educadores e educadoras capazes de captar suas potencialidades de humanização e, ao mesmo tempo, de evidenciar seus pontos vulneráveis para ajudar os jovens a utilizá-las de modo crítico e criativo.¹⁷

Enveredar pelas trilhas educomunicativas é um imperativo que a Rede Salesiana de Escolas se impõe. De fato, a educomunicação abre possibilidades efetivas de ressignificar a escola como espaço de construção do conhecimento, de convivência com as multiplicidades culturais, de reproposição de uma sociedade que seja, ao mesmo tempo, alinhada com a civilização do ciberespaço e solidamente alicerçada nos valores éticos e evangélicos.

Uma nova escola demanda novos atores sociais que a constroem no cotidiano da prática educativa. Requer uma constante reflexão epistemológica que dê coerência à ação educomunicativa. Convoca a construir projetos educomunicativos que criem coesão de sentidos dentro da comunidade educativa. Exige que educandos e educadores estejam conectados ao mundo digital, sintonizados com uma realidade sempre mutável, que se espalha em divergentes direções, permeada pelas mais variadas correntes de pensamentos complexos, crenças, culturas e valores.

A escola salesiana está chamada a ser inventora de novas direções, trazendo o sentido da presença de Cristo a este novo mundo. Na missão de reconfigurar trilhas de sentido, no entusiasmo diante da vida, daremos corpo à herança comunicativa de Dom Bosco e Maria Mazzarello. Seguindo as diretrizes que nos deram, seremos capazes de atender às exigências comunicativas das novas gerações e navegar com elas nestes cenários complexos em que atuamos e vivemos, alteando a chama da luz evangélica nos mundos do ciberespaço. Repetindo a indicação da “majestosa Senhora”:

Este é o nosso campo.
Nele devemos trabalhar.

17 IDEM. Ibidem, p. 29.

BIBLIOGRAFIA

BRAIDO, Pietro. *Dom Bosco, padre dos jovens no século da liberdade*. 2 vols. São Paulo: Salesiana, 2008.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *Fim de milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

"Convergência tecnológica" art. de *Wikipédia, a enciclopédia livre*. In: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Converg%C3%A2ncia_tecnol%C3%B3gica#Tipos_de_converg.C3.A2ncia > . Acessado em 16-2-2010.

FILHO, André Barbosa; CASTRO, Cosette. *Comunicação digital: educação, tecnologia e novos comportamentos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SIQUEIRA, Ethevaldo. *Para compreender o mundo digital*. São Paulo: Globo, 2008.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

FILHO, Ciro Marcondes. *Superciber, a civilização místico-tecnológica do século 21: sobrevivência e ações estratégicas*. São Paulo: Paulus, 2009.

LEÃO, Lúcia. "Muito além do entretenimento e do espetáculo: projetos radicais na cibercultura". In: CARAMELLA, Elaine. *et al.* (Orgs.). *Mídias: multiplicação e convergências*. São Paulo: Senac, 2009.

FRIEDMAN, Thomas L. *O mundo é plano: uma breve história do século XXI*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

REDE SALESIANA DE ESCOLAS. *Projeto Pedagógico: marco referencial*. São Paulo: Salesiana, 2005.

_____. *A formação dos educadores na Rede Salesiana de Escolas*. Brasília: CIB-Cisbrasil, 2009.

APÊNDICE



EDUCOMUNICAÇÃO
SALESIANA



GLOSSÁRIO

Antropologia cultural
Aprendizagem (novo estilo)
Autoestradas da informação
Avatar
Ciberantropologia
Cibercafé
Cibercultura
Ciberespaço
Cibernauta
Cibersociedade *Community* (comunidade virtual)
*Computer Mediated
Communication*
Comunicação (tipologias)
Comunicação social (ou de massa)
Concentração cultural Convergência digital *Cracker (Hacker)*
Desigualdade digital
Digitalização
Direito (e comunicação)
eBay
E-book
E-learning
Ética da comunicação
GNU
Hipertexto
Information Technology (Tecnologia da informação)
Inteligência coletiva
Inteligência conectiva
Inteligência distribuída
Interatividade
Interconexão
Internet Addiction Disorder
Internet telephony (Voip)
Interpessoal (comunicação)
Intrapessoal (comunicação)
iPod
Linux
Many-to-many
Mídia e cultura
MP3
Multimedialidade

My media
Neomadismo
Netiquetas
Network
New media (novas mídias)
Novas dependências
Open Source
Paradigma
Peer-to-peer
Poder (e comunicação)
Portal Realidade virtual
RL (*Real Life*)
Second Life
Shareware
Social Network
Sociologia (da comunicação)
Teologia (da comunicação)
Usabilidade Verbal e não-verbal (comunicação)
Verbal ou oral (comunicação)
Wireless

Antropologia cultural

“O termo antropologia derivado do grego *anthropos* e *logos* (discurso sobre o homem) define hoje um vasto conjunto de estudos entre os quais podemos identificar a antropologia cultural. como o setor das ciências humanas e sociais que tem como objeto de estudo os produtos intelectuais e manuais do homem como membro da sociedade. Segundo a definição clássica de Tylor, de 1871, cuja obra é considerada a base da antropologia cultural, é possível entender a cultura como: o conjunto complexo que compreende o saber, as crenças, a arte, os princípios morais, as leis, os costumes e qualquer outra capacidade e hábito adquirido pelo homem como membro de uma sociedade. A antropologia cultural abrange âmbitos disciplinares e métodos diversificados (fala-se de antropologia biológica, da família, da educação, da arte, etc.). A cultura é sujeita a diversos processos: a transmissão no tempo é a passagem da cultura de uma geração a outra; o modo como os indivíduos das novas gerações são integrados na cultura do seu grupo é chamado inculturação; a propagação no espaço é a difusão de um elemento cultural de uma cultura a outra. O evolucionismo, o difusionismo, o funcionalismo e o estruturalismo são escolas e teorias clássicas da antropologia”.

Aprendizagem (novo estilo)

“Com a multimídia, segundo Pellitteri (2004) e Maragliano (1998), deu-se a passagem da prevalência de formas midiáticas de base abstrata, como a escrita e

imprensa, à coexistência de equipamentos midiáticos com base imersiva, como a TV, o videogame, a Internet. Deve ser comparada com estruturas conceituais novas, como a leitura hipertextual, a interatividade e a reticulação. As modalidades de estimulação no processo de atenção se modificam, mudam também as modalidades de escuta, recepção, aprendizagem. No campo da psicologia cognitiva aplicada em particular às mídias, o conceito de competência do destinatário da comunicação passou de receptor passivo a produtor ativo da informação. Não só, como destaca Pellitteri (2004), o destinatário é sempre mais investido de novas funções na relação com as mídias, nas quais é envolvido: o de re/produção e de co-autor da própria mensagem, em um sentido progressivamente sempre mais dialético e cooperativo. Estão em jogo elementos como a interatividade e a negociação não somente da mensagem, mas de todo o sistema de comunicação: Internet é a prova tangível disto; através dela é possível escolher entre a comunicação um a um, um a todos ou todos a todos. O computador doméstico, o videogame, o celular e as novas mídias abrem muitas outras novas margens à comunicação. Retomando o título e o assunto de um notável livro de Bertolini (1993) – *Os filhos da TV* – onde se analisam alguns aspectos interessantes do relacionamento entre as crianças dos anos 70 e o instrumento televisivo – continua Pellitteri (2004), a geração dos anos 80 poderia ser melhor definida através dos videogames e do *personal computer*; para os anos 90 poder-se-ia falar dos filhos da *Web* ou mais em geral das redes e, para hoje, dos filhos das novas mídias (*new media*). A ótica formativa que está agindo sobre os jovens de hoje é agora sincrética: isto poderia trazer todas as vantagens da diversificação das linguagens ou levar também a um tipo de conhecimento mais frenético e talvez superficial. Daqui a necessidade, como sublinha Rivoltella (2002) de delinear um perfil de saber multissensorial, feito de estímulos diversos que despertam, contemporaneamente, o interesse do sujeito. Tipos diferentes de mídia podem estimular diferentes tipos de processos cognitivos e, neste sentido, a pesquisa de dados acerca das suas potencialidades e características é abundante (Oliverio-Ferraris, 1999). Trata-se de utilizá-los em sinergia, também numa perspectiva educativa”.

Autoestradas da informação

“O conjunto de tecnologias que possibilita uma difusão sempre mais maciça da informação: espinha dorsal de rede de alta velocidade, *link* via satélite e tudo quanto pode acelerar o fluxo de dados de qualquer tipo (texto, vídeo, áudio), consentindo aos usuários total interatividade. O termo foi designado nos Estados Unidos no final de 1991 quando, sob proposta do senador da Tennessee, Al Gore, teve início o programa NREN (*National Research and Education Network*) para a construção de uma ‘super auto-estrada digital da informação’ a fim de ser utilizada no âmbito médico, educativo e, em geral, de utilidade pública. Depois, no final de 1993, foi lançado o programa NII (*National Information Infrastructure*), para a criação de uma espécie de sistema arterial digital a ser percorrido por dados, em todas as direções, com serviços úteis para os cidadãos”.

Avatar

“É o termo utilizado na representação gráfica de um usuário nos ambientes virtuais e, de modo particular, nos mundos artificiais partilhados na Rede. Um avatar poder ser bidimensional ou tridimensional, constituído somente por imagens sintéticas, ou pode incluir também elementos tirados do real (por exemplo, uma fotografia do usuário representado, inserida em um corpo sintético). O uso do avatar é frequente especialmente nos *chat* visíveis na Internet [agora também no *Second Life*] nos quais os diversos participantes podem escolher serem representados por personagens virtuais de aspectos variados. O termo avatar foi utilizado como referência à vida na Rede por Chip Morningstar e Randy Farmer, no *game* interativo *Habitat*, experiência pioneira de comunidade virtual”.

Ciberantropologia

“O computador está mudando o conceito de espaço e de tempo. As coisas que antes pareciam distantes se aproximam e entram no nosso espaço de experiência”.

Cibercafé

“Termo genérico para indicar um local público onde é possível conectar-se à Internet pagando proporcionalmente pelo tempo da conexão”.

Cibercultura

“O conjunto das correntes literárias, musicais, artísticas e políticas que se refere ao ciberespaço como realidade social e modelo de existência produziu uma nova sensibilidade cultural que se reconhece como cultura ciber”.

Ciberespaço

“O termo se refere a um novo espaço de comunicação, identificável com a *Computer Mediated Communication* (ver adiante) e os seus subcontextos (o correio eletrônico, as conferências computadorizadas, os ambientes multiusuários) e às modalidades originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social que este torna possível”.

Cibernauta

“Assim se define a pessoa que navega na Internet”.

Cibersociedade

“As mídias pré-eletrônicas identificam o lugar físico com a situação social, tanto que para comunicar é necessário deslocar-se, passar através de portas, muros, etc. Definem quem participa e quem não participa de uma certa situação. Com o advento das mídias eletrônicas, lugar físico e social se separam, consentindo comunicações que anteriormente eram possíveis somente a indivíduos que dividissem o mesmo espaço físico. Considerações análogas valem para o tempo: os fatos são observados enquan-

to acontecem. Identifica-se um espaço cultural a ser pensado não como lugar, mas como experiência. 'Os usuários das comunidades virtuais compartilham através da tela do computador informações, debates, apoio emocional, bate-papos, tudo o que sucede na vida real, mas deixam fora o corpo'. A cibersociedade coloca à frente o surgimento de uma nova ideia de sociabilidade: o desenvolvimento de microgrupos, de tribos. A constituição de microgrupos advém do sentimento de pertença, em função de uma ética específica. Os grupos podem ser dotados de configurações e objetivos diversos (esportivos, amigáveis, etc.) cada um com uma duração variável segundo o investimento dos seus protagonistas. Está surgindo uma nova concepção de comunicação como construção comum de significados, que vai bem mais além do clássico modelo linear: fala-se de *network paradigm*, um modelo de comunicação como rede interconexa, um processo de negociação do sentido a ser dado às diversas situações entre um conjunto de atores dentro de uma relação estruturada. Não se fala mais exclusivamente de indivíduos concebidos como emissores e receptores independentes, de relações biunívocas isoladas, mas são consideradas as interações complexas entre todos os participantes da rede. As novas mídias, diferente das comunicações do passado, são interativas, distribuídas, altamente maleáveis. Novas linguagens, novas relações geracionais, nova cultura”.

Community (comunidade virtual)

“Grupo de pessoas que se encontram na Rede para partilhar interesses comuns. Completamente independente da posição geográfica dos seus membros, uma comunidade virtual pode tratar de argumentos bastante díspares e criar entre os seus usuários – que na maior parte dos casos jamais se encontram fisicamente – profundos laços, geralmente incompreensíveis para quem não fez a experiência pessoalmente”.

Computer Mediated Communication

“É a área de pesquisa sobre a comunicação mediada pelo computador, nascida inicialmente no contexto da psicologia social. A introdução das novas tecnologias da comunicação nos lugares do cotidiano e do trabalho faz surgir a necessidade de valorizá-las também nos aspectos sócio-psicológicos. A partir dos anos 90, duas contribuições se tornaram interessantes: o modelo SIDE (*Social Identity De-Individuation*) que destaca as condições e o contexto social no qual acontece a interação, portanto as consequências da *Computer Mediated Communication* variam segundo o contexto no qual advém a comunicação. Mais recente é o aporte denominado SIP (*Social Information Processing*), onde a *Computer Mediated Communication* não corresponde ao estereótipo da comunicação fria e interpessoal, mas possui, ao contrário, características que a levam a sobrecarregar-se de significados sociais, a ponto de poder ser melhor descrita com o adjetivo 'hiperpessoal'. Nessa teoria, um ponto fundamental é o fator tempo, que pode veicular a mesma sociabilidade da comunicação face a face, porque deixa aos atores tempo para desenvolvê-la. Quem se comunica com o computador tende a adaptar as próprias estratégias comunicativas às possibilidades oferecidas pelo meio, traduzindo alguns códigos não-verbais em sequências expres-

sas pelo teclado e interpretáveis ideograficamente. Atualmente o objeto de pesquisa sobre a *Computer Mediated Communication* se concentra sobre o contexto dinâmico no qual a comunicação acontece, sobre os ambientes sociais construídos e representados exclusivamente dentro da Rede. A atenção passa dos efeitos e da eficiência da *Computer Mediated Communication*, comparadas a outras formas de comunicação, aos processos de construção simbólica dos significados e da ação *on-line*”.

Comunicação (tipologias)

“A comunicação muitos-a-muitos, ou narrowcasting, própria da *www* e do correio eletrônico, se diferencia da comunicação um-a-muitos, ou *broadcasting*, típica dos meios de comunicação de massa como o rádio, o cinema, a televisão. Se na mídia tradicional o controle do conteúdo e da forma da mensagem está todo nas mãos de quem o transmite, aqui formas e conteúdos podem ser produzidos e modificados por qualquer pessoa que seja sujeito ativo na comunicação. Enquanto as mídias tradicionais reduzem a distância entre os atores da comunicação, as novas mídias alargam o espaço da comunicação, ‘aprofundam-no’, e consentem a cada sujeito envolvido intervir, modificando texto e contexto da mensagem (Oriani, 2002). O ciberespaço da *Web* permite que cada um, individualmente ou em grupo, alimente a inteligência coletiva e, por sua vez, seja também alimentado. Através das formas de comunicação todos-para todos há uma negociação de significados, partilha de conhecimentos, de uma memória dinâmica, comum, navegável, produzida coletivamente. O ambiente, neste caso, é o ciberespaço, mas pode ser também uma sala, na qual há um grupo de pessoas que trabalha junto segundo certos princípios e constrói inteligência coletiva, que é a inteligência do grupo”.

Comunicação social (ou de massa)

“O termo comunicação social é mais usado em ambientes eclesiais, especialmente a partir do Concílio Vaticano II. Com ele se designa o tipo de comunicação que é própria daqueles instrumentos que, como a imprensa, o cinema, o rádio e a televisão, são capazes de atingir e mover não somente os indivíduos, mas toda a sociedade humana (Decreto *Inter Mirifica*). [...] Indica dois modos substancialmente diferentes de analisar os meios: um modo ‘positivo’, que os entende como recursos para a promoção do homem, ocasião de troca e relação, espaço através do qual se constrói a socialização; um modo ‘negativo’ que os concebe, ao invés, como instrumentos de massificação, homogeneização dos gostos, homologação do público”.

Concentração cultural

A concentração, conceito que vem da Economia, pode ser definida como a aquisição – por parte de um mesmo sujeito – de uma quantidade de poder comunicativo, normalmente expresso pelo número de meios de comunicação que controla a ponto de influenciar a opinião pública de modo exorbitante. Isso se dá através da simples configuração entre o exercício do direito de informação e as exigências de proteção

do direito à informação. Na concentração dos meios de comunicação de massa, portanto, o direito (de informação) se transforma em poder (de condicionamento)”.

Convergência digital

“É uma das consequências mais significativas do advento da era digital e, portanto, da transformação de todo conteúdo e comunicação em *bit*. Os *bits* são iguais, independentemente do conteúdo. Traduzidos na comum linguagem digital, âmbitos tradicionalmente distintos como a informática, a telefonia, a televisão e as telecomunicações em geral podem convergir em um único meio produtivo e de transmissão, criando um modelo econômico de fato unitário. Entretanto, trazendo consigo também problemas culturais, tecnológicos e legais. O primeiro exemplo concreto de convergência conhecido por todos é a Internet, que associou imagens, textos, sons, vídeo em um único meio de transmissão e em um só terminal de recepção: o computador. Outro instrumento que está adquirindo para si um sempre maior número de funções típicas do *personal computer* é o telefone celular, testemunha da convergência mais difundida que a própria Internet. Deste modo, é possível que dispositivos dotados de um pequeno *display* tenham acesso às infraestruturas da Rede de modo integrado, complementar e alternativo aos sistemas *wired* ou centrados sobre o *desktop*”.

Cracker (Hacker)

“*Hacker* é quem, movido por uma grande curiosidade por um argumento, em geral de natureza técnica, utiliza todas as estradas para aprofundá-lo, sem deter-se diante de nada, nem mesmo de proibições explícitas. Em geral trata-se de um programador obstinado, para o qual a máquina não deve ter segredos e da qual não é possível aceitar um ‘não’. Dois princípios fundamentais da ética *hacker* são: a liberdade de informação e a necessidade de que esta seja acessível a todos, como instrumento de liberdade (*information wants to be free*); e o valor positivo da investigação, na tentativa de desmascarar os segredos da tecnologia. *Cracker* é quem ‘quebra’ (*to crack* em inglês) a segurança de um sistema informático, conseguindo estabelecer uma interferência para fins ilegais. O termo foi designado em 1985 pelos próprios *hackers* para distinguir-se de quem fazia uso indevido da própria habilidade informática”.

Desigualdade digital

“Hoje, no mundo, entre seis milhões de pessoas, somente um milhão navega na Rede. A chamada aldeia global de McLuhan não é tão global assim, visto que grande parte da população é excluída da sociedade da informação na Internet. Por desigualdade digital entende-se a desigualdade entre quem tem acesso às novas tecnologias presentes no mundo, e quem não tem por causa do ganho insuficiente ou ausência de infraestrutura: a impossibilidade de aproximar-se da tecnologia fecha qualquer possibilidade de desenvolvimento econômico, social, cultural dos países mais pobres. O problema da digital divide existe também nos países mais desenvolvidos. As Nações

Unidas se mobilizaram na intenção de alcançar um objetivo fundamental: permitir que o acesso às tecnologias da informação e da comunicação torne-se um serviço à disposição de toda a humanidade. São necessárias políticas de inclusão digital, para que todos e em todo o mundo possam gozar de iguais benefícios decorrentes da sociedade da informação global”.

Digitalização

“Transformação de um sinal contínuo, de uma informação analógica em uma digital, de modo que possa ser tratada por um computador, compreendida e transmitida em altíssima velocidade”.

Direito (e comunicação)

“O desenvolvimento dos meios e dos sistemas de comunicação, a sua difusão social e a importância que assumiram na vida dos grupos e dos indivíduos tornam hoje mais do que nunca inevitável a intervenção dos poderes institucionais na disciplina deste assunto. Os aspectos da comunicação dos quais se ocupa o direito são numerosos: do reconhecimento do direito à livre manifestação do pensamento, à disciplina relativa ao exercício de cada um dos meios (autorizações, concessão das frequências, etc.), à proteção dos direitos individuais, até a regulamentação de atividades particulares de comunicação. Ligadas ao direito, três são as grandes áreas de aprofundamento: os aspectos institucionais (direito de comunicar, de informar, direito à reportagem, à crítica, à informação); o controle do direito de autor, que assume relevo todo particular na proteção da atividade criativa através dos meios; a intervenção da Igreja Católica através das normas do seu código de Direito Canônico”.

eBay

“O primeiro e mais frequentado *site* de leilões na Internet, aberto em setembro de 1995. São milhares de categorias de objetos possíveis de serem negociados através de *eBay* e milhares de trocas efetuadas a cada dia. O mecanismo é simples: os usuários colocam o aviso *on-line* e uma descrição referente ao objeto que pretendem vender: as ofertas chegam através do correio eletrônico, o serviço considera a mais alta até aquele momento e, segundo a data estabelecida, o melhor lance levará o produto. Cabe ao vencedor entrar em contato diretamente com o vendedor para efetuar o pagamento”.

E-book

“*Electronic book* = livro eletrônico. É o instrumento que – na era eletrônica – se propõe como evolução e, por certas funções, substituto do livro. Trata-se, na verdade, de um verdadeiro e próprio computador em miniatura, a ponto de deixar visíveis quase tão somente a tela e alguns poucos comandos. Do livro pretende-se conservar o manuseio, a qualidade do objeto doméstico (o livro tem sido o mesmo há séculos; hoje não deixa entrever a tecnologia que o produz), a clareza da página escrita e, por-

tanto, a facilidade de leitura, o prazer de folhear à vontade as páginas, como também enfatizar ou sublinhar determinadas passagens. Trata-se de uma verdadeira e própria interface que coloca à disposição do usuário as enormes potencialidades da tecnologia informática, o *electronic book* é – e será – muito mais do que um livro: já hoje pode colocar à disposição diversos livros, graças à memória instalada, com funções muito interessantes de pesquisa, de comparação, de análise; se conecta à Internet e, em seguida, sobre a ‘página’ é possível visualizar também as páginas de qualquer outra obra disponível na Rede, tanto do passado como da atualidade mais recente: volumes de arte, enciclopédias inteiras, mas também produtos multimidiáticos, da música ao filme. Poderá ser uma potente *play station*; se conectará a emissoras de rádio e vídeo; consentirá receber as mensagens – a viva voz ou escritas – de qualquer modo enviadas de um telefone, computador ou de outro *e-book*”.

E-learning

“O *e-learning* constitui hoje, provavelmente, um dos setores de maior expansão no mercado da formação. O que torna particularmente interessante este setor é a possibilidade que as tecnologias de comunicação, baseadas na rede telemática, consentem emancipar o processo de ensino/aprendizagem dos vínculos de partilha do espaço e do tempo. A comunicação formativa tradicional encontra na sala o seu lugar privilegiado e na oralidade o seu veículo natural. O modelo didático que se constrói sobre esse tipo de situação deveria ter vantagens indiscutíveis, como a relação que nele se pode estabelecer entre professor e aluno e a possibilidade de *feedback* imediato. O limite desse tipo de situação didática se dá pelo fato de que para aprender é necessário encontrar-se no mesmo lugar em que o professor está, exatamente no momento em que está falando. O *e-learning* permite uma dissociação do espaço e do tempo: um curso de formação permite ao aluno acessar informações sem deslocar-se de casa e, especialmente, no momento mais adequado às suas exigências; fundamenta-se sobre sistemas *Web based*, sistemas de didática *live* da videoconferência ao *chat*, aos fóruns, técnicas de comunicação que favorecem a relação entre professor e estudante mesmo sem exigir a sua presença no mesmo espaço e tempo. É o tema da comunicação síncrona e assíncrona. O resultado é uma verdadeira e própria revolução do modo de ensinar e de aprender: a tendência é abandonar o modelo de transmissão das informações em vantagem do *tutoring* (docente como acompanhante) e do *scaffolding* (docente como formador de instrumentos e conceitos básicos); caminha-se sempre mais em direção a formas de aprendizagem baseadas na descoberta, na construção ativa do conhecimento, na colaboração. Também o *e-learning* requer adequados sistemas de avaliação da aprendizagem”.

Ética da comunicação

“A primeira coisa a dizer a respeito da ética da comunicação é que a relevância do tema ‘comunicação’ no campo da ética assumiu um peso muito maior que no passado, desde quando J. Habermas e O. Apel elaboraram uma engenhosa tentativa

de fundamentar todo o discurso moral a partir das leis que regulam a comunicação argumentativa, isto é, aquele tipo de comunicação que procura no destinatário um consenso livre, fundamentado sobre argumentos convincentes. Este é, precisamente, o tipo de comunicação no qual se exprime toda forma de proposição ética. A comunicação se inscreve no âmbito dos relacionamentos interpessoais, do qual representa um caso de particular relevância. Na comunicação, os homens entram em um relacionamento de recíproco intercâmbio que tem como objeto a realidade eminentemente espiritual da 'mensagem'. O *primum* ético da comunicação é a sua capacidade de criar comunhão. Este impõe à comunicação o compromisso de uma certa 'dialogicidade' que pressupõe, em cada um dos interlocutores, uma atitude de aceitação e de promoção desinteressada do outro. Semelhante atitude comporta a superação de todo desejo de instrumentalização do outro e de toda forma de imperialismo comunicativo. A comunicação pertence ao campo da gratuidade; mas o primeiro dom oferecido ao interlocutor é considerá-lo pessoa, *partner* de um diálogo de igual para igual. A comunicação interpessoal se torna mais autêntica e dialógica quando o emissor é aberto à mensagem de resposta ou *feedback* do interlocutor. O neologismo usado sugere que a reciprocidade do diálogo tenha também necessidade de técnicas específicas; mas essa é, sobretudo, uma forma de compromisso ético que comporta uma certa ascese".

GNU

"Sigla de *Gnu is Not Unix*. Projeto iniciado em 1984 pelo *hacker* Richard Stallman, tem como objetivo a realização de um *software* livre de direitos que possa substituir os atuais produtos comerciais. O *software* livre é uma questão de liberdade, não de preço, e se refere à liberdade do usuário de executar o programa, para qualquer que seja o objetivo; estudar como funciona o programa e adaptá-lo às próprias necessidades; redistribuir cópias de modo a ajudar outras pessoas; aperfeiçoar o programa e distribuir publicamente as melhorias, de modo que toda a comunidade se beneficie dele".

Hipertexto

"Texto organizado de um modo não linear, sem início ou fim. É uma estrutura constituída de nós (núcleos de conteúdo) conectados entre si por um *link*, que permite passar de um a outro escolhendo entre os diversos percursos possíveis. O conceito foi desenvolvido por Theodor Holm Nelson, autor do termo 'hipertexto', em 1965, que trabalhou a ideia do projeto Xanadu, um gigantesco banco de dados da cultura mundial, no qual cada texto podia ser acessado através de determinadas palavras-chave ou *hyperlink*. Era, para todos os efeitos, uma antecipação do que seria depois realizado através da *World Wide Web*, na qual cada documento é interligado a outros através de palavras evidenciadas (ou *links*) ou imagens. O conceito de hipertexto, na realidade, não necessita da Rede para se concretizar: qualquer texto hospedado num suporte eletrônico (*floppy disk*, *hard disk*, CD-ROM, DVD e outros suportes de memória) e acessível em pontos diversos pode ser considerado um hipertexto".

Information Technology (Tecnologia da informação)

“O conjunto de estruturas, serviços e produtos informáticos. Na realidade, este termo vem sendo sempre mais substituído por ICT (*Information and Communication Technologies*), que se refere à convergência entre os setores da informática e das telecomunicações”.

Inteligência coletiva

“Conceito elaborado pelo estudioso francês Pierre Lévy no seu livro de título homônimo, publicado na França, em 1994 e traduzido em italiano em 1996 (Lévy, 1994). Teoria sugestiva que entende criar – para usar as palavras do próprio autor – uma ‘antropologia do ciberespaço’ e que encontra essência no advento das redes de computadores e em particular na Internet. A inteligência coletiva, segundo Lévy, é distribuída em qualquer lugar, também nos lugares jamais pensados. ‘Ninguém sabe tudo, cada um sabe alguma coisa, a totalidade do saber reside na humanidade. Não existe nenhuma reserva de conhecimento transcendente, e o saber não é nada de diferente daquilo que as pessoas sabem. A luz do espírito brilha também lá onde se quer fazer acreditar que não exista inteligência’ (p. 34). Fundamental é o papel das tecnologias digitais da informação, que consentem a ‘coordenação em tempo real das inteligências’ dentro de um cenário virtual de conhecimentos em contínua transformação. Inteligências que serão depois mobilizadas dentro de um único projeto comum, no qual a cada pessoa seja atribuído um papel significativo. Não há nada de fixo, mas não reina o caos, porque tudo se valoriza e se coordena em tempo real, graças à interação imediata entre os diversos componentes de uma mesma comunidade. A avaliação de Lévy é extrema e utópica em relação ao impacto das redes sobre o conhecimento, com incidência também no plano ético e político, não desprovida de certo dogmatismo que tem atraído algumas críticas. Uma posição mais tênue é a de Derrick de Kerckhove que, ao contrário, fala de inteligência conectiva”.

Inteligência conectiva

“Termo introduzido por Derrick de Kerckhove, diretor do McLuhan Program of Culture and Technology, de Toronto, numa velada polêmica com o francês Pierre Lévy e a sua inteligência coletiva. Depois de muito ter falado e escrito sobre coletivos de vários gêneros como protagonistas da cultura da Rede, Kerckhove pede para substituir em todos aqueles casos o termo por ‘conectivo’. E o faz em um livro intitulado, precisamente, *A inteligência conectiva* (1997). Na prática, a inteligência conectiva ganha vida quando a Rede trabalha como um sistema biológico unitário. ‘Aqui há o que fazer – escreve Kerckhove – com um sistema enormemente inteligente, mas em grande parte descentralizado e que parece organizar-se sozinho, sem que muita gente saiba ou deva saber o que está sucedendo’ (p. 178-179). O crescimento das redes de telecomunicações seria semelhante, segundo o estudioso, ao desenvolvimento do nosso sistema nervoso. O aumento exponencial das conexões a Internet poderia ser comparado à atividade de um cérebro em pleno processo de

aprendizagem, na fase de máxima expansão das suas capacidades. Através do uso da Rede, mais mentes conectadas, que trabalham por um mesmo objetivo, podem fazer emergir uma forma de inteligência que é superior à soma dos cérebros individualmente. 'A assim chamada comunidade virtual é alguma coisa a mais do que um vasto número de pessoas envolvidas mais ou menos diretamente, mais ou menos constantemente, em uma atividade comum. É também uma presença em tempo real, imediata e contingente, como uma mente em serviço. As comunicações *on-line* criaram uma nova categoria de mente – uma mente conectiva, à qual se 'prende' ou da qual se 'desprende', sem incidir sobre a integridade da estrutura" (p.186). Trata-se de uma teoria sob alguns aspectos complementar em relação àquela de Pierre Lévy, muito ligada também à experiência concreta do próprio Kerckhove, que organiza *workshops* de inteligência conectiva para fins acadêmicos e de formação gerencial".

Inteligência distributiva

"Conceito estreitamente ligado à difusão e ao uso sempre mais maciço das redes e, sobretudo, da Internet, de estrutura essencialmente descentralizada, onde os recursos de elaboração, tanto tecnológicos quanto de pensamento, se encontram disseminados e não concentrados em um único centro. De fato, a informática distribuída é um modelo já aplicado na Rede. Não são raros os casos nos quais cada um dos nós seja utilizado, nos períodos de menor tráfego, para elaborações de dados complexos que não podem ser gerenciados por um único super computador. Da análise objetiva da natureza descentralizada e acéfala da Rede, se desenvolveram as teorias sobre a inteligência coletiva e conectiva, cujas raízes tecnológicas remontam às primeiras pesquisas sobre a interligação entre computadores".

Interatividade

"O termo foi introduzido em relação à comunicação eletrônica para indicar a nova possibilidade oferecida pelo computador e pela Internet, de dar ao usuário o papel de 'participante' ativo na comunicação mediada. Em geral, o termo é considerado como o antagonista da tradicional passividade do telespectador. Tim Berners-Lee, o físico do CERN idealizador da *World Wide Web*, sugere utilizar o termo intercriatividade para distinguir entre uma modalidade de interação fundamentada na simples troca comunicativa e uma nova modalidade certamente desejável, fundamentada na partilha em rede das experiências criativas e ideativas".

Interconexão

"Em geral, coligação entre redes de diversos tipos, com vários administradores ou tecnologias. A interconexão tem um papel central no processo de liberalização das telecomunicações desde 1º de janeiro de 1998 nos países da União Europeia. O antigo administrador monopolista, na verdade, é obrigado a conceder aos novos operadores o acesso às próprias infraestruturas, na ausência de possibilidades alternativas. As condições pelas quais este relacionamento pode instaurar-se são estabelecidas

nos chamados ‘acordos de interconexão’, cruciais para o desenvolvimento de uma real concorrência no setor”.

Internet Addiction Disorder

“IAD (*Internet Addiction Disorder*) é o nome que identifica a síndrome de dependência da Internet. A Canadian Medical Association sustenta que a IAD é real tanto quanto o alcoolismo: provoca, como as outras patologias da dependência, problemas sociais, desejo incontrolável, sintomas de abstinência, isolamento social, problemas conjugais e de desempenho, dificuldades econômicas e de trabalho. Foram avaliadas pessoas entre 15 e 40 anos, e os sintomas de mal-estar revelaram dificuldades de relacionamento, um forte sentido de apego ao computador, negação quanto ao total de horas passadas *on-line*, casos de obesidade, depressão e ansiedade, dores na coluna e o progressivo distanciamento de qualquer *hobby*, exceto o de estar conectado. A gravidade do mal-estar aumenta pelo fato de que tais patologias influenciam e podem ter fortes repercussões sobre a vida familiar. A IAD apresenta, nestes casos, os traços da fuga, do isolamento, do distanciamento da realidade: as pessoas se fecham na Internet para não enfrentar os problemas da existência cotidiana. A Rede é, portanto, lugar de refúgio e de conforto, onde as pessoas se encontram a qualquer hora do dia ou da noite, onde rapidamente se faz amigos, e onde não é necessário sair para encontrar-se. Aqui se partilha pensamentos profundos, se troca opiniões, se contata velozmente um número infinito de interlocutores e, sobretudo, é possível esconder a própria identidade. A contraposição com o mundo real, que se mostra com suas dificuldades, uma vez desligado o computador, leva a jogar-se no mundo da Internet para ali estar o maior tempo possível, a fim de não enfrentar a dor e o sofrimento pelos tempos em que não se está conectado”.

Internet telephony (Voip)

É a telefonia via Internet. “Define-se assim o uso da Rede para a transmissão de comunicações telefônicas. É necessário (além disto, naturalmente, o *modem* e a conexão à Internet) um computador com placa de áudio e microfone e um *software* específico – no comércio já existem vários – para experimentar o prazer de falar com o Sul da África ou Austrália ao preço de uma chamada urbana (aquela feita através do próprio provedor). Em alguns casos, como com o programa Net2Phone, é possível ligar diretamente a um telefone e não a outro computador. A tecnologia é também chamada VOIP, ou seja, *Voice Over IP* aludindo à técnica de transmissão da voz através do protocolo Internet (TCP/IP)”.

Interpessoal (comunicação)

“Em geral, a comunicação interpessoal pode ser entendida como uma sequência de acontecimentos constituídos pela criação e pelo intercâmbio de sinais verbais e não-verbais, entre ao menos duas pessoas situadas num contexto social, orientadas intencionalmente uma à outra, em um relacionamento de interdependên-

cia no qual cada uma influencia de modo significativo o comportamento da outra. Não exige necessariamente uma comunicação face a face (ex.: comunicação via telefone ou via computador). Pode ter objetivos diversos: dar informações, explicações, instruções, reforços, suporte; criar e negociar relações; partilhar significados pessoais, coordenar, influenciar, controlar a ação de cada indivíduo ou de grupos. Dois aspectos principais caracterizam a comunicação interpessoal: o aspecto do conteúdo que diz respeito aos assuntos tratados e o aspecto relacional que se refere às palavras, ao estilo e comportamentos escolhidos, isto é, o modo de comunicar, para definir o relacionamento recíproco, por exemplo: paritário ou de controle”.

Intrapessoal (comunicação)

“A comunicação intrapessoal se refere aos pensamentos, aos valores e aos sentimentos que povoam o nosso mundo interior e que se alimentam através de um contínuo diálogo interno, que dirige os comportamentos. Para estimular nas crianças e nos jovens competências de comunicação intrapessoal é necessária uma formação iluminada sobre o desenvolvimento dos sentidos através dos quais a realidade é percebida (tato, som, sentido das cores, etc.). Melhorar a própria comunicação intrapessoal requer um melhor conhecimento de si ou consciência de si e do próprio mundo corpóreo-emotivo-cognitivo. A comunicação intrapessoal leva à automotivação e esta, por sua vez, alimenta a tendência a reagir às frustrações, tendência que se manifesta através de uma atitude positiva e de uma boa carga de espírito de iniciativa, traduzidas na capacidade de perseverar nos esforços, de criar planos de ação alternativos, para atingir um objetivo”.

iPod

“É um leitor portátil de música digital, apresentado pela Apple em 2001. O seu sucesso deu-se pelo fato de que na época, se bem que tivesse no seu interior um *hard disk* de 1,8, era muito pequeno e fácil de manusear em relação aos seus concorrentes de memórias *flash*. *iPod* se refere à tecnologia *podcasting*, termo que significa *Personal Option Digital Casting* e que é a síntese de:

iPod (em relação ao *Mp3-player*) e *broadcasting*. O *podcasting* consiste na possibilidade de difundir pequenas transmissões radiofônicas de autoprodução. Os arquivos podem ser ouvidos através do personal computer em *Mp3-player*. A novidade do *podcasting* não está tanto na modalidade de fruição quanto na simplicidade com que a pessoa, mesmo sem ter conhecimentos técnicos excepcionais, pode se tornar autora das programações digitais. Em janeiro de 2007 foi lançado no mercado o *iPhone*: metade celular e metade *iPod*, que permite fazer e receber chamadas, enviar fax, *e-mail* e outras informações digitais, além da possibilidade de *Mp3*. O novo dispositivo pode ser utilizado como tabuleiro para videogames estilo Nintendo”.

Linux

“Sistema operacional idealizado pelo jovem programador finlandês Linus Torvalds, que trabalha no projeto desde 1990 com a ajuda de uma ampla comunidade de programadores da Internet. Trata-se de uma versão simplificada de Unix que roda praticamente em todos os tipos de PC e em outras plataformas *hardware*, e está disponível em forma *freeware* na Rede. Linux obteve um enorme sucesso e é utilizado também para gerenciar servidores de Internet”.

Many-to-many (Muitos para muitos)

“O tipo de comunicação permitida pelas redes telemáticas, em particular pela Internet. É alternativa ao tradicional modelo *broadcast*, *one-to-many* (um para muitos) e ao *one-to-one* (um a um) da comunicação telefônica”.

Mídia e cultura

“A comunicação pode ser vista como processo de criação de uma cultura ou como sistema que define o significado da situação na qual agimos. Em geral, somos acostumados a comunicar com um idioma conhecido em uma cultura conhecida. Também as pessoas pertencentes a uma cultura comum devem com frequência confrontar-se com diversas definições e sinais antes de chegar a um ‘nome’ compartilhado. A cultura pode ser definida como um sistema arbitrário de símbolos ou sinais com os quais se atribui significado aos objetos e às situações e através dos quais acontece a socialização dos novos membros no sistema de significados existente. Em relação à mídia e cultura existem diversas posições e escolas de pensamento, entre estas, por exemplo:

- **funcionalismo tecnológico:** a cultura não é uma questão central, o que conta são os valores de inovação na necessidade de informação por parte dos indivíduos. Tal modelo sustenta o livre mercado da informação e dos meios, chamados a oferecer entretenimento e informações que o público quer. Tudo que faz parte da cultura ‘elitizada’ é considerado obstáculo para o livre fluxo da informação;
- **funcionalismo cultural:** o papel central dos meios é criar e preservar a cultura social nacional. A cultura tem um valor em si e por isto as mídias devem ser o quanto possível separadas dos interesses econômicos, políticos, religiosos e de outros gêneros. Especialmente nos contextos em que há fortes diferenças culturais com base regional ou étnica, os meios são o instrumento para socializar o público no âmbito do patrimônio da cultura nacional.
- **abordagens críticas:** ver autores como Adorno, Marcuse, a Escola de Frankfurt e outros. Uma tese transversal desta escola de pensamento prevê a necessidade de uma educação ao uso dos meios, a ponto de desenvolver o senso crítico dos usuários e a capacidade de escolher aqueles mais moral, cultural e socialmente edificantes. É a premissa de disciplinas, áreas de estudo e de intervenção como a *media education* e a *educomunicação*”.

MP3

“Contração de MPEG-1, *layer 3, standard* de compressão dos arquivos de áudio. MP3 foi experimentado na Alemanha, em 1987, e aprovado pelo *Moving Picture Experts Group* do ISO em 1992. O seu uso foi difundido pela Internet, resultando um enorme sucesso e colocando em crise a indústria discográfica. Graças ao MP3 é possível baixar da *Web*, no disco rígido do próprio computador, um CD de áudio completo, ocupando um décimo do espaço normalmente necessário. São muitos os *sites* que permitem baixar músicas gratuitamente. Na medida em que esta tecnologia já se tornou um padrão na Rede, foram comercializados também os primeiros dispositivos para ouvir música em formato MP3 sem suporte de gravação, que abrem uma nova fronteira no mundo da distribuição discográfica”.

Multimedialidade

“A multimedialidade interativa é uma tecnologia derivada do hipertexto que, para além das características de descontinuidade, não linearidade e presença de *links*, prevê a coexistência de diversas linguagens simbólicas de comunicação da cultura, das informações e do entretenimento, associando sobre o mesmo suporte físico do *hardware* a imagem gráfica, fotográfica, cinematográfica, tridimensional, musical e sonora. A interatividade se caracteriza pela vasta gama de propostas que o próprio *software* apresenta a cada solicitação de informação feita pelo usuário. Na aplicação à educação e à instrução, a multimedialidade interativa, além de oferecer as vantagens próprias da coexistência de linguagens, se enriquece com os modelos comunicativos que integram desde a comunicação interpessoal até a de massa e propõe modalidades psicológicas de fruição que estimulam contemporaneamente os processos perceptivos, emotivos, cognitivos. As oportunidades de utilização da multimedialidade são inumeráveis e cobrem uma vasta gama de interesses e necessidades. Compreendem o campo da instrução e da ciência, da medicina, da catequese e pastoral, da busca de informação e do divertimento. Pode-se produzir livros animados, consultar enciclopédias, atlas, grandes coleções de textos literários e musicais, manuais de todo tipo, cursos teóricos e práticos, simulações, programas *ad hoc* para empresas, jogos educativos e de entretenimento para todas as idades. Muito interessante é, na verdade, o filão da *edutainment* (nascido da fusão do termo *education* e *entertainment*) que se baseia na exigência de aprender divertindo-se e estimula novas considerações pedagógicas e didáticas a respeito do processo de ensino/aprendizagem”.

My media

“Termo introduzido por Nicholas Negroponte em oposição a *mass media*. O *my media* é uma mídia altamente personalizada, na qual o usuário compõe sua programação e decide o que deseja ver, ler ou escutar, solicitando-o ao computador ou à TV, graças a instrumentos interativos e a *softwares* apropriados que buscam as informações desejadas”.

Neonomadismo

“Condição paradoxal do homem contemporâneo, proprietário de meios para comunicar e trabalhar em todos os lugares e, portanto, potencialmente desvinculado das coordenadas espaço-temporais bem definidas. O advento das novas tecnologias favorece como destino certo a imobilidade total. O homem da sociedade digital – é esta, por exemplo, a tese de Paul Virilio – seria um tipo de parálítico tecnológico grudado à sua cadeira, destinado a gozar de todas as experiências de modo substitutivo, graças a telas, capacetes e instrumentos interativos que o tornariam um turista virtual, em grau de transferir-se a qualquer lugar sem precisar se deslocar. De outra parte, porém, a difusão dos telefones celulares, sempre mais semelhantes a verdadeiros e próprios computadores, dos *palm top* e em geral das tecnologias *wireless* (sem fio) evidencia a tendência rumo ao nomadismo, ou a possibilidade de fruir qualquer benefício, mas também a invasão das tecnologias da comunicação. Trata-se na realidade de dois aspectos da mesma evolução: de um lado a materialização do corpo, reduzido a ícone virtual transferível com um clique do *mouse*, pronto para comunicar, portanto para estar presente (virtualmente) em qualquer lugar, e de outra parte, a realização concreta desta possibilidade, a mobilidade real do corpo, que se mantém sempre conectado a uma rede de telecomunicações”.

Netiquetas

“Fusão de duas palavras: *network* e etiquetas; é o neologismo para ‘etiquetas da Internet’. Também na Rede existem ações que revelam pouco ou quase nenhum respeito pelos outros e por isso devem ser evitadas. Por exemplo, é uma expressão de boa educação responder prontamente aos *e-mails*; usar a máxima cortesia e gentileza; não ‘saturar’ a Rede multiplicando inutilmente as mensagens que estão em circulação, uma vez que a velocidade com a qual as mensagens são trocadas é um bem comum; não apenas limitar-se a buscar informações na Rede, mas também fornecê-las”.

Network

“Rede de emissoras radiofônicas ou televisivas conectadas entre si, de modo a cobrir uma área mais vasta com a mesma programação e também operar conjuntamente sobre o mercado publicitário. No curso dos anos, o sistema de interconexão entre as várias estações da *network* sofreu notáveis variações, podendo contar com tecnologias sempre mais evoluídas. Passou-se da situação em que mais retransmissores captavam e transmitiam o sinal num território amplo, ao uso da conexão via satélite, permitindo a criação de *network* mundiais, à conexão via cabo, que garante um sinal sem interferência. A longo prazo, formas diversas de interconexão substituirão a *network* e darão ao usuário a possibilidade de selecionar na emissora desejada o programa de maior interesse”.

New media (novas mídias)

O conjunto dos novos meios de comunicação constituídos pela Internet, TV digital, suportes multimídia, telefonia celular e telemática, resultado de avanços tecnológicos cujas bases comuns foram colocadas no fim dos anos 70. Três linhas evolutivas, em particular, favoreceram a discussão sobre os new media: o desenvolvimento dos computadores e da microeletrônica, os processos nas tecnologias para a transformação do sinal analógico em digital, e – no setor das infra-estruturas de telecomunicação – a invenção das fibras óticas e o uso dos satélites para conexão *wireless*. Os computadores não são apenas concebidos como meros instrumentos de cálculo ou transformação de informações codificadas, mas também como instrumentos de suporte à comunicação. Um dos aspectos fundamentais que une os *new media* é a sua predisposição à interatividade, o instaurar-se de um relacionamento completamente novo com o usuário, chamado a participar da produção do conteúdo, segundo formas e modalidades diversas de acordo com o meio.

Novas dependências

“A relação Internet e jovens, se de uma parte suscita novos e impensados recursos para a educação e a comunicação, de outra parte oferece riscos e perigos. Sem dúvida, a comunicação em Rede, com as suas características de velocidade, instantaneidade, economia, preservação do anonimato, formação de grupos, pode determinar em personalidades psicológica e socialmente frágeis desvios de comportamento. Chega-se assim a cunhar um termo para identificar quase uma passagem de estado: de navegador a naufrago da Rede e agrupar as ‘novas dependências’ que nascem da Internet e na Internet. Alguns perigos estão ligados à superabundância de informação (*overload information*): a quantidade e extrema versatilidade das notícias presentes na *Web* geram, de uma parte, um sentimento de poder já que, qualquer um que se conecte à Rede está potencialmente em grau de acessar todo tipo de informação, de estar atualizado 24 horas por dia, 7 dias por semana. Há ainda riscos ligados a usos disfuncionais da Internet que, em alguns sujeitos, comprometem o equilíbrio psicológico e a dimensão relacional: são os fenômenos psicopatológicos relativos a Internet, o *tech-abuse*, o transe desencadeado pelos monitores de vídeo”.

Open Source (fonte aberta)

“É um *software* de código aberto, literalmente traduzível como fonte aberta, em contraposição à definição logicamente antiética de fonte fechada, e se refere à modalidade com a qual os programas predispostos por aparelhos eletrônicos de diversas naturezas são colocados à disposição dos usuários. Enquanto que a licença do *software* proprietário, ou a fonte fechada, limita de vários modos as capacidades de uso ou de copiar o programa, a licença OSS confere, na realidade, ao usuário uma série de capacidades extremamente amplas”.

Paradigma

“Na acepção epistemológica, paradigma é o conjunto coerente de teorias e métodos que caracterizam uma fase do desenvolvimento de uma determinada ciência. Em Linguística, indica o conjunto sistemático das unidades da língua, consideradas fora do contexto”.

Peer-to-peer (ponto a ponto)

“Geralmente por *peer-to-peer* (ou P2P) se entende uma rede de computadores ou qualquer rede informática que não possui *client* ou servidores fixos, mas um número de nós equivalentes (*peer*, precisamente) que atuam seja como *client* ou como servidor em relação a outros nós da Rede. Este modelo é a antítese da arquitetura *client-server*. Mediante esta configuração, qualquer ponto (nó) está em grau de iniciar ou completar uma transação. Os nós equivalentes podem diferir na configuração local, na velocidade de elaboração, na capacidade da banda e na quantidade de dados memorizados. O exemplo clássico de P2P é a rede para o compartilhamento de arquivos *sharing*”.

Poder (e comunicação)

“A relação entre comunicação e poder se apresenta especialmente sob dois aspectos. Um diz respeito às relações que a comunicação e os seus instrumentos entretêm com os poderes externos a estes: poderes políticos, econômicos, poderes eclesiásticos e profissionais. Neste sentido, o elemento relevante é a liberdade da comunicação e os seus eventuais limites. O segundo sentido de tal relação é o poder da comunicação, a comunicação em si como forma de poder. Neste segundo sentido, podemos distinguir o poder que nasce do domínio exclusivo de informações que podem ser comunicadas ou, do contrário, mantidas em segredo, do poder que em geral resulta da possibilidade (portanto da disponibilidade dos instrumentos de comunicar) e não somente da capacidade de comunicar: condições que, pelos conteúdos transmitidos, mas também prescindindo destes, pela vastidão e invasão dos meios, influenciam a vida política, as atitudes sociais, a cultura, a vida moral. Com frequência, se debate em torno do poder da mídia. Uma primeira posição é a de McLuhan, pela qual o poder da comunicação não é somente aquele de um determinado sujeito (por exemplo, o proprietário dos meios que persegue objetivos específicos), quanto o fenômeno em si da transformação e da expansão de tais instrumentos: da comunicação verbal, à escrita na imprensa, até os modernos instrumentos eletrônicos. Uma outra posição vê nas mídias, no seu domínio e na sua disponibilidade, o constituir-se do assim chamado ‘quarto poder’ que se soma aos três clássicos poderes da ordem constitucional (legislativo, executivo e judiciário) ao estabelecer os fundamentos da sociedade democrática. O próprio poder da comunicação pública assume papéis e sinais diferentes de acordo com a mudança das condições históricas (subserviente aos estados totalitários, à propaganda, à manipulação mais ou menos preponderante da informação, etc.). Outra faceta do tema é aquela elucidada pelo notável *Re-*

latório McBride da UNESCO, que destaca o desequilíbrio complexo que se verifica, a propósito da comunicação, entre o mundo desenvolvido e as áreas meridionais do subdesenvolvimento. Aqui, os meios de comunicação e os conteúdos da comunicação provêm das áreas ricas do Norte e, portanto, difundem cultura, modos de vida, informações políticas e econômicas que servem aos interesses das áreas desenvolvidas e das potências que as governam, mantendo em condição de constrangimento os povos em vias de desenvolvimento”.

Portal

“É um *website* que funciona como ‘entrada temática’ ou como ‘plataforma’ para a exploração da Internet. Funciona como verdadeiro condutor do usuário, justamente porque oferece um conjunto de informações, de instrumentos e de serviços capazes de ‘ordenar o universo’ complexo e caótico da Rede, privilegiando temáticas específicas. O que melhor caracteriza um portal é justamente a sua orientação à satisfação do cliente em potencial e a consequente adoção de tecnologias em grau de fornecer serviços personalizados. Em geral, um portal oferece espaços *Web* e *e-mail* gratuitos, consultas a banco de dados específicos, informativos personalizados (semelhante a um boletim de imprensa), *chat*, comunidades virtuais, *sites* de busca, *links* organizados por categorias temáticas”.

Realidade virtual

“Com este termo se designa um mundo paralelo ao real, constituído de imagens sintéticas (isto é, elaboradas pelo computador), com as quais o usuário pode entrar em contato atravessando-o ou manipulando objetos contidos neste. O conceito aparece pela primeira vez em 1965, quando o pai da animação computadorizada, Ivan Sutherland, faz referência a uma montagem capaz de construir um ‘país matemático das maravilhas’ no qual todos os estímulos percebidos por um sujeito podem ser substituídos por estímulos gerados eletronicamente. A intuição, relativamente simples, que está na base da descoberta é que uma forma geométrica qualquer, possível de ser descrita matematicamente, pode existir dentro de um espaço gerado por um computador”.

RL (Real Life)

“Sigla utilizada na Rede para indicar o que acontece fora do ciberespaço. Como escreve a psicóloga Sherry Turkle (1996) no seu livro *La vita sullo schermo* (A vida na tela), para muitos internautas, ‘A vida real é somente uma janela na tela e nem sempre a melhor’”.

Second Life

“*Second Life* (SL) é um mundo virtual 3D *on-line*, de domínio da LindenLab, inteiramente construído e de propriedade dos seus moradores. Desde o ano de sua abertura ao público (2003) tem crescido rapidamente e hoje os seus habitantes somam

um total de 7.827.712, provenientes de todo o mundo. Entrando no Second Life se descobre de imediato um enorme continente digital, um aglomerado de pessoas, entretenimento, experiências e oportunidades. Depois de ter explorado um pouco, é fácil encontrar um terreno perfeito para construir a própria casa ou a própria atividade. No mundo de SL se está circundado por criações dos outros habitantes. Os moradores possuem os direitos das suas criações digitais e podem, portanto, vender, comprar e comercializar com outros habitantes. É acessível via Internet com um *software* baixado da *Web*, e se interage com os conteúdos e com os outros moradores através de uma representação digital de nós mesmos, o avatar”.

Shareware

“*Software* distribuído livremente pela Internet que, se utilizado, requer o pagamento de uma quantia (em geral embutida) para o seu criador. Trata-se de programas protegidos por *copyright*, bem diferente do que acontece com o *software freeware*”.

Social Network

“É uma rede social e consiste em um grupo qualquer de pessoas conectadas entre si por diversos laços sociais, que vão desde o conhecimento casual aos relacionamentos de trabalho, aos vínculos familiares. As redes sociais são geralmente usadas como base de estudos interculturais em sociologia e antropologia. O fenômeno da *social network* nasceu nos Estados Unidos e se desenvolveu em torno de três grandes filões temáticos: o âmbito profissional, o da amizade e o dos relacionamentos amorosos”.

Teologia da comunicação

“Ouvir, testemunhar, reunir-se, compartilhar, celebrar: estas ações pertencem todas à experiência cristã mais comum. Tais aspectos recebem luz nova graças aos contemporâneos conhecimentos sobre a comunicação. Três elementos caracterizam a teologia da comunicação, âmbito disciplinar em via de definição: 1) o que fundamenta a teologia da comunicação é o evento cristão enquanto tal que implica sempre uma relação entre Deus e os homens, entre os membros de uma comunidade cristã e entre as comunidades cristãs e o resto da humanidade. O evento cristão – tanto em nível de fé quanto de pertença – constitui o lugar onde se entrelaçam as comunicações; 2) o cristianismo na sua história sempre se interessou pelas formas comunicativas da própria mensagem (a Bíblia, antes de tudo, a pregação, a natureza das imagens, os sacramentos, etc.). Uma teologia da comunicação deve levar em conta a originalidade das revoluções que reconfiguraram não só os instrumentos e os sistemas de comunicação, mas também os seus usos e efeitos; a avaliação das novas relações entre indivíduos, grupos, povos; 3) esta representa não um dado antropológico periférico, mas uma dimensão fundamental da existência dos indivíduos e da sociedade, uma categoria antropológica central. A comunicação possibilita uma porta de ingresso a muitos dos debates atuais”.

Usabilidade

“Refere-se a um conjunto de características, graças às quais, um produto satisfaz as exigências implícitas e explícitas das pessoas que o utilizam (os usuários finais) e de ser facilmente compreendido e usado. A usabilidade não se refere somente aos produtos *software*; pode ser estendida a todos os instrumentos com os quais o homem interage: desde os utensílios de trabalho aos objetos de uso cotidiano (como o celular, o forno microondas, o estéreo), à mesa de controle dos processos. Comumente se faz referência à usabilidade também com o termo *user friendly*, para indicar justamente as características de facilidade de uso que consentem a usuários não expertos interagir eficazmente com o produto”.

Verbal e não verbal (comunicação)

“Na comunicação humana, indica os elementos expressivos envolvidos na comunicação que não prevê o uso articulado e modulado da voz. Antes de tudo, constitui um traço do regime da globalidade comunicativa que caracterizava a comunicação humana nos inícios da era da oralidade. O homem, antes do advento da escrita, comunicava com toda a sua pessoa e isto continua valendo ainda hoje no caso da comunicação verbal. A comunicação é a condição irrenunciável do homem: o seu verdadeiro e próprio fundamento existencial. Célebre é o slogan da Escola de Palo Alto: ‘é impossível não comunicar’. O corpo deve ser considerado como a entidade particular portadora de significado e dotada de intencionalidade comunicativa. Falar de comunicação não verbal significa referir-se a uma linguagem particular do corpo regulada por processos definidos e mecanismos nervosos específicos. Os principais sistemas não-verbais de significação são: vocal (tom, pronúncia, intensidade, etc.), proxêmico (que diz respeito à distância pessoal) e cinestésico (movimentos do corpo, do rosto, dos olhos). Cada um destes sistemas contribui na elaboração do significado de um ato comunicativo”.

Verbal ou oral (comunicação)

“É aquele modo específico de comunicação humana que permite a troca de informações entre dois ou mais interlocutores através da linguagem verbal, mesmo que com o significado repleto de elementos não verbais. Existe uma diferença entre a linguagem verbal e vocalização. No segundo Bertocaso, o termo se refere somente à possibilidade de produzir sons, enquanto que a linguagem verbal pode ser definida como o sistema de comunicação que utiliza o canal vocal-auditivo, constituído por sinais arbitrários sintaticamente interligados. A linguagem, neste sentido, se apresenta como um processo de tipo cultural que se baseia sobre raízes biológicas fundamentais”.

Wireless

“Termo referente às telecomunicações celulares ou via satélite, que não necessitam de cabos para difundir conteúdos e oferecer serviços interativos. A tendência à adoção de tecnologias e serviços *wireless* é sempre mais acentuada, como denota a

difusão dos telefones celulares, repletos de funções avançadas de elaboração e comunicação que se assemelham a *palm top* ou PDA, além da depuração do protocolo WAP. 'A grande inovação do próximo milênio? A mobilidade total', afirma o escritor de ficção científica Arthur C. Clarke".

Para a redação do presente glossário foram usadas diversas fontes, cujas partes copiadas na íntegra encontram-se entre aspas do tipo. Em particular:

Para os vocábulos: *Antropologia cultural, Aprendizagem (novo estilo), Computer Mediated Communication, Comunicação social (ou de massa), Concentração cultural, Ciberantropologia, Cibercultura, Cibersociedade, Ciberespaço, Direito (e comunicação), E-book, E-learning, Ética da comunicação, Interatividade, Interpessoal (comunicação), Intrapessoal (comunicação), Hipertexto, Mídia e cultura, Multimedialidade, Netiquetas, Network, Paradigma, Portal, Poder (e comunicação), Realidade virtual, Teologia da comunicação, Usabilidade, Verbal e não-verbal (comunicação), Verbal ou oral (comunicação):*

LEVER Franco; RIVOLTELLA Pier Cesare; ZANACCHI Adriano. *La Comunicazione: Il Dizionario di Scienze e Tecniche*. Roma: Leumann ; Torino, Rai; Eri-LAS; Elledici, 2002.

Para os vocábulos: *Autoestradas da informação, Avatar, Community, Convergência digital, Cracker-Hacker, Cibernauta, Digitalização, eBay, Gnu, Novas dependências, Open Source, Peer-to-peer, Second Life (SL), Social Network, Sociologia (da comunicação):*

BERTOLINI, Piero; MANINI, Milena. *I figli della Tv*. Firenze: La Nuova Italia, 1993.

CANTELMI, Tonino; D'ANDREA, Alessia. "Fenomeni psicopatologici Internetcorrelati: osservazioni cliniche". In: CANTELMI, Tonino et al. *La mente in Internet. Psicopatologie delle condotte on-line*. Padova: Piccin 2000.

CANTELMI, Tonino; GRIFO, Giardina Lisa . *La mente virtuale. L'affascinante ragnatela di Internet*. Cinisello Balsamo: Edizioni San Paolo, 2002.

DI MARIA, Franco. "Gruppi telematici e dinamiche virtuali". In: DI MARIA Franco; CANNIZZARO, Stefania. *Reti telematiche e trame psicologiche. Nodi, attraversamenti e frontiere di Internet*. Milano: Franco Angeli, 2000.

FERRARIS, Anna Oliverio. *TV per un figlio*. Bari: Laterza, 1999;

MARAGLIANO, Roberto. *Nuovo manuale di didattica multimediale*. Bari: Laterza, 1998.

PELLITTERI, Marco. *Conoscere l'animazione*. Roma: Valore Scuola, 2004.

Sitegrafia:

Portal Nacional do Cidadão em <<http://www.italia.gov.it>>.

Wikipédia a Enciclopédia livre em <<http://www.wikipedia.it>>.

Free Software Foundation em <<http://www.gnu.org/home.it.html>>.

Dicionário de Informática em <<http://www.dizionarioinformatico.com/>>.

Portal italiano de *Second Life* em <<http://www.secondlife.it>>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARRACÍN, Germán Parra. Bases Epistemológicas de la Educomunicación: definiciones y perspectivas de su desarrollo. Quito: Ediciones Abya Yala; Universidad Politécnica Salesiana-Facultad de Ciencias Humanas y Sociales, 2000.

BACCEGA, M. Aparecida (Org.). Metodologias da educação para comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina: gestão de processos comunicacionais. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTÍN BARBERO, Jesús. "Desafios culturais da Comunicação à Educação". In: Comunicação & Educação. São Paulo: n. 18, maio-ago. 2000.

_____. "Heredando el futuro: pensar la educación desde la comunicación". In: Nómadas. Bogotá: DIUC, 1995.

BARBOSA, Rommel Melgaço. Ambientes virtuais de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BARBOSA, F. A.; CASTRO, C.; TOME, T. Mídias digitais, convergência e inclusão social. São Paulo: Paulinas, 2005.

CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003.

CITELLI, Adílson. Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e tevê, rádio, jogos, informática. São Paulo: Cortez, 2000.

CHIAPINI, Lígia. Reinvenção da catedral: língua, literatura, comunicação, novas tecnologias e políticas de ensino médio. São Paulo: Cortez, 2005.

COSTA, Cristina. Educação, imagem e mídias. São Paulo: Cortez, 2005, v. 12.

_____. Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico. São Paulo: Moderna, 2004.

COSTA, Maria Cristina Castilho. Educomunicador é preciso! Disponível em <www.jornalescolar.org.br/site/1376/nota/18222>. Acessado em 30-10-2007.

_____. Gestão da comunicação: projetos de intervenção. São Paulo: Paulinas, 2009.

ÉBOLI, Terezinha. Uma experiência de educação integrada: Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

ECOSAM (Equipe de Comunicação Social do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora). Proposta de Educomunicação para a Família Salesiana. São Paulo: Salesiana, 2001.

FÍGARO, Roseli (Org.). Gestão da comunicação no mundo do trabalho, educação, terceiro setor e cooperativismo. São Paulo: Atlas, 2005.

GAIA, Rossana Viana. Educomunicação & mídias. Maceió: Edufal, 2001.

GOMEZ, Margarita Victoria. Educação em rede, uma visão emancipadora. São Paulo: Cortez, 2004.

INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. Educomunicação: pequenos passos na nova cultura. Roma: Instituto FMA, 2008.

HENRIQUES, Márcio Simeone (Org.). Comunicação e estratégia de mobilização social. Belo Horizonte: Gênese, 2002.

JACQUINOT, G. O que é um educador? Disponível em <www.usp.br/nce>. Acessado em 27-1-2007.

KURZWEIL, Ray. A era das máquinas espirituais. São Paulo: Aleph, 2007.

LEÃO, Lucia. O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Senac, 2005.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. "Temas contemporâneos em comunicação: a comunicação no espaço educativo: possibilidades e limites de um novo campo profissional". In: Intercom. São Paulo: Edicom; Intercom, 1997.

MACHADO, Arlindo. O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço. São Paulo: Paulus, 2007.

MELO, José Marques de (Org.). et al. Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mario Kaplún. São Bernardo do Campo: Unesco; Universidade Metodista, 2006.

MORAES, Dênis de (Org.). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

NAGAMINI, Eliana. Literatura, televisão, escola: estratégias para leitura de adaptações. São Paulo: Cortez, 2004, v. 11.

- OROZCO GOMÉZ, G. "Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI". In: Comunicação & Educação. São Paulo: v. 23, jan. abr. 2002, _____."Comunicação de massa na era da Internet". In: Comunicação & Educação. São Paulo: CCA-Ecausp; Paulinas, a. XI, n. 3, set. dez. 2006.
- PINHEIRO, A.; PAIVA F. Somzoom: música para fazer a festa. Texto apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos: Intercom, set. 2007.
- PIZZOTTI, Ricardo. Enciclopédia básica da mídia eletrônica. São Paulo: Senac, 2003.
- SANTAELLA, Lucia. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.
- SANTOS, Elísio dos. et al. (Orgs.). Mutações da cultura midiática. São Paulo: Paulinas, 2009.
- SCHAUN, Angela. Educomunicação: reflexões e princípios. Rio de Janeiro: Mauad; Fapesb; Fapex, 2002.
- _____. Práticas educacionais: Araketu, Ile Aiye, Olodum e Pracatum. Rio de Janeiro: Mauad; Fapesb; Fapex, 2002.
- _____. "Educomunicadores como agentes de transformação: uma perspectiva ética da inter-relação/comunicação". In: Mídia e educação: perspectivas para a qualidade da informação. Brasília: Ministério da Educação, 2000.
- SETZER, Valdemar. Meios eletrônicos e educação: uma visão alternativa. São Paulo: Escrituras, 2001.
- FILHO, Genésio Zeferino da Silva. Comunicação e pastoral: como melhorar a comunicação nas ações e eventos pastorais. São Paulo: Salesiana, 2003.
- FILHO, Genésio Zeferino da Silva; COSTA, Antônio Carlos Gomes da. A educação salesiana em tempos de travessias. Belo Horizonte: Cesap, 2002.
- SIQUEIRA, Ethevaldo. Para compreender o mundo digital. São Paulo: Rede CBN; Globo, 2008.
- SOARES, Ismar de Oliveira. "Comunicação, educação: a emergência de um novo campo e o perfil dos profissionais". In: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação. Brasília: UNB, jan. mar. 1999. Disponível em <www.rbc.org.br/educom/intercom/educom_emergencia_do_campo.pdf>.
- _____. "Educomunicação: a consolidação de um conceito, em dezoito anos de trabalho". In: Comunicação & Educação. São Paulo: ECA/USP, v. 2, 2007.

_____. "Educação à distância como prática educomunicativa: emoção e envolvimento na formação continuada de professores da rede pública". In: Revista da USP. São Paulo: USP, v. 55, n. set. nov., 2002.

_____. "Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação". In: Comunicação & Educação. São Paulo: USP, v. 23, n. jan. abr., 2002.

_____. "A comunicação no espaço educativo: possibilidades e limites de um novo campo profissional". In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Temas contemporâneos em comunicação. São Paulo: Edicom; Intercom, 1997.

_____. "EaD como prática educomunicativa: emoção e racionalidade operativa". Disponível em <www.usp.br/nce>. Acessado em 27-1-2007.

_____. "Uma educomunicação para a cidadania". Disponível em: <www.usp.br/nce>. Acessado em 27-1-2007.

_____. "Planejamento e avaliação dos projetos de comunicação". Disponível em <www.usp.br/nce>. Acessado 27-1-2007.

_____. "O perfil do educomunicador". Disponível em <www.usp.br/nce>. Acessado em 27-1-2007.

_____. "Educomunicação no mundo empresarial". In: Revista Líderes. São Paulo, fev. 2008. Disponível em: <www.lideres.com.br>.

SPYER, Juliano. Conectado: o que a Internet fez com você e o que você pode fazer com ela. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

STOKES, Donald E. O quadrante de Pasteur; a ciência básica e a inovação tecnológica. Campinas: Unicamp, 2005.

TEDESCO, Juan Carlos (Org.). Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza? São Paulo: Cortez, 2004.

TENÓRIO, Robinson Moreira. Cérebros e computadores: a complementaridade analógico-digital na informática e na educação. São Paulo: Escrituras, 1998.

PERIÓDICOS

Educomunicación: un concepto y una práctica de red y relaciones, Redes, Gestión y Ciudadanía. Quito: OCLACC, 2001.

"Educommunication: the Emerging New Field". In: Telemedium Spring 2000. Madison: v. 46, n. 1, 2000.

“Educomunicação: comunicación y tecnologías de la información en la Reforma de la Enseñanza Americana”. In: Diálogos de la Comunicación. Lima: Felafacs. n. 59-60, octubre/2000.

“Comunicação/educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”. In: Contato; Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação. Brasília: a.1, n. 2, jan. mar.,1999.

“La Comunicación/Educación como nuevo campo del conocimiento y el perfil de su profesional”. In: Nexus: Revista da Universidade Anhembi-Morumbi. a. 3, n. 5, 2o sem. 1999.

“La Educomunicação como desafío para nuestras organizaciones”. In: Arandú. Quito: a. 10, n. 14. set. dez.1999.

NÓMADAS. Bogotá: Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos – Universidad Central. Disponível em <www.ucentral.edu.co>.

“Educomunicadores como agentes de transformação: uma perspectiva ética da inter-relação/comunicação”. In: Mídia e educação: perspectivas para a qualidade da informação. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

“A comunicação no espaço educativo: possibilidades e limites de um novo campo profissional”. In: Perspectiva. Florianópolis: v. 13, n. 24, 1996.

“Educomunicação, um campo de mediações”. In: Comunicação & Educação. São Paulo: a. 7, n. 19, set. dez. 2000.

“Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”. In: Contato; Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação. a. 1. n. 2, jan. mar. 1999.

“Bibliografia especializada em Comunicação e Educação”. In: Revista Comunicação e Educação. São Paulo: Moderna, v. 5, 1996.

“Bibliografia especializada em Comunicação e Educação”. In: Revista Comunicação e Educação. São Paulo: Moderna, v. 6, 1996.

“Bibliografia especializada em Comunicação e Educação”. In: Revista Comunicação e Educação. São Paulo: Moderna, v. 7, 1996.

SITES

<www.eca.usp.br/comueduc>.
<comueduc@edu.usp.br>.
<www.usp.br/nce>.
<www.intercom.org.br>.
<www.infoamerica.org>.
<www.usp.br/educoradio>.
<www2.metodista.br/unesco/PCLA/revistall>.
<www.ucbc.org.br>.
<www.muticom.com.br>.
<www.cidade.usp.br/educar>.
<www.artenaescola.org.br/adm/cadastros>.
<www.artenaescola.org.br/extra_questionario_0310_>.
<www.brasilia.unesco.org/areas/ci/areastematicas/acessoinfo/bibliotecaDigital-Mundial>.
<www.brasilia.unesco.org/publicacoes/lancamentos>.
<www.ibge.gov.br/home/>.
<http://aprendiz.uol.com.br/content/pehipureve.mmp>.
<www.obore.com/>.
<http://educomunicacao.wordpress.com/>.
<www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/entrevistas/ismar-soares-define-o-conceito-de-educomunicacao>.
<http://simposioeducom.blogspot.com/>.
<www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>.
<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/eventos/conteudo_349874.shtml>.
<www.oktiva.net/oktiva.net/1209/secao/23563>.
<www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/148.pdf>.
<www.comunicacao.pro.br/setepontos/13/cmmca_educom.htm>.
<www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/projetos%209-1.htm>.
<www.cnbb.org.br>.
<www.educomvida.com.br/noticias/educomunicacao>.
<http://vivoeduca.ning.com/profiles/blogs/educomunicacao-estara>.
<http://fac.correioweb.com.br> – Fundação Assis Chateaubriand.
<www.institutobardi.com.br> – Instituto Lina e P.M.Bardi.
<www.masp.art.br> – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

ORGANIZAÇÕES

Rede Nacional de Comunicação, Educação e Participação – Rede CEP
Secretaria Executiva
Rua Gonçalo Afonso, 55 – Vila Madalena
São Paulo – SP – CEP: 05436-100
Tel.: (11) 3034-4046
<www.redecep.org.br>.

Auçuba – Comunicação e Educação
Rua Quarenta e Oito, 668 – Encruzilhada
Recife – PE
Tel.: (81) 3426-6386
<www.aucuba.org.br>.

Bem TV – Educação e
Rua Hernani Pires de Melo, 64 – São Domingos
Niterói – RJ
Tel.: (21) 3604-1500
E-mail: bemtv@bemtv.org.br
<www.bemtv.org.br>.

Centro de Criação da Imagem Popular (Cecip)
Largo de São Francisco de Paula, 34 / 4º andar – Centro
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20051-070
E-mail: cecip@cecip.org.br
<www.cecip.org.br>.

Cidade Escola Aprendiz
Rua Belmiro Braga, 146 – Vila Madalena
São Paulo – SP – CEP: 05432-020
Tel./fax: (11) 3819-9225 / 3819-9226 / 3812-5637 / 3813-7719
E-mail: info@aprendiz.org.br
<www.aprendiz.org.br>.

Cipó Comunicação Interativa
Av. Oceânica, 3784 – Morro da Paciência – Rio Vermelho
Salvador –BA – CEP: 41950-080
Tel.: (71) 3503-4477 / 3331-3762
<www.cipo.org.br>.

Ciranda
Rua Desembargador Westphalen, 1373 – Rebouças
Curitiba – PR – CEP: 80230-100
Tel.: (41) 3023-3925
<www.ciranda.org.br>.

Comunicação e Cultura
Rua Castro e Silva, 121 – Centro
Fortaleza – CE – CEP: 60030-010
Tel.: (85) 3455-2150 / Fax: (85) 3455-2154
E-mail: comcultura@comcultura.org.br
<www.comcultura.org.br>.

Movimento de Organização Comunitária
Rua Pontal 61 – Cruzeiro
Feira de Santana – BA – CEP: 44017-170
Tel.: (75) 3322-4444 / Fax: (75) 3322-4401
E-mail: comunica@moc.org.br
<www.moc.org.br>.

Núcleo de Comunicação e Educação – Universidade de São Paulo
Av. Prof. Lucio Martins Rodrigues, 443, bloco 22, sala 26 – Cidade Universitária
São Paulo – SP – CEP: 05508-900
Tel.: (11) 3091-4784
E-mail: izabelwiz@gmail.com
<www.usp.br/nce>.

Oficina de Imagens
Rua Salinas, 1101 – Santa Tereza
Belo Horizonte – MG – CEP: 31015-365
Tel.: (31) 3482.0217
<www.oficinadeimagens.org.br>

Saúde e Alegria
Av. Mendonça Furtado, 3979 – Liberdade
Santarém – PA – CEP: 68040-050
Tel.: (93) 3067-8000 / Fax: (93) 3067-8005
E-mail: psa@saudeealegria.org.br
<www.saudeealegria.org.br>.